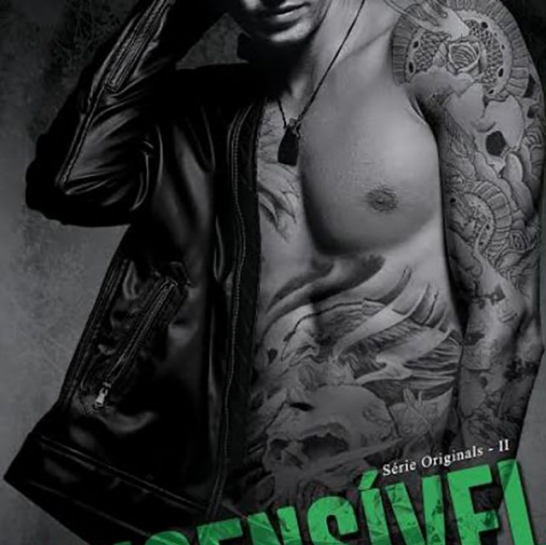




Série Originals - II

INSENSÍVEL

"Ele não queria se entregar ao amor, até hoje..."

ANDY COLLINS





Série Originals - II

INSENSÍVEL

"Ele não queria se entregar ao amor, até hoje..."

ANDY COLLINS



Copyright © 2017 Editora Planeta Literário

Copyright © 2017 Andy Collins

Diretor editorial: Editora Planeta Literário

Capa: Dri K.K.

Revisão: Alpha Books

Diagramação Digital: Carla Santos

ISBN: 978-85-68292-74-7

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão do autor e/ou editor.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Epílogo

Nota da autora

Agradecimentos

Biografia

Obras

Saiba mais sobre a Editora PL

Dedicatória

Esta obra é dedicada a todos os leitores, que aguardaram pacientemente pelo nosso playboy, eu sei que a espera foi longa, e desejo do fundo do coração, que tenha valido a pena.

Que país é esse onde o preconceito está guardado em cada peito? Que país é esse onde as pessoas não podem ser iguais, devido a suas classes sociais?

Bob Marley.

1

“It's hard to remember who I was, When this began (When this all began) It's hard to take the lessons that I've learned, And make amends”

Prince Of Fame - Submersed

Micah

Ressaca não é algo agradável, a boca amarga e a cabeça pulsando como se Josh estivesse batucando nela. Não, definitivamente não era agradável.

Abro os olhos quando escuto um gemido, passo a mão no rosto e olho para o lado. Ótimo, dou de cara com cabelos brancos, longos e lisos, que terminam quase no meio da bunda.

Quase.

Beber demais, dormir com uma desconhecida e ainda trazê-la no voo de volta para casa, ferrado nem chegava perto da definição da minha situação. Não devo ter dormido muito tempo, ainda estamos no jatinho, e o voo é de apenas oito horas, então a loira platinada geme novamente.

— Bom dia. — Ela vira e seus seios me cumprimentam, está nua e eu fixo meus olhos na tatuagem tribal que começa no vale entre seus seios e termina...

— Acho que seria boa tarde. — Dou um sorriso, ou a tentativa de um, a minha cabeça ainda dói e, provavelmente, comi algum animal morto pelo gosto que sinto na boca.

— Acorda, Playboy, vamos pousar daqui a meia hora. — Braden bate na porta do quarto.

— Uau, não acredito que vamos pousar.

— Não se anime, você volta de lá mesmo.

— Como? — Ela parece surpresa.

— Não é como se eu fosse te levar para minha casa. — Levanto da cama.

— Não tenho como voltar. — Ela pega o lençol e se cobre.

— Isso não é problema meu — pego meu jeans e a camiseta, — acho que vai querer estar vestida quando pousarmos. — Jogo a roupa dela em cima da cama e saio do quarto.

— Consegue colocá-la no primeiro voo de volta? — digo para Troy quando sento ao lado dele.

— Ela tem ao menos um nome? — Ele desliga o tablet.

— Pergunte para ela. — Dou de ombros.

— Espero que tenha pelo menos algum documento com ela. — Ele suspira.

— Eu, realmente, não tive tempo de conferir sua identificação. — Sorrio.

— Não meta a gente em confusão, ok? Você está pior do que o Josh.

— Eu ouvi isso — Josh grita da poltrona.

— Era para ouvir mesmo — Troy rebate. — Ontem mesmo

precisei assinar um cheque para pagar os prejuízos que *você* causou naquele restaurante, e estou tentando *não* olhar a fatura do conserto do carro daquele cara. O que deu em você?

— Não levo desaforo para casa. — responde Josh e coloca os fones de ouvido.

Olho para frente, e Gael e Braden parecem bem absortos em uma conversa.

— Pague a conta, Troy, e não reclame, provavelmente teria feito o mesmo que o Josh.

Ele concorda e não toca mais no assunto. Troy além de nosso empresário é nosso amigo, e o que o Josh fez teve nosso total consentimento.

Semana passada estávamos jantando em um restaurante em Dublin, havia dois caras, que eram namorados e outro grupo de babacas que estava incomodando. Josh ia intervir, e Braden o segurou, quando o grupo viu, as piadas se voltaram contra nós.

Josh apenas olhou para Braden e ele o soltou, acredito que não tenha sobrado muitas mesas inteiras. E na saída, meu amigo simplesmente quebrou um Lamborghini com um cano de ferro.

Acho que Troy vai detestar ver o valor do prejuízo.

O lado positivo é que nada foi registrado, os babacas não registraram queixa, uma vez que arcamos com o prejuízo, e tudo se resolveu.

Mas Josh estava diferente desde esse incidente. Ele odiava esse tipo de reação das pessoas, e acho que é exatamente por isso que até hoje ele e Braden não se assumiram publicamente. Para caras com a cabeça tão fodida como as nossas, lidar com esse tipo de merda ao mesmo tempo seria loucura demais.

— Sua garota está com cara de poucos amigos. — Ele aponta para mulher que aparece no nosso campo de visão.

— Garanto a você que ela foi bem servida. — Pisco. Olho para a garota e ela é realmente uma visão e tanto. O cabelo branco dá personalidade, e o piercing na língua... porra, eu lembro muito bem qual a sensação de senti-lo explorando o meu pau.

Ela me ignora e pega uma revista, e agradeço internamente por isso. Ela já teve a sua cota de drama por hoje. Troy saberá como lidar com ela quando pousarmos. Ele sempre sabe.

Logo a tripulação avisa para apertarmos os cintos. Faço o que pedem e relaxo. Estar em casa depois de meses de estrada é um alívio. Gael, finalmente, vai parar de agir como paranoico, apesar de que pelo que conheço, meu amigo vai ficar muito pior quando estiver com a Hanna.

A gravidez só fez bem a ela, não só a ela, a todos nós. Uma nova vida é sempre bem-vinda e estamos todos felizes.

— Está nervoso? — Troy olha para os meus dedos, estou tamborilando no braço da poltrona.

— Não. — Não é totalmente uma mentira.

Meu nervosismo, talvez, esteja ligado ao fato de que estarei em casa, verei Hanna exibindo a barriga enorme de grávida e um sorriso deslumbrante no rosto, que meu amigo cuidará dela como se ela fosse incapaz de mover um músculo.

Pelo menos é disso que estou tentando me convencer desde que li uma matéria onde mostrava o bar da Callie, o The Rock, que foi capa de uma revista como um dos novos negócios que estavam prosperando na cidade. Em nenhuma página havia foto dela, apenas o nome vinculado ao bar.

O local era impressionante, e eu estava orgulhoso dela por ter conseguido isso. Mesmo sozinha, Callie era como uma força da natureza, uma mulher que só se deixava ser domada dentro do quarto. E era eu quem fazia isso.

E é por isso que, nesse exato momento, meus dedos estão inquietos, coçando com as possibilidades. Chicote? Vela? Mordaça? Abraçadeira? Amava cada uma das opções, e era somente com ela que eu as usava.

Formávamos uma boa dupla. Nada de cobranças, nada de dramas, apenas dor e prazer, na mesma proporção. E, porra, como sentia falta disso.

Sexo com groupies não chega nem perto de sexo com a Callie, e mesmo que a cadela mal-humorada esteja me ignorando, sei exatamente como chamar sua atenção.

Callie não saiu da minha cabeça desde o momento que li a reportagem, minhas tentativas de entrar em contato resultaram em alguns palavrões da parte dela, e depois silêncio completo, nenhuma notícia. Ela não retornava minhas mensagens e Troy me avisou quando ela mandou devolver no escritório as flores que enviei, parabenizando pela inauguração do bar.

Fria? Totalmente Callie, mas ela aquecia algo em mim que eu ainda não sabia identificar.

Assim que pousamos, Troy acompanhou minha convidada até o balcão da companhia aérea e providenciou sua volta.

— Saiu sem se despedir? — Gael se aproxima.

— Ainda não sei por que elas ainda se surpreendem — Braden fala e olhamos para Misha, que se afastava com Troy em seu encalço. Só aí me dei conta de que somente agora lembrei o nome dela.

— Cara, eu sou horrível — digo, sacudindo a cabeça.

— Aposto que nem sabe o nome dela — Gael fala.

— Pior que sei — digo tão rápido que os três me encaram — Acabei de lembrar, ok? — digo na defensiva.

— Você é um caso perdido. — Gael sai com Braden rindo e eu sigo com Josh.

Já estamos dentro do SUV quando o segurança avisa que todas as nossas bagagens já estão nos veículos. Ao que parece, temos um só para levar nossas coisas, e um ônibus para levar o equipamento.

Seguimos para casa do Gael, já que é como se fosse nossa casa também, ainda temos nossos quartos lá, mesmo com a ameaça constante de despejo da parte dele, Hanna diz que gosta de ter todos nós por perto.

Ligo meu celular e passo pela lista de contatos, envio uma mensagem rápida para minha mãe avisando que já estou na cidade e encaro o nome da Callie.

— Mudança de planos, vou ficar em outro lugar — digo e Gael me olha.

— A minha mulher passou a manhã inteira preparando uma recepção, você não vai fugir dessa, Playboy.

— Serei rápido.

— Você sabe muito bem como ela está com essa coisa toda da gravidez, então se ela ficar mal, você que terá que lidar com ela — ele fala.

— Droga, tudo bem, saio depois.

Faço uma busca no Google e salvo a localização do bar. Espero que a Callie não se importe em receber visitas.

Quando chegamos ao apartamento, Hanna é quem abre a porta. Ela está radiante e expõe com orgulho a grande barriga.

— Ai, meu Deus! — grita ela, ao nos ver. Gael corre para abraçá-la e depois beija a sua barriga. Ela se emociona com o gesto.

— Larga ela um pouco, papai, queremos nossa dose também. — Josh praticamente o empurra de lado. — Minha Garota do Tempo!

— Josh! — Ela enxuga as lágrimas e o abraça.

— Ow! Essa coisa está ficando cada vez maior. — Ele aponta para a barriga.

— Não chame meu filho de coisa, idiota. — Gael bate na cabeça dele.

— Não diga que estou ficando gorda, Josh — repreende Hanna.

— Bem, eu quase não consegui te abraçar dessa vez.

— Idiota. — Ela bate na cabeça dele e depois sorri.

— Como está? — É Braden quem a abraça agora.

— Melhor agora com todos vocês em casa. — Ele beija seu rosto e se afasta.

— Como está nosso garotão? — Passo a mão na sua barriga.

— Como vocês têm tanta certeza que é um menino? — Ela olha em meus olhos.

— Gael disse que é.

— Não fizemos nenhum exame ainda.

— Os pais sentem essas coisas, não? — pergunto ainda com a mão na barriga dela, e o bebê chuta. — Viu? É um menino.

— Bobo. — Ela me abraça — Senti sua falta.

— Eu também senti a sua, princesa. — Abraço-a, e por um momento, sinto-me em casa.

Hanna preparou nosso jantar, com a ajuda da Sarah e de Mag, elas nos serviram um excelente banquete.

— Não sabia que você cozinhava, Garota do Tempo — fala Josh entre uma mordida e outra.

— Mas ela não cozinha, e não se acostume, garoto, quem cozinhou fui eu — responde Mag impetuosa.

— Sabia que você era mais do que uma bunda gostosa. — Ele levanta e a beija na boca.

— Quando ele vai crescer? — pergunta ela para Braden.

— Nunca — Gael, Braden e eu respondemos ao mesmo tempo.

Já passava da meia-noite quando finalmente todos foram para seus devidos quartos, Mag passaria a noite aqui com Braden e Josh, Gael estava em seu paraíso particular com a Hanna, e eu? Acho que vou visitar uma velha amiga.

Vou até meu quarto e pego o capacete da moto, desço até a garagem e tenho certeza de que meus olhos estão brilhando. Estava sentindo falta de pilotar, minha moto era uma parte da minha vida que eu não abria mão, e sempre que saía sozinho, era ela minha companhia.

Uma MTT Turbine Superbike, um bebê que tem um motor de turbina e que pode chegar a 370 km/h, não que eu já tivesse chegado a essa velocidade. Foi um presente do meu pai, que deixou minha mãe duas semanas sem falar com ele.

— Hora de dar um passeio. — Coloco o capacete conferindo o endereço mais uma vez, e em segundos, estou fora da garagem indo em direção à mulher que, provavelmente, irá chutar meu traseiro assim que me ver.

Vinte minutos depois, estaciono a moto à frente de um prédio antigo. A fachada é de tijolinho à vista e tem um letreiro retrô com as palavras “The Rock”.

— É a cara dela — falo comigo mesmo e vou em direção à entrada, mesmo neste horário há uma pequena fila na porta, sem boné e óculos escuros vai ser meio difícil passar despercebido.

Vou direto ao segurança, que como imaginei, me reconhece e libera minha entrada. O lugar é impressionante, com um bar central onde se concentra a maior parte da iluminação, as mesas estão espalhadas ao redor, e tem um mezanino.

Ando até o bar, provavelmente ela não está aqui, talvez em algum escritório. Chamo atenção da atendente à minha frente, que está de costas e tem o cabelo preto com um corte estilo Chanel, deixando sua nuca à mostra. Dá pra ver um pedaço de tatuagem aparecendo, mas não dá para identificar o que é, a não ser que a blusa desça um pouco.

O bar está cheio e têm várias pessoas fazendo pedidos, eu me inclino e a chamo novamente.

— Oi, você poderia me atender? — Ela vira abruptamente, as

garrafas que estavam em sua mão caem no chão tão rápido quanto a cor some do seu rosto.

— Olá, Cal. — Callie me olha e pisca algumas vezes, é como se estivesse vendo a merda de um fantasma, e não posso negar que sua reação me faz sorrir.

Um cara se aproxima dela e ela fala algumas coisas em seu ouvido, ele concorda e ela caminha na minha direção.

— O que está fazendo aqui, Micah? — Ela coloca as duas mãos no balcão em uma posição defensiva.

— Vim ver uma velha amiga.

— Já viu, agora cai fora.

— Qual é, Cal, porque está sendo uma cadela? — Ela me encara e praticamente consigo enxergar a fumaça saindo pelas suas narinas.

— Algum problema? — Outro cara se aproxima e faz a pergunta olhando para mim.

— Não que eu saiba, temos algum problema, Callie? — Olho para ela que não desvia o olhar.

— Nenhum problema, Dean. — Ela ainda me encara, o tal Dean parece não acreditar muito nisso, mas se afasta, depois conversa com o

rapaz que estava limpando a bagunça das garrafas quebradas.

— Belo lugar — falo e olho em volta.

— O que vai beber?

— É você quem vai me servir? — pergunto.

— Aparentemente, sim.

— Pensei que ficasse trancada em um escritório.

— Pensei que não tivesse tempo para visitas.

— Bingo. — Ela não sorri — Nesse caso, acho que você sabe *exatamente* o que vou querer. — Eu me inclino novamente e nossos rostos ficam a poucos centímetros.

— Vai se foder, Micah.

Ela vira e vai até a prateleira de bebidas, e não consigo parar de sorrir.

2

“You found my one in a million Andy now you’re just a page torn
From the story I’m building”

Dynasty

—

MIIA

Callie

Johnnie Walker Blue Label com duas pedras de gelo, era isso que o bastardo arrogante gostava de beber. Coloquei a bebida em um copo, as mãos ainda trêmulas pelo susto de vê-lo.

Eu acompanhava as notícias, mantinha o olho sobre o retorno da

banda para a cidade, mas ele aparecer aqui no mesmo dia, foi uma surpresa, uma surpresa nada agradável.

Não que eu o odiasse, apenas o queria o mais longe possível, do meu bar, da minha vida, e se fosse possível, que não habitasse nem o mesmo planeta.

— Aqui. — Coloco o copo à sua frente.

— Quanto tempo, hein, Cal? — pergunta e coloca o cartão no balcão. Droga, ele pretende ficar.

— Menos tempo do que eu gostaria. — Pego o cartão e o devolvo — Por conta da casa.

— Pelos velhos tempos? — Micah ergue uma sobrancelha.

— Pelos tempos que não serão mais lembrados.

— Boa sorte com isso. — Ele vira a bebida num gole só.

— Não vai embora, né? — Cruzo os braços, o bar ainda está cheio e meu pessoal todo ocupado.

— Não, vim para conversar com você.

— Estou trabalhando, Micah, caso não tenha percebido. — Aponto para o bar. — Ligue e marque uma hora.

— Se eu ligar, você não vai atender.

— Provavelmente.

— Oi, queria uma cerveja, por favor. — Um rapaz se aproxima e é a minha deixa para sair.

— Preciso trabalhar, Micah — falo e vou atender o rapaz.

Começo a atender outras pessoas, mas tenho certeza de que ele ainda está no bar, não preciso olhar em sua direção para saber que observa cada passo meu. O maldito playboy não desiste.

— O que você tem? — Dean se aproxima.

— Nada. — Pego outra cerveja.

— Callie — Ele segura meu braço —, você parece nervosa, o que houve?

— Alguém que eu não esperava resolveu aparecer, só isso.

— O cara que não tira os olhos de você? — Ele continua segurando o meu braço, e eu olho para Micah, ele nos olha com curiosidade.

— Solte meu braço, Dean, depois conversamos. — Dean olha para o meu braço e percebe que ainda está segurando.

— Desculpe, não quis te machucar.

— Não machucou, conversamos mais tarde. — concorda Dean e voltamos ao trabalho.

Uma hora depois, o bar começa a ficar mais calmo, as quintas são agitadas, mas não duram até madrugada afóra.

Fecho algumas comandas e verifico a dele, Micah já bebeu quatro doses desde que chegou. É *exatamente* o que eu estava precisando nesse momento, lidar com ele bêbado.

— Não está na hora de ir? — Eu me aproximo com uma garrafa de água.

— Obrigado — ele pega e abre —, mas, como disse, não saio daqui até conversar com você.

— Me ligue, eu vou atender e podemos conversar sobre o que quiser.

— Está mesmo querendo se livrar de mim, né? Tem a ver com aquele cara que estava segurando seu braço? — Ele bebe a água.

— Dean é meu funcionário, e meu amigo.

— Amigo? Como *nós* éramos? — Seu tom é de desdém.

— Amigo como do tipo que está com você quando mais precisa.
— Sua expressão vacila, mas logo se recompõe. Se existe algo que

Micah Donovan não aceita, é faltar, e ele sabe que faltar comigo.

— Eu te mandei flores — justifica ele.

— Era *exatamente* o que eu precisava. — Sou irônica.

— Qual é, Cal, não é como se nós frequentássemos festinhas juntos. — Isso me ofende.

— Você, Micah, era meu amigo, o cara que sabia dos meus planos, que eu confiava muito além da cama. Prometeu que estaria aqui, e não cumpriu. Agora saia, e durma sabendo que é um amigo de merda.

Entrego a conta para ele e saio. Ouço quando ele pragueja, mas não volto. Aviso a Dean que vou fazer uma pausa e vou para os fundos do bar, e subo a escada que dá acesso ao andar superior.

Quando comprei o prédio, não pude arcar com o aluguel do meu apartamento, e como o andar de cima não teria utilidade, eu o transformei na minha casa. Precisei gastar mais do que o previsto para isolar o som que vinha do bar, mas era algo que eu não me arrependia.

O bar estava prosperando e eu ainda tinha muitos empréstimos a pagar, Dean era muito mais do que um amigo, ele esteve comigo nos momentos que mais precisei, e quando não posso estar no bar, é ele quem toma conta de tudo.

— Aonde você vai? — Já estou quase alcançando a porta quando a

voz de Dean me para.

— Esfiar a cabeça.

— Ele já foi, se é esse o motivo que está fazendo você se esconder.

— Não sou o tipo de mulher que se esconde, Dean.

— Eu sei, por isso estou estranhando a sua reação. — Ele encosta-se à parede e cruza os braços.

Acho que se o tivesse conhecido em outro momento, Dean e eu poderíamos ter nos divertido. Ele é o exemplo de cara que mexe com a libido de qualquer mulher, eu mesma já me peguei fantasiando com ele em alguns momentos de solidão.

Ele tem olhos escuros misteriosos, e seu rosto não parece ter envelhecido naturalmente, mas pelas circunstâncias. Um cara que, provavelmente, tem marcas tão profundas quanto as minhas. Homens assim despertam o desejo de qualquer mulher, seja pelo lado sexual, ou para tentar consertá-los, mas isso nunca funcionou comigo.

O último cara quebrado que me envolvi, mudou minha vida para sempre.

— É ele, não é? — Ele faz a pergunta que eu sabia que faria.

— Sim — não posso mentir, ele viu muito mais do que a minha

reação.

— Os olhos, eles são...

— Eu sei, mas não vamos falar disso agora, ok? — Desço as escadas. — Vamos voltar ao trabalho.

— Micah Donovan? O guitarrista milionário dos Originals? — Ele sacode a cabeça e sei o que está pensando, na verdade, eu temo esse pensamento todos os dias. — Você nunca pensou em me contar esse detalhe?

— Se eu tivesse contado, faria alguma diferença?

Dean não fala mais nada, ele me acompanha até o bar e cada um segue a sua rotina. Às três e meia fechamos o lugar, alguns garçons estão fazendo a limpeza. Dean e eu seguimos para o escritório. Ao contrário do que Micah pensou, não sou eu quem fica trancada em uma sala, é Dean, ele gerencia o lugar.

No primeiro mês que tentei, tive crises de claustrofobia, odeio salas fechadas, e isso me fez ir atrás de um gerente. Foi durante as entrevistas que conheci Dean, ele tinha acabado de chegar à cidade e trabalhava em um grande pub em Londres.

— Tivemos uma excelente noite — ele fala. — Vai querer repassar o caixa hoje?

— Acho que podemos fazer isso amanhã antes de abrir, o que acha?

— Por mim tudo bem.

Sento na poltrona e observo enquanto ele arruma tudo. Quando termina, sorri e saímos da sala.

— Callie? — Ana, uma das garçonetes me aborda.

— O que foi?

— Um rapaz deixou isso para você. — Ela me entrega um guardanapo de papel.

— Obrigada.

— Poxa, não acredito que eles estarão aqui amanhã. — A menina parece vibrar. — Desculpe, Callie, ele não entregou dobrado, foi inevitável.

— Tudo bem. — Ela sai depressa e nem preciso abrir o bilhete para saber do que se trata.

— O que aconteceu com ela? — Dean aponta para Ana que saiu como um foguete.

— Acho que teremos convidados amanhã. — Entrego o bilhete para ele.

— Merda — ele fala assim que lê. — Ele pede para reservamos uma mesa, todos estarão aqui.

— Não vai ter mesa nenhuma — falo, decidida.

— Callie, isso pode ser bom para o bar — pondera ele.

Mas o que ele não entende, é que isso não será nada bom para mim.

— Não o deixe chegar perto das escadas, Dean, coloque nosso melhor segurança ali.

— Tudo bem. Ele não sobe.

— Certo. — Respiro fundo — Hora do show, afinal, os Originals estão de volta a Nova Iorque.

Dean se despede e eu fecho o bar, desligo as luzes e vou direto para casa. A rotina é sempre essa, depois que fecho tudo, subo correndo para casa, para o meu lar. A diferença, é que agora, não estou mais sozinha.

3

“One by one, The lonely feelings come Day by day, they slowly fade away”

Try and love again – Eagles

Micah

Antes de sair do bar, deixo um bilhete para Callie, sei que ela ainda não vai falar comigo, não da maneira que eu espero, mas nunca joguei limpo quando o assunto é ela, ou quando o assunto é tê-la em minha cama.

Agora, convencer o restante da banda a ir amanhã ao bar será outra história.

Sei que todos a adoram, e seria uma excelente oportunidade de revê-la, sem falar na promoção que isso trará para o bar. A banda inteira lá seria notícia, isso é certo.

Todos saem ganhando.

Deixo a moto na garagem e subo para o apartamento. Se Braden me visse assim me passaria um sermão, não que algumas doses fossem me embriagar.

— Droga — resmungo quando tento abrir a porta. A fechadura começou a se mover, talvez estivesse mesmo bêbado.

Entro e tudo está no mais completo silêncio, isso é bom, mas raro. Essa casa foi tomada por risos no último ano.

Passo na cozinha antes de ir para o quarto e pego mais uma garrafa. Abro a tampa e me lembro que Callie não esqueceu da minha bebida favorita.

Passo a língua nos lábios, e a memória do dia que ela soube o que eu gostava de beber me assalta.

— *Você fica linda assim. — Minha mão passa suavemente pela*

curva da sua bunda. Callie está virada, com os seios colados ao colchão, os pulsos amarrados acima da cabeça e a bunda empinada, pronta para ser punida.

— Micah — ela geme meu nome, e merda, eu adoro quando ela fala o meu nome. Nada de senhor, mestre ou coisa do tipo, Callie geme cada letra do meu nome de uma forma tão sensual, que meu pau se contrai todas as vezes.

— Eu vou dar o que você quer. Não se mexa. — Vou até o bar do outro lado do quarto e pego uma garrafa de Blue Label.

É por isso que sempre a trago aqui, não é só discrição que procuro em clubes como esse, eu quero o melhor. Gosto de como seu corpo fica em cima dos lençóis de seda.

— Feche os olhos. — Ela obedece, abro a garrafa e pego as bolas de prata. Derramo o conteúdo da garrafa em cima das bolas, fazendo escorrer pelas costas dela. Callie não se mexe, não é um líquido gelado que vai fazê-la se mover. — Quando eu tirar essas bolas de dentro de você e minha língua tocar a sua boceta, estarei provando o melhor. Seu gosto e meu uísque preferido.

Callie fecha os olhos com mais força, começo a colocar as bolas, uma, e logo em seguida a outra.

— Você só vai gozar com a minha boca, Callie. — Seguro seu queixo e ergo seu rosto, ela me olha nos olhos e consigo ver toda sua

expectativa. — Entendido?

— Sim, Micah.

— Boa menina.

Minha língua começa a lamber o líquido nas costas dela, traçando uma linha até a bunda. Faço isso uma, duas, três vezes. Sabendo que ela detesta esperar pela ação.

Coloco um preservativo e seguro seu quadril. Callie ofega quando encosto a cabeça do meu pau no seu ânus, retiro e beijo suas costas, fazendo-a relaxar. Esfrego o dedo contra seu clitóris e sinto sua perna tremer.

— Quer gozar, não quer? — Ela apenas balança a cabeça.

Retiro o dedo, e o levo ao seu ânus, alargando aos poucos, e quando sinto que está preparada, eu a penetro. Callie grita com a invasão e meu pau endurece mais.

— Você sabe que adoro quando grita. — Seguro seu cabelo com uma das mãos — Não goze.

Começo a penetrá-la sem parar, a cada estocada ela grita, sabendo que isso me excita, e pelos gritos roucos e o movimento do seu quadril, eu sei que não estou machucando-a.

Callie nunca precisou usar a palavra de segurança, e ela só a pronunciou uma vez, quando nós transamos pela primeira vez. E foi quando pedi a ela que escolhesse uma e ela olhou por alguns segundos em meus olhos e falou: Blue.

Gozo rápido. Callie está ofegante quando saio dela, retiro a camisinha e em seguida tiro as restrições.

— Abra as pernas — Viro seu corpo de barriga para cima e ela abre as pernas.

Abaixo a cabeça entre suas coxas e vejo o puxador. Com a boca, começo a puxar e Callie geme a cada bola que sai de dentro dela. Coloco as bolas de lado e em seguida, estou bebendo o céu. Callie e Blue Label podem ser uma mistura viciante.

Droga, acordo do meu devaneio, e vejo que tomei quase metade da garrafa sem perceber.

Subo as escadas tropeçando e abro a porta do quarto, a cena que vejo me paralisa. Merda, esse não é o meu quarto, mas definitivamente não consigo sair.

Por engano, ou algum tipo de vingança celestial, entro no quarto do Braden. E porra, se já estava excitando só com a lembrança da Callie, agora as coisas atingiram outro nível.

— Não se incomodem com a minha presença — falo e tomo mais um gole direto da garrafa.

— É sério isso? — fala Mag. — Ai, Deus. — E geme.

Braden está deitado, e ela está montada nele, Josh está chupando um de seus mamilos.

— Bem-vindo ao paraíso — ele fala e logo vem na minha direção. Pega a garrafa e toma um pouco. — Mas você, vai cair fora.

Eu sorrio, ele abre a porta e logo estou no caminho para o meu quarto, sozinho e sem a bebida.

Ao meio-dia acordo com a cabeça latejando. Vou ao banheiro e me olho no espelho. *Micah, sua cara está péssima.*

Depois do pequeno momento *voyeur*, deitei na cama sem nem ao menos tirar os sapatos.

— Droga — falo olhando para o espelho, retiro os sapatos e jogo dentro do quarto, faço a mesma coisa com as roupas.

Ligo o chuveiro e minha cabeça começa a melhorar. Meu cabelo está um pouco mais curto, mas ainda cai no rosto. Pego uma esponja e passo pelo o corpo, estou fedendo bebida e cigarro.

Quando a água começa a esfriar, saio do banheiro. Junto as roupas

que ficaram espalhadas e coloco no lugar, Sarah me mataria se ficasse tudo no chão.

Vou até o closet e pego jeans e uma camisa branca. Visto a roupa e logo estou descendo as escadas. Como suspeitava, todos já estão na mesa.

— Olha quem resolveu se aventurar no mundo dos vivos — Josh fala quando sento.

— Sua cara está péssima — Hanna fala.

— Obrigado — resmungo e tomo um pouco de suco.

— Você deveria instalar um GPS para localizar seu quarto — Josh diz.

— Por quê? — *Ótimo*. Gael fica curioso.

— Micah errou a porta do quarto dele ontem, e entrou no nosso — responde Braden como se não fosse nada, em outra época, não seria.

— Imagina se tivesse entrado no seu — fala Josh e aponta para Gael.

— Estaria sem os olhos. — Gael beija a mão da Hanna.

— Eu não preciso saber o que estavam fazendo — diz Hanna.

— Me diz uma coisa, Gael, como é transar com uma grávida? — pergunta Josh e todos engasgam, até Mag que estava calada solta um palavrão.

— Você bateu com a cabeça? — pergunto.

— É sério, ontem você flagrou a gente transando, se tivesse entrado no quarto deles, teria flagrado os dois. Só estou curioso.

— Mantenha sua curiosidade para si, moleque — Gael encerra o assunto.

— Acho que você deveria ficar grávida. — Ele aponta para Mag.

— Você ficou maluco? — pergunta ela, perplexa.

— Não. Pensa bem. — Ele arrasta a cadeira e fica de frente para ela.
— Quem melhor do que Braden e eu para sermos os pais do seu filho?

— Um cara normal?

— Está nos chamando de anormais?

— Não, mas um cara que não viajasse o tempo todo em turnê e que não dormisse com tudo que é groupie seria um bom começo, é isso que eu chamo de normal. — Ela dá de ombros.

Gael, Braden e eu apenas observamos a conversa. Acredito que até

nós ficamos sem palavras.

— Acho que ele está certo — Hanna diz. — Mas a Mag que não seria a mãe ideal para o filho de vocês.

— Obrigada, Hanna — Mag agradece. — Ouviu, garoto, não sou do tipo que tem o gene da maternidade. Simples assim.

— Promete que vai pensar?

— Você apoia essa loucura? — pergunto para Braden.

— Estivemos conversando sobre isso.

— E? — pergunta Gael.

— E estou de acordo, uma criança é sempre algo a ser comemorado.

— Estou esperando uma resposta, Mag, estamos, no caso. — Josh aponta para todos na mesa. Ficamos em silêncio aguardando, essa é a pior cena de suspense que já presenciei em toda minha vida.

— Prometo que vou pensar — ela responde depois de alguns segundos. — Mas, não me pressione.

Josh sorri e ajusta a cadeira novamente. Quando ele resolveu querer ser pai? Isso é algo que eu nunca ouvi sair de sua boca.

— Acha que se sente bem para ir a um lugar hoje? — digo para Hanna, estamos no sofá; Gael está com Braden no escritório; Josh foi levar Mag em casa; e, Hanna está deitada com os pés no meu colo. Estou fazendo massagens, e nossa, eles estão imensos.

— Não estou doente.

— Eu sei. Então, topa?

— Que lugar seria esse?

— Um bar.

— Só isso? Um bar?

— Sim, um bar bem legal. — Hanna analisa meu rosto.

— O que aconteceu? — Gael entra na sala.

— Micah me convidou para ir a um bar. — responde Hanna e ele beija seus lábios.

— O bar da Callie? — pergunta Gael.

— Sim, na verdade, eu disse a ela que vamos estar lá hoje.

— Quem é Callie? — Hanna puxa as pernas e se senta, agora claramente curiosa. — Não é a primeira vez que escuto esse nome.

— Uma amiga — respondo.

— Uma amiga bem íntima — fala Gael.

— Apenas me digam se vão, ok?

— Eu não perderia isso por nada. — Gael sorri. — Pronta? — pergunta para Hanna e estende a mão.

— Pare de me tratar como criança, Gael. — Ela pega a mão dele e levanta.

— Você precisa de descanso.

Hanna resmunga algo e eles vão para o quarto. Olho para o celular e vejo uma mensagem da minha mãe. Ela pede para que eu vá visita-la, mesmo amando meus pais, passar tempo com eles não é algo que me anima.

Dou uma resposta breve e vou para o estúdio. Quando estou sozinho, gosto de tocar guitarra. Antes de Hanna entrar na vida do Gael, esses momentos eram raros. Nos poucos dias que ficávamos aqui, geralmente estávamos dormindo, ou muito bêbados para aproveitar alguma coisa.

Gael encerrou esse ciclo quando se apaixonou, e levou todos nós para uma rotina doméstica. O bom disso tudo? Ninguém estava reclamando.

Pego uma das guitarras e sento no banco. Verifico a afinação e logo começo a arranhar algumas notas de “Find May Way Back”, do Cody Fry.

*“I don't wanna go right now
I don't wanna lose my way
But I don't need a light to see
Your face in this dark
Dark of mine”*

— Sempre me pergunto qual é o motivo de você não cantar mais no palco — Gael fala quando termino.

— Não percebi que estava cantando.

— Você sempre faz isso. — Ele pega outra guitarra.

Assim, começamos a tocar juntos, Gael canta muito melhor do que eu, ele coloca os tons certos na voz, e eu apenas o acompanho nos refrãos.

Nós dois tocando juntos, sozinhos, é familiar, lembra-me de quando nos conhecemos, e que eles não achavam que eu entraria na banda.

O filho do senador, era assim que me chamavam. Gael dizia que um playboy como eu dificilmente ficaria, que logo se entediaria e

partiria para outro passatempo. Ele estava errado, a banda sempre foi mais do que um passatempo, se tornou a minha família.

— Você avisou a Callie que vamos? — pergunta ele quando guardamos as guitarras.

— Avisei. — Não explico *como* eu avisei, mas pelo meu olhar ele percebe que não foi da maneira convencional.

— Hanna vai conosco, espero que ela não nos coloque para fora. — Gael abre a porta e saímos do estúdio.

— Callie não faria isso. — Ele me lança um olhar questionador. — Não com vocês, pelo menos.

Às nove, estamos todos dentro do SUV a caminho do “The Rock”, Gael não permitiu que saíssemos em veículos separados, e já que vamos beber, um motorista à nossa disposição não seria uma má ideia.

Assim que chegamos, o segurança nos leva ao local reservado, uma mesa isolada, mas com uma ampla visão do bar.

Quando nos instalamos, o cara da noite anterior vem nos cumprimentar.

— Boa noite. Sou Dean Miller, gerente do The Rock. — Estende a mão e Braden é o primeiro a cumprimentá-lo, seguido de Josh, Gael e

Hanna. O cara me ignora. — Esta é Ana e vai servi-los essa noite, qualquer coisa podem se dirigir a ela. — A garota que reconheci da noite anterior sorri amplamente.

— Cal não está? — pergunto.

— Cal? — Ele finge não saber quem é.

— Callie, a dona daqui — digo sem paciência e sinto a mão do Gael na minha perna.

— Callie logo estará aqui, vou avisá-la que chegaram. Ela solicitou segurança extra, então não serão incomodados.

— Apreciamos isso, obrigado. — Gael é educado.

— Se me derem licença. — Ele se afasta e a garçonete nos olha ansiosa. Ela anota nossos pedidos e se afasta.

— Coitada, acho que vai sentir dor na boca mais tarde, ela não parou de sorrir — fala Josh.

— Deve estar doida para pedir um autógrafa — comenta Hanna e olha em direção ao bar. — Aqui é muito bonito.

— É sim — respondo, também olhando no bar.

Logo Ana volta escoltada por um cara, ele a ajuda a trazer as

bebidas. Os dois estão muito nervosos e é engraçado de ver.

— Porque não pedem logo? — brinca Josh, e ri.

— O quê? — A garota se assusta.

— Autógrafo, foto, ou seja lá o que quer pedir.

— Eu, não... — ela gagueja.

— Deixe a garota em paz, Josh.

— Não estamos autorizados a importunar os clientes, senhor. — É o rapaz que fala dessa vez. E sei quem deu a ordem.

— Não é incômodo algum. — Levanto e pego um guardanapo. — Ana, não é? — pergunto para a garota. Ela mal consegue falar, mas balança a cabeça.

Em seguida, Hanna está tirando fotos de todos com os dois. E o que eu imaginava acontece, as pessoas notam a movimentação e logo nossa presença é percebida.

Os seguranças vão começar a ter algum trabalho.

— Você fez isso de propósito, né? — pergunta Hanna quando nos sentamos.

— Fiz o quê?

— Não faça essa cara inocente, Micah.

— Eles queriam um autógrafo, não fizemos nada demais.

— Os seguranças já tiveram que conter umas dez pessoas de se aproximar.

— Isso sempre acontece. — Tomo um gole da minha bebida.

— Vocês não têm jeito — resmunga ela.

Assim que as coisas começam a acalmar, eu olho para o bar. Ela está usando jaqueta de couro e jeans desbotado. Em nenhum momento ela olha em nossa direção, mas conheço a Callie, ela sabe exatamente onde estamos sentados, ou melhor, sabe exatamente onde *eu* estou sentado. E quando ela olhar, porque eu sei que ela vai, serei o primeiro que ela verá.

4

“I kept waiting on a reason In a call that never came No I never saw it coming Somethin’ in you must have changed”

Wanted You More – Lady Antebellum

Callie

Faz meia hora que desci para o bar, Dean enviou uma mensagem para avisar que a banda havia chegado. Sabia que em algum momento tinha que ir falar com eles, só estava tentando controlar minha respiração.

— Parece que as pessoas já se acalmaram. — Dean está ao meu lado no bar e pega algumas bebidas. Em noites como essa, assim como eu, ele também fica no bar.

— Sim, as pessoas acabam se acostumando com a presença deles.
— Dou de ombros.

— E você? Já se acostumou? — pergunta ele e não posso ignorar o tom de deboche.

— Está pisando fora da linha comigo, Dean.

— Desculpe, Callie, é que é muito estranho te ver reagir dessa forma por causa de um cara.

— Mas você sabe que ele é muito mais do que um cara — digo na defensiva.

— Só se permitir que ele seja. — Dean se aproxima — E sabe disso. — Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto e a coloca atrás da orelha, meus olhos fecham com o gesto.

Carência é uma merda. Penso e abro os olhos tão rápido quanto os fechei e vejo Micah ao meu lado.

— Você não deveria estar na sua mesa? — Olho para Micah sentado no banco com ambas as mãos apoiadas no balcão.

— Você não deveriam estar trabalhando? — Ele não tira os olhos de Dean.

— Tem algum problema com isso? — É Dean quem retruca.

— Tudo bem, hora de cada um ir para o seu lugar. — Olho para Dean e ele se afasta. — Você também. — Aponto para Micah.

— O pessoal quer falar com você.

— Assim que acalmar aqui eu vou lá. — Pegó uma cerveja e entrego para um cliente.

— Sabe, Callie — ele se inclina —, você não deveria deixar seu gerente te tocar assim.

Ele sai sem me deixar responder ao seu comentário. Playboy arrogante.

Alguns minutos depois as coisas no bar estão mais tranquilas, as pessoas começaram a ir para a pista de dança, então tenho tempo para respirar.

— Oi, pode me servir uma água? — Uma mulher loira se aproxima, com a barriga imensa e logo a reconheço.

Hanna, a mulher do Gael. A mesma mulher que Micah queria esquecer quando transava comigo.

Merda.

— Só um minuto. — Pego a água e um copo e entrego para ela.

— Obrigada — ela agradece e abre a garrafa — Você é a Callie, não é? — Sua pergunta me surpreende.

— Sou.

— Seu bar é lindo, parabéns.

— Obrigada — Sua simpatia é desconcertante.

— Quantos meses têm seu bebê? — pergunta ela e eu perco o ar.

— O que acabou de perguntar?

— Seu bebê, tem quantos meses? Desculpe se pareço intrometida, estou esperando meu primeiro filho — Ela passa a mão na barriga —, e se não estou enganada essa mancha na sua blusa é leite que vazou dos seios.

Putá merda.

Fecho minha jaqueta o mais rápido possível, sabia que a hora da mamada estava se aproximando, mas o meu nervosismo com a presença deles aqui me fez esquecer disso.

— Ele não sabe, não é? — Ela me olha ternamente.

— De quem você está falando? — Tento me fazer de ingênua.

— Micah, ele não sabe sobre o seu filho.

— Filha. E não, ele ainda não sabe — respiro fundo —, e gostaria que continuasse assim.

— Não é um segredo meu para ser contado, e não acho que uma criança é motivo de segredo. Ele ficaria feliz em saber que você tem uma filha. — Ela sorri.

— Ainda não tivemos oportunidade de conversar.

— Então, deveria fazer isso rápido porque Micah está aqui por sua causa, e se você tem alguém na sua vida, deveria contar para ele.

— Eu sei, obrigada.

— Tudo bem. Vou voltar para a mesa antes que Gael surte e venha me buscar. — Ela sorri e levanta do banco. — Obrigada pela água.

Hanna vai embora e fico com o coração na mão. *E se ela contar para ele?* Não que ela tenha ligado os fatos, mas qualquer um que visse a minha filha saberia quem é o pai.

Minha filha tem muitas características que a tornam especial, mas nunca conheci ninguém que tivesse o mesmo tom dos olhos dela, o mesmo tom azul dos olhos do pai.

Ela era minha, e jamais deixaria Micah ou a família dele chegar perto dela.

Vou até o escritório trocar de blusa, fecho a jaqueta e quando abro a porta esbarro em alguém.

— Com pressa? — Micah coloca a mão na minha cintura.

— O que está fazendo aqui?

— Eu sabia que tinha um escritório, queria conhecer. — Seu sorriso é divertido.

— Não estou com tempo para fazer as honras.

— Não tem problema, acho que posso conhecer esse corredor, por enquanto. — Micah pressiona meu corpo na parede e então sua boca está na minha.

Ele é tão... tão ele, e isso me desestabiliza. Ele me beija como homem nenhum me beijou, com fome, com vontade de explorar e dominar.

— Eu adoro — ele beija novamente — a sua — e chupa meu lábio — boca.

Eu cedo, porque meu corpo não consegue ter outra reação quando se trata de Micah Donovan. Simplesmente cedo, deixando que ele invada

minha alma com esse beijo.

Eu retribuo o beijo com apenas um sentimento, saudade.

— Que horas você fecha? — pergunta ele quando para de me beijar.

— Não vamos continuar isso, Micah.

— Eu vou ficar aqui, até que cada maldito cliente saia. — Ele segura meu rosto com as duas mãos — E depois, vou te foder em cima da porra daquele balcão.

— Micah — repreendo.

— Não fuja, Cal, ou vou atrás de você.

Ele sai do corredor me deixando atordoada.

Volto para o bar e me concentro no trabalho, quando percebo que não posso mais ignorar Micah e seus amigos, decido ir até eles.

— Dean, pode cuidar das coisas por aqui?

— Sem problema — responde e vou até a mesa que preparamos para banda.

Mesmo tendo acompanhado pelos jornais e revistas, a imagem que vejo ao chegar à mesa é a mesma de quando os conheci. Quatro amigos felizes, que só pela maneira que interagem, dá para perceber

que dão a vida um pelo outro.

— Espero que estejam gostando do lugar — digo e todos na mesa param de conversar e me olham.

— Porra, Callie, como você está gostosa. — Josh se levanta e me abraça.

— É bom te ver também, Josh — falo no momento que ele beija meu rosto, e sou sincera. Josh com todo seu jeito descontraído é incapaz de esconder quando não gosta de alguém, ele é a sinceridade em pessoa. O que para uns pode ser ruim, a meu ver, é uma excelente qualidade.

— Você fez um excelente trabalho aqui — Braden diz e logo se levanta para me abraçar também.

Em seguida Gael faz a mesma coisa, seguido de Hanna, que informa já ter me conhecido no bar. Tento não demonstrar meu nervosismo pelo nosso pequeno intercuro, mas a menina é boa também, em nenhum momento toca no assunto.

— Pretendem ficar muito tempo? — pergunto para ninguém em particular, mas é Micah quem responde.

— Um bom tempo dessa vez, Gael quer aproveitar um pouco o bebê. — Olho para Hanna e Gael, ele parece estar nas nuvens com a gravidez da mulher.

— E você, como está? — pergunta Braden.

— Um pouco ocupada. — Aponto para o bar.

— Nós te vimos ali, então você é do tipo que coloca a mão na massa? — Eu sorrio.

— Essa sou eu. — Braden sorri.

Braden sempre foi o mais centrado de todos, e o mais calado também. O fato de ele fazer perguntas não me deixa nervosa, é confortável conversar com ele, mesmo depois de ter-nos conhecido em circunstâncias que muitos podem não considerar normais.

— Callie sempre foi boa com bebidas — diz Micah e toma um gole do seu uísque. O maldito me come com os olhos.

— O que é aquilo? — Hanna aponta para o palco, a música parou de tocar e uma pessoa está segurando o microfone. Desvio o olhar do Micah e respondo a pergunta.

— Hoje, nas duas últimas horas antes de fecharmos, deixamos o microfone livre. Qualquer pessoa pode cantar. — Josh faz uma careta quando o cara da vez começa a cantar. Ele é horrível.

— Porque tortura seus clientes assim? — pergunta ele.

— Pessoas bêbadas cantando garantem boas risadas e ótimas

gorjetas. — Sorrio — Ali. — Aponto para um grupo de pessoas que está próximo ao palco e parece se divertir com a performance. — É disso que estou falando.

Ficamos observando por algum tempo as pessoas cantando, e durante a diversão mais bebida é servida, todos ficam felizes, e, conseqüentemente, os garçons ganham boas gorjetas.

— Minha vez. — Micah levanta e vira o conteúdo do copo que estava bebendo.

— O que vai fazer? — pergunta Gael.

— Me divertir. — Ele me estende a mão — Cal? Acho que não consigo chegar até o palco.

Olho com desconfiança e Josh abafa uma risada, Hanna me olha preocupada, mas ignoro, mesmo sabendo que ele não está bêbado, seguro a sua mão e o acompanho até o palco.

— Não precisa se jogar em cima de mim — provoco quando o sinto me abraçar por trás. O movimento no bar é calmo, mas, mesmo assim, dois seguranças nos acompanham.

— Se estivesse me jogando em cima de você, com certeza você saberia, Cal. — Sinto seu hálito no meu pescoço.

— Você é péssimo em fingir.

— E você é péssima em tentar me ignorar. — Viro e fico de frente para ele, suas mãos seguram a minha cintura com firmeza.

— Chegamos — falo e ele percebe que estamos próximos ao palco.

Chegamos exatamente no momento em que uma mulher termina de tocar, ela desce do palco tropeçando e alguns garçons a ajudam, passam por nós e então Micah sobe.

— Ei, pessoal — Ele pega o microfone, o barulho das vozes começa a parar. — Não sou o cara que costuma ficar atrás do microfone. — As pessoas começam a perceber de quem se trata, e alguns sussurros e “uaus” começam a ser ouvidos. — Mas sabe? Tenho uma amiga, que por acaso é dona desse lugar — ele aponta na minha direção e eu me encolho —, ela está um pouco chateada comigo, e não quer ser mais minha amiga. — Ele coloca a mão no coração e faz a cara mais dramática que já vi. Mas faz efeito e consigo ouvir alguns xingamentos femininos.

— Ele não joga limpo. — Viro e vejo Braden ao meu lado, na verdade todos estão, inclusive Hanna.

— Ele me paga — digo e volto minha atenção para o palco.

— Cal — Micah me olha —, essa é para você.

Ele caminha até o fundo do palco e volta com um violão, então começa a cantar “Broken”, do Lifehouse. E me dou conta das palavras

do Braden, *ele não joga limpo*, e eu já deveria saber disso.

*“(….)The broken locks were a warning you got inside my head
I tried my best to be guarded, I'm an open book instead
I still see your reflection inside of my eyes
They are looking for a purpose, they're still looking for life(…)”*

5

“Don't hate me now And I can't tell how this last song ends”

Last Song Ever – Secondhand Serenade

Micah

Canto o tempo todo olhando na direção dela, tem algo nessa música e em seu olhar que me faz querer cantar cada letra no seu ouvido. O que é estranho, porque não sou o cara do microfone.

Callie também mantém seus olhos em mim, estamos tão conectados que posso jurar que consigo sentir as batidas do seu

coração. Não é um olhar de raiva, ou de desconfiança, ela me olha como antes, como a Callie que eu tanto senti falta.

Merda, eu não sabia que sentia tanta falta desse olhar.

Quando a música acaba, agradeço a todos e saio do palco, virando motivo de piada para os meus amigos, mas ela ainda segura meu olhar, o mesmo que me manteve preso durante a apresentação.

— Até que você canta bem. — Ela sorri quando me aproximo, já estamos de volta à mesa e Gael pediu a conta.

— Você sabe que quando faço algo, eu faço bem. — Tomo mais um gole da minha bebida.

— Convencido como sempre.

— Estou brincando com você, e sabe disso.

— Eu sei. — Ela suspira e percebo quando baixa a guarda, eu me aproximo mais e tento ignorar a conversa ao meu redor.

— Mas eu não estava brincando quando falei em foder você naquele balcão — falo baixo para que só ela ouça, eu não preciso que ela fique na defensiva novamente.

— Sabe o que é pior? — Ela pega a minha bebida e toma tudo num gole só — É que eu sei que não estava brincando.

Callie levanta e se despede de todos, avisa que precisa voltar ao trabalho e segue para o bar. Sem olhar na minha direção ao sair.

— Parece que as coisas não estão boas para você — diz Braden, e eu sorrio.

— Sempre gostei de um desafio. — Fixo meu olhar na direção do bar, ela está trabalhando ao lado do *tal* Dean.

— Às vezes, você me lembra o Josh — Braden fala e se afasta.

Fico observando Callie e não percebo quando todos já estão se preparando para ir embora.

— Pare de agir como um maldito perseguidor, Micah. — Josh bate no meu ombro.

— Pare de se meter nisso, Josh.

— Ela não quer você.

— Ela sempre me quer — afirmo.

— Eu acho que dessa vez, você perdeu. — Olhamos para o bar e ela está sorrindo, conversando com Dean.

Merda.

— Você não vem? — pergunta Gael, Hanna está apoiada ao seu

lado, ela parece sonolenta.

— Ainda não, Callie e eu precisamos conversar.

— Boa sorte, então — diz Josh e eles vão embora.

Vou até o bar e sento em um banco, Callie não está por perto, mas sei que logo estará de volta.

A garçonete me serve mais uma bebida e eu espero. Vou esperar a merda de tempo que for necessário, até conseguir o que vim buscar.

— Seus amigos te deixaram? — Ouço sua voz por trás e viro para olhá-la. Ela trocou de roupa e agora está usando um vestido solto, que marca sua cintura e busto.

Caramba, Callie realmente mudou nesse último ano, seus seios parecem... maiores.

— Para de olhar para os meus peitos, Micah. — Ela cruza os braços.

— Desculpe, é que você está diferente. — Olho para seus olhos e sua expressão está diferente, há uma angústia neles que nunca vi antes.

Eu já vi muitas coisas nesses olhos escuros, tesão, luxúria... felicidade. Mas medo? Isso não é ela.

— O que aconteceu com você? — pergunto.

— Do que está falando? — Ela parece apreensiva.

— Callie, já estamos prontos para fechar. — O *tal* Dean aparece e o medo que vi nos olhos dela some.

— Obrigada, Dean.

— Quer repassar o caixa agora?

— Amanhã, pode ser? Micah e eu precisamos conversar.

— A não ser que você queira presenciar a nossa *conversa*. — Sorrio e o babaca me encara.

— Você é um idiota desrespeitoso. — Ele avança, e eu levanto.

— E você, é o quê? O *bom* moço? Ou será que ela simplesmente não percebe o que você realmente quer? Quer foder ela, não é?

— Micah, pare — adverte Callie.

— O quê? Não estou mentindo, vejo isso toda vez que ele te olha.

— Você está sendo um idiota, Micah. — Ela praticamente grita.

— Callie... — Ele toca o braço dela.

Ele. Tocou. O. Braço. Dela.

PORRA.

— Não toca nela — eu o empurro —, nunca mais encoste suas mãos nela!

— O que você está fazendo? — Callie entra na minha frente. — Pare com isso, Micah, você está bêbado.

— Eu não vou te deixar sozinha com esse idiota — fala e aponta para mim.

Por que a voz dele é tão irritante? Eu nunca senti tanta vontade de bater em alguém.

— Vá embora, Micah.

— Não, nós vamos conversar.

— Você está bêbado. — Ela tenta argumentar.

— Você já me viu pior do que isso, Callie. — digo, olhando para o babaca.

— Se precisar de mim, sabe onde estou.

E ele sai, me deixando fervendo de raiva.

— Qual é a desse idiota? — Sento novamente e olho em volta, alguns garçons que estavam fazendo a limpeza nos observam.
Maravilha.

— O que deu em você? — Ela senta no banco ao meu lado — Você nunca agiu dessa forma com ninguém.

— Eu nunca precisei — respondo a primeira coisa que me vem à mente, porque, na verdade, nem eu sei o motivo da minha raiva. Olho o meu copo vazio por alguns instantes, tentando entender o que acabou de acontecer.

— Eu vou fechar a porta, e podemos conversar. — Callie toca meu braço e vai fechar o bar, eu não me mexo. Continuo encarando o copo e, nesses minutos que ela não está por perto, a ficha cai.

Ciúmes. Eu estou com ciúmes.

Da Callie!

Nunca senti ciúmes dela.

Merda.

— Todos já foram embora, o que precisa dizer? — Callie volta a se sentar ao meu lado e eu a observo. Olho de verdade para ela.

O cabelo curto, sem todas aquelas cores vibrantes, o rosto sem

maquiagem, e com algumas olheiras. Ela está linda. Ela *é* linda.

— Eu vou fazer o que prometi. — Levanto do banco e me aproximo, me encaixando entre suas pernas e seguro sua cintura com as mãos.

— Micah, não — diz ela.

— Dizer não, não vai me parar, Callie. — Olho em seus olhos. — Você sabe como fazer, se quiser — aproximo minha boca da dela —, basta dizer a palavra, eu sei que ainda se lembra.

Callie ofega, ela inspira e antes que possa soltar o ar, eu a beijo. Tomando seu fôlego para mim. Tomando aquilo que eu vim buscar.

Minha mão vai para sua nuca, eu a seguro com força, para que tenha a certeza de que não pretendo deixá-la escapar. Ela me surpreende quando também faz o mesmo. Seus dedos apertam meu pescoço com vontade, e por esse breve momento, eu sei que a tenho de volta.

— Tire a calcinha. — Peço e beijo seu pescoço. — Gostei do seu cabelo assim. — Mordo no local onde sei que ela gosta.

— Não estou usando calcinha. — Sua voz soa tão fraca que demoro a perceber o que ela disse.

— É por isso que é tão perfeita. — Beijo seu colo descendo na direção dos seios.

— Não, Micah, isso não. — Ela me afasta e eu paro.

— Você faz as regras. — Ela parece satisfeita com as minhas palavras.

Callie nunca foi do tipo que gosta de carinhos durante o sexo. Dominação, dor misturada ao prazer, ela suportava. Mas carícias? Não era do feitio dela, e por mim tudo bem. Por enquanto.

Ergo seu corpo e a coloco em cima do balcão. Ela me olha com expectativa, e eu saboreio cada segundo desse olhar.

— Abra as pernas. — Ela obedece. — Eu quero te provar, Cal, quero que goze na minha boca, quero sentir na minha língua cada um dos seus espasmos.

Ela abre mais as pernas e ergue o vestido ficando totalmente exposta, e principalmente, disposta ao que tenho a oferecer.

— Senti falta disso. — Toco sua boceta, vendo e sentindo que está depilada, sem nenhum pelo, do mesmo jeito da última vez que ficamos juntos.

Sua cabeça inclina quando passo meu dedo pelo clitóris, observo cada reação do corpo dela, sinto sua boceta inchar e ficar mais e mais molhada a cada toque.

Estou praticamente salivando para prová-la, mas quero dar a ela

algo para se lembrar. Callie não quer carícias, mas cada reação do corpo dela grita o contrário.

Lentamente, beijo seu joelho e subo, beijando o interior de uma das coxas, depois repito com a outra. A ponta da minha língua tocando sua pele faz meu pau doer, mas ele vai ter que esperar. Percebendo que ela está se contendo, eu digo: — Relaxa, Cal, me deixa te saborear —. Minhas mãos abrem mais suas pernas e avanço com os beijos. Callie geme.

— Micah... — *meu nome*. Ela disse a porra do meu nome, gemendo, como fazia antes.

É o melhor som que já ouvi.

Beijo sua boceta, e ela geme mais alto. Minha língua passeia pelo seu sexo e consigo ouvir cada gemido que sai de sua boca. Seguro os joelhos com as mãos, apertando para que ela sinta que eu estou no comando.

Callie se inclina me dando um pouco mais de acesso, se apoiando no balcão enquanto minha língua faz todo o trabalho. Meus dedos cravam na carne da sua coxa, e sinto quando ela treme. Quero que ela goze na minha boca.

Quero beber cada gota que eu sei que ela vai derramar para mim. Só para mim.

— Micah... — Meu nome sai em meio a um suspiro.

— Quanto tempo? — Paro de lambê-la, insiro dois dedos e atinjo o ponto que a faz ofegar. — Me diz, Cal, quanto tempo faz que não goza assim? — Olho em seus olhos esperando pela resposta.

— Muito tempo. — Ela não vacila.

— Boa menina. — Minha boca volta a assumir seu lugar, mas dessa vez não retiro os dedos, empurro com mais força, entrando e saindo. Até que sinto o corpo dela ficar tenso.

E então, ela grita o meu nome.

Como prometido, bebo cada gota do seu orgasmo. Passo a língua na sua boceta devagar, até sentir seu corpo relaxar novamente. E quando olho em seus olhos, o brilho que tanto gostava está lá. Um sorriso preguiçoso e satisfeito, que diz querer mais.

— Fique de pé. Quero ver sua bunda. — Ela desce do balcão e vira de costas, não está usando saltos, por isso precisa ficar na ponta dos pés.

A bunda dela inclina num ângulo perfeito. Tiro o cinto e pego um preservativo na carteira. Callie espera pacientemente enquanto me preparo.

— Pronta, Cal?

— Sim! — A voz dela é baixa, mas firme. Isso me dá a certeza de que posso ir em frente.

O próximo som que escutamos, é do meu cinto atingindo sua bunda. Suas costas arqueiam com a dor, mas ela não grita. Faço a mesma coisa do outro lado, e ela repete a reação.

— Quer poder sentar amanhã, Cal? — Eu sei o que vai me responder, mas preciso ouvir da sua boca.

— Não.

— Porra! — O cinto a atinge mais uma vez e o som sai mais alto ainda, um fio de sangue escorre de um corte que abriu.

Passo a língua, limpando o sangue e enfio um dedo na sua boceta. Como previa, ela está mais molhada do que antes.

— Eu vou te foder, Callie — sussurro em seu ouvido. — E você nunca mais vai pensar em me dizer não outra vez.

Minha mão segura sua garganta e eu a penetro. Faço uma leve pressão, apenas o suficiente para que ela sinta que não deve se mexer. Com a outra mão seguro sua cintura e minhas estocadas começam.

Eu não sou gentil.

Nunca fui.

Não com ela. Com ela, eu posso ser eu mesmo.

6

“You are the only one The only one to tease me Trusts me and believes me You are the only one The only one that knows me And in the dark you show me...”

Brake

In

—

Halestorm

Callie

Não pare! Era isso que a minha mente estava gritando. Mas nenhum som saía da boca. Somente gemidos desconexos e, intercalados com o nome dele.

Micah!

Ele me bateu tão forte com o cinto, que, com certeza, sangrou. O pior disso tudo é que dou boas-vindas à dor. Fazia muito tempo não me sentia assim. A mercê de alguém. A mercê *dele*.

— Vamos, Cal, quero que goze junto comigo. — Senti um puxão mais forte no cabelo quando as estocadas ficaram mais rápidas, sabia que ele estava quase lá. E, CARALHO, eu também estava.

Inclinei mais o corpo para que ele fosse mais profundo, do jeito que eu sei que ele gosta, e do jeito que gosto de ser fodida.

Muitos homens que conheço acham esse tipo de sexo bizarro, até mesmo violento, mas não para mim, e Micah era perfeito nisso.

Gozo gritando o nome dele e ele logo me acompanha. Eu sei que ele não vai gemer meu nome, mas a mão segurando possessivamente meu quadril enquanto ele goza, me faz sentir poderosa.

De alguma forma, eu sei que é apenas comigo que ele se liberta assim.

Ficamos em silêncio enquanto nos acalmamos, sinto vontade de reclamar quando ele sai do meu corpo, mas me mantenho firme e me limito a ser como ele está acostumado.

Callie, a fria, a mulher que não quer beijos e abraços depois que

goza.

— Vou te levar pra casa — diz ao tirar o preservativo e enrolar num lenço de papel.

— Não precisa, eu moro aqui. — Abaixo meu vestido.

— Então, isso significa que podemos subir? — Ele sorri.

— Não, significa que *eu* vou subir e *você* vai para sua casa. — A cara dele é impagável.

— Tem certeza? — Ele pressiona meu corpo junto ao balcão. — Podemos continuar na sua cama.

— Sem cama, Playboy. — Coloco minha mão no seu peito e o afasto.

— Deus, Callie! Sério?

— Sim, sério.

— Ok. — Ele passa a mão pelo cabelo, frustrado.

— Vou te acompanhar até a porta. Consegue dirigir assim?

— Não estou de carro. Vou chamar um táxi.

— Tudo bem.

Vou até o bar e pego uma bebida, para ele, na verdade. Acho que estou precisando de uma dose de uísque se pudesse, bem mais do que ele nesse momento.

— Então — ele senta no banco e eu entrego a bebida —, qual é a do seu gerente?

— Somos amigos, nada mais. — Eu não minto.

— Não parece que ele sabe disso. — Micah toma sua bebida e me observa.

— Dean sabe exatamente a posição dele na minha vida, Micah.

— Vocês já transaram? — Ele é direto.

— Nossa, como você é grosseiro, Micah.

— Já me chamaram de coisas piores. Vai responder ou não?

— Isso não é da sua conta. — Ele quase sorri com a resposta, quase.

— Tem certeza que não quer ir para o quarto? Eu adoraria amordaçar você agora. — Suas palavras acabam me deixando excitada, e entro no seu jogo.

— Só isso? Você já foi mais criativo. — Ele se surpreende com

minha réplica e quando penso que vai responder, ouvimos a buzina do táxi.

— Droga. — A frustração na sua voz é evidente — Última chance? — pede e eu sorrio.

— Tchau, Micah. — Eu o acompanho até a porta.

— Te ligo depois.

— Péssima escolha de palavras, Playboy. — Ele faz careta.

— Você é uma vadia. — Eu sorrio.

— Foi você que veio aqui. — Cruzo os braços, sorrindo, ser chamada de vadia não me ofende. Micah Donovan quando quer ser ofensivo sabe como fazer.

— Até mais, Cal. — Ele beija meu rosto.

— Até, Micah.

Vejo-o entrar no táxi e então fecho as portas e subo para o apartamento.

Tudo está em silêncio, como previsto. A senhora Rosa, que cuida da minha bebê durante a noite, vai para cama assim que a neném adormece. Eu vou até o quarto para verificar se está tudo bem.

Minha filha dorme como os anjos, e na cama ao lado, a senhora Rosa também. Beijo o rosto da minha princesa e ajeito seu cobertor.

— Durma bem, meu amor — sussurro e a beijo novamente.

— Callie? — Ouço a voz de Rosa.

— Desculpe se acordei a senhora.

— Não se preocupe, menina, meu sono é leve e logo acordaria para verificar o nosso anjinho.

— Como ela passou a noite? — Geralmente eu subo pelo menos três vezes para verificá-las, hoje, infelizmente, não consegui fazer isso.

— Ela sentiu sua falta, mas ficou bem.

— Desculpe, eu não consegui subir outra vez.

— Não se desculpe, menina, você trabalha demais. Venha, quer um chá?

— Não, acho que vou para a cama.

— Tudo bem, se precisar é só me chamar.

— Obrigada, mas a senhora precisa ir descansar também.

Ela sorri e eu vou para o quarto. Quando engravidei, encontrei

verdadeiros anjos. Dean foi um deles, e a senhora Rosa também. Tenho outra babá que fica durante o dia, mas Rosa é para quem eu recorro em qualquer emergência, e como ela não tem contato com a família, ela trata minha filha como neta.

Se não fossem essas pessoas, eu não sei como estaria hoje. Minha gravidez não foi fácil e quando recebi a notícia do bebê, meu mundo caiu e só se reergueu graças ao Dean e à Rosa, eles ficaram comigo em todos os momentos.

Dean! Pensar nele faz com que eu me sinta culpada, como se estivesse sendo negligente com sua amizade. E quando penso em Micah, minha garganta seca, e me sinto incapaz de respirar.

Micah sempre foi minha válvula de escape. Nunca tivemos algo normal, ou dentro dos padrões. Queríamos sexo, ardente, violento... enlouquecedor. Nada além disso.

Mas quando descobri que estava grávida, que uma nova vida estava sendo gerada dentro de mim, algo aconteceu. Como se tivesse adormecido em meio a tantos sentimentos.

E foi quando percebi que estava apaixonada. Tentei falar com ele quando descobri sobre a gravidez. Ele nunca me atendeu ou retornou minhas ligações. E quando o bar inaugurou, tive tanta esperança.

Não era mulher de ter esperanças, eu sempre fui realista, aquela que não criava expectativas. Minha vida nunca me permitiu ter outro tipo

de sentimento.

Mas Micah era isso, era minha esperança, minha expectativa do futuro. E ele conseguiu ferrar tudo. Seu jeito frio, não aparecer na inauguração e nem ligar, simplesmente enviar flores através do seu empresário, foi inacreditável.

Eu aprendi nesse dia, a não criar quaisquer expectativas em relação a Micah Donovan.

— Está distraída hoje — Dean fala, me assustando com sua observação.

— Desculpe, acho que estava mesmo. — Estamos há algumas horas repassando a contabilidade. Dean é bom com números, tenho que admitir.

— Ouviu alguma coisa do que eu disse? — pergunta ele, mas não parece chateado.

— Que tal repetir enquanto comemos alguma coisa lá em cima?

— Você está jogando sujo, Callie. — Ele sorri, em seguida guarda os documentos.

— Acho que um estômago cheio é sempre capaz de pensar melhor. — Pisco para ele e o ajudo a guardar tudo.

Quando subimos para o apartamento, Amy está na cozinha e nos recebe com um sorriso.

— Já estava preparando algo para vocês — ela fala quando nos aproximamos.

— Onde ela está? — Procuro a minha filha pelo cômodo.

— Ela adormeceu assim que terminou o lanche da manhã. — Amy sorri e começa a arrumar a mesa.

Dean senta na cadeira à minha frente e começamos a comer. Não tenho o hábito de dormir até tarde. No instante em que aqueles olhos azuis abrem, já estou lá para ficar com ela. É minha hora favorita do dia, mesmo que minhas horas de sono sejam bastante escassas.

— Como foi ontem? — pergunta Dean.

— Nada demais.

— Você não contou, não foi? — pergunta quando pega uma fatia de bolo. Amy se retirou e estamos só nós dois.

— Não é algo que vou despejar em cima dele de uma hora para outra.

— Olha, Callie — ele passa a mão na cabeça —, não posso dizer

que sou fã do cara, ele exala prepotência.

— Ele não é assim, Dean. — Ele sorri — Pelo menos na maioria do tempo.

— Mesmo assim, ele precisa saber, Cal, precisa saber que a Blue é filha dele.

— Não quero que minha filha e eu nos transformemos em uma distração para ele. — Levanto num rompante e Dean me olha assustado.

— É assim que ele te tratou? É assim que você se vê? Como uma distração? — Ele está com as mãos na mesa, e eu me acalmo, sento novamente e seguro suas mãos.

— Dean, o que Micah e eu temos é algo que só a gente entende. — Ele me olha com preocupação. — Ele não me usou, não da forma que você está pensando, mas eu sei que logo ele voltará para a estrada junto com a banda e eu não quero minha filha esperando por um pai que pode não aparecer mais.

— Isso é tão fodido, Callie.

— Eu sei.

— Aquele cara está determinado a passar bastante tempo com você. Havia muito mais do que apenas casualidade na maneira como ele te

olhou ontem.

— Agora você está imaginando coisas, Dean. — Puxo a minha mão.

— E havia muito mais do que casualidade no seu olhar, também. — Olho para ele, incrédula. — Seja como for, você tem que conversar com ele.

— Eu vou. — As palavras soam incertas.

Ele não fala mais nada e terminamos nosso lanche em silêncio. Dean é o mais próximo de um pai que a minha filha conhece, mas sei que ele está certo. Micah precisa saber a verdade.

Eu só espero que ele saiba lidar com ela.

7

“Sick and tired of bleedin' for picking up the pieces So I let 'em fall down, let 'em fall down Runnin' outta reasons to hold down the demon So I'm lettin' it out, lettin' it out “

Rather Hate Than Hurt - Hinder

Micah

Acordo cansado e com o corpo todo dolorido. Sexo e álcool pode ser uma mistura perigosa. Fecho os olhos ainda tentando reviver a noite passada. Minha memória é tão vívida que até consigo escutar cada gemido dela. A forma como seu corpo reagiu ao impacto do cinto.

Porra!!!

Eu preciso de um banho frio.

Saio da cama e vou direto para o banheiro. A água fria me acalma e assim que tenho certeza de que não vou agir igual a um adolescente se masturbando no chuveiro, eu acabo o banho.

Enrolo uma toalha na cintura e saio. E quase tropeço quando vejo quem está sentada na minha cama.

— O que está fazendo aqui? — Seguro firme a toalha.

— Não tem nada aí que eu já não tenha visto — diz Mag como se não fosse nada demais.

— Você me assustou. — Ando até o armário e pego uma roupa.

— Preciso de um conselho — ela é direta.

— Posso me vestir? — pergunto, mostrando as roupas na mão. Eu nunca fui do tipo que tem medo de mulheres, mas confesso que desde que a conheço, ela meio que me dá arrepios.

Callie é uma mulher que exala confiança, Mag exala coragem. E eu não quero ser aquele que vai testar essa coragem.

— Já te disse, não há nada aí que vai me impressionar.

— Tem certeza? — Ergo uma sobancelha, brincando com ela.

— Perdeu sua chance na noite que dormiu no apartamento da Hanna quando nos conhecemos. — Ela sorri, lembrando da noite que Gael me obrigou a dormir no apartamento delas.

— Então eu fiz bem, seria meio estranho, agora que está com Braden e Josh. — Sorrio e começo a me trocar, ela não vacila ou fica assustada. Como disse, se tem alguém que pode temer algo aqui dentro, sou eu.

— Então, preciso de um conselho.

— Sou todo ouvidos. — Fecho o zíper da calça e visto a camiseta.

— Josh está me infernizando com esse lance de ser pai. Eu já disse que ia pensar, mas ele envia fotos de bebês fofos a cada duas horas.

— E onde eu entro nisso? — Ela suspira.

— Você é a pessoa mais sensata no momento.

— Eu? E a Hanna?

— Hanna vai explodir a qualquer momento, já viu o tamanho da barriga dela? Ela não conta, está muito sentimental.

— Entendi, e os outros?

— Gael está totalmente no modo “pai”.

— E o Braden? — Meu amigo sempre foi coerente, e sabia frear as ideias absurdas do Josh todas as vezes.

— Acho que ele pode estar um pouco fascinado com a ideia de ser pai — diz, derrotada.

— Mag, você sabe que eles não vão fazer nada que você não queira, é só dizer não.

— Eu sei disso, é que eu...

— Você...?

— Eu nunca pensei em ser mãe, Micah, isso sempre foi algo fora dos limites entende?

— Entendo. — E entendia mesmo, eu nunca me imaginei pai.

— É uma vida, poxa, uma pessoa que vai depender de mim para sempre. E isso parece ser tão grande. — Ela suspira, outra vez.

— O único conselho que posso te dar, Mag, é conversar com eles.

— Eu sei. Desculpe por invadir seu quarto, mas o clima lá em baixo estava sufocante.

— Invasão do mundo dos bebês? — Sorrio.

— Hanna comprou o carrinho e os meninos estão tentando montar. Três caras para montar um carrinho de bebê! — Ela levanta as mãos — Eu nem quero ver como isso vai ficar.

— Acho que vamos descobrir em breve, vem, vamos descer. Estou morrendo de fome.

— A noite foi longa? — Ela sorri maliciosa.

— Bastante. — Pisco.

— Droga, não pisca desse jeito. Estou fugindo daqueles dois, com medo de engravidar só deles me tocarem.

Ela esfrega as mãos nos braços e eu não consigo conter a risada.

— Sabe que eles serão ótimos pais, né? — pergunto. Eu sei que o filho dela não poderia ter melhores pais do que aqueles dois.

— Eu sei, é por isso que estou aqui. Estava a um passo de dizer o bendito sim. Braden fica tão gostoso quando está concentrado, e Josh sorri cada vez que acerta o encaixe de uma maldita peça daquele carrinho. — Ela suspira — Tudo bem, estou ficando louca. Esqueça tudo o que falei. Vamos.

Sorrindo, nós descemos as escadas.

A cena da montagem do carrinho já estava desfeita. Josh, Braden e

Gael agora olham admirados para o objeto. Quem visse a cena, poderia jurar que tinham acabado de inventar aquela coisa.

— Isso não é um carrinho — Josh fala. — É a *Ferrari* dos carrinhos de bebês. — Ele parece orgulhoso.

— Uau — digo e me aproximo. — Essa coisa é movida a bateria ou algo assim?

— É um exagero, não é? — Hanna se aproxima. — Eu disse para o seu amigo, mas ele é tão teimoso. — Ela cruza os braços e olha para o Gael.

— É meu filho, eu dou o que eu quiser para ele. — Ele imita sua posição, desafiando-a.

— Você não vai transformar nosso filho em um playboy mimado. Sem ofensa, Micah. — Ela olha na minha direção e sorri.

— Não ofendeu — respondo — Eu estou falando sério, Gael, você está exagerando. Nosso bebê ainda nem nasceu e tem um quarto com uma coleção de guitarras, um carrinho que tenho até medo de chegar perto e...

— E uma bateria — Josh fala e senta no sofá ao lado de Braden e Mag. Olho para Hanna e posso ver seu rosto ficando vermelho. Isso não é bom.

— Bateria? Mas que diabos!!

— Comprei ontem, e deve ser entregue hoje à tarde — Josh fala, orgulhoso. Cara, a Hanna vai matá-lo.

— Você deixou ele comprar uma bateria? — Ela aponta para Gael.

— Eu não sabia. — Ele levanta as mãos na defensiva, e todos nós repetimos o gesto.

— Eu desisto. — Hanna sai da sala e Josh vibra.

— Yessssssss! — ele comemora. — Acho que ela vai ficar numa boa quando souber do piano — Josh fala e todos nós o encaramos.

— Você comprou um piano? Sério? — pergunto, incrédulo.

— Ainda não, mas a cara que fizeram agora foi impagável. — Todos soltamos a respiração. — Mas voto para comprarmos um e deixarmos na casa em Los Angeles — diz, todo entusiasmado com a ideia sem limite.

— Eu preciso de comida — digo. Saindo pra cozinha, vejo Gael correr para o quarto, provavelmente vai tentar fazer as pazes com a Hanna. Josh, Braden e Mag ficam na sala.

Aproveito enquanto preparo alguma coisa e envio uma mensagem para Callie.

Podia muito bem estar te fodendo agora.

Aperto enviar e coloco o celular no balcão. Preparo um sanduíche e quando começo a comer, recebo uma resposta.

Callie: Sempre eloquente com as palavras.

Eu: Palavras nunca foram meu forte. Foder você em cima de uma mesa, ah, isso sim.

Callie: Você escreve a maioria das músicas da banda. PALAVRAS DEVERIAM SER O SEU FORTE.

Eu: Prefere a minha boca falando, ou te chupando? Meus dedos escrevendo, ou dentro de você?

Callie: Droga! Estou fechando alguns relatórios agora, caralho.

Canso da brincadeira e ligo para ela. Ela atende no primeiro toque.

— Estou trabalhando, Micah.

— Não vou te atrapalhar, só preciso ouvir uma resposta.

— Sêrio? Virou o quê, um adolescente?

— A não ser que prefira que eu vá até aí, é melhor me responder agora.

— Já disse que estou trabalhando, e não estou sozinha, Micah.

— Quem está com você?

— Dean.

— Responda à pergunta, Cal.

— Droga, Micah, pare com isso.

— Estou indo pegar meu capacete.

— Merda, você está mesmo falando sério?

— A resposta, Cal. — Não estava falando sério, pelo menos acreditava que não, mas quando ela falou que não estava sozinha, o que era apenas uma provocação, virou uma exigência.

— Seus dedos, eu prefiro eles — sua voz é praticamente um sussurro.

— Prefere? Então, gosta deles dentro de você?

— Isso.

— Então, diga. — Estou sorrindo, encostado ao balcão.

— Porra, Micah, vai se foder — ela berra e eu sorrio ainda mais.

— Ainda bem que tocou no assunto, Cal, vamos fazer muito isso hoje à noite. Fique pronta, vou te buscar assim que o bar fechar.

Desligo o telefone sem esperar uma resposta. Eu sei que ela deve estar me xingando nesse exato momento, mas sei também que fará o que pedi.

Hoje à noite, eu pretendo tê-la novamente. Preciso que ela se entregue como antes, sem desconfianças, ou questionamentos. Só eu e ela. E sei exatamente onde levá-la.

Pego meu celular de novo e respondo uma mensagem da minha mãe, ela quer que eu vá jantar na casa deles hoje à noite.

Sempre procuro me esquivar desse tipo de encontro. Não que eu odeie meus pais ou algo assim, mas quando não se faz o esperado, jantares em família podem não ser tão reconfortantes.

E tornar-me um roqueiro coberto de tatuagens, está longe do que minha mãe esperava de mim.

Na sala, Mag, Josh e Braden estão conversando. Passo por eles sem ser notado e vou até a garagem, pegar minha moto. Envio uma mensagem para a Hanna, avisando que vou passar a noite no meu apartamento e que não precisa se preocupar comigo.

Meu apartamento não fica muito longe daqui, mesmo sendo uma boa caminhada até lá. Mas como pretendo buscar a Callie mais tarde, a moto deixa tudo mais fácil.

Assim que chego ao prédio, o porteiro me cumprimenta. Entro no elevador e aperto o botão. Em segundos, estou no hall e abrindo a porta do apartamento.

Aqui é um lugar que não venho com frequência, mas minha mãe sempre mantém tudo em ordem. Olho a pilha de correspondências em cima do balcão, provavelmente bobagens e propaganda, já que toda a correspondência importante é direcionada para o escritório.

Vou até meu quarto e observo a cama. Ela é enorme, está coberta com lençóis cinza. É um quarto comum, e raramente trago alguém aqui. Callie nunca entrou no meu quarto, e tenho planos para que isso aconteça essa noite.

Meu pau vibra com a expectativa de vê-la deitada na minha cama.

Vou até o closet e destranco a porta. Toco cada acessório com cuidado. Pretendo arrumar tudo para hoje à noite.

Os chicotes, as mordanças... os plugs. Essa noite será no mínimo épica.

8

“Our love runs deep Deeper than the darker sea So drop your guard
Why do you have to be so hard ”

Drop Your Guard – Jasmine Thompson

Callie

Não consegui me concentrar depois das mensagens que recebi do Micah, e o que foi aquilo de me ligar e me forçar a conversar na frente do Dean?

Micah consegue me irritar e fazer sorrir, tudo ao mesmo tempo.

Age como se nada tivesse mudado durante o período em que ficamos separados, e é doloroso constatar isso. Como se o que tivemos não fosse nada além de insignificante.

Logo depois do almoço, pego Blue e vou até o hospital. Hoje ela tem alguns exames de rotina e preciso conversar com a médica, meu leite secou de repente e não faço ideia do motivo.

Tanto Dean quanto a senhora Rosa se ofereceram para me acompanhar, mas me sinto melhor indo sozinha. Blue foi diagnosticada logo depois do nascimento com um problema na válvula cardíaca. Desde então, tenho me desdobrado entre os cuidados com ela e a administração do bar. Por isso, Dean se tornou essencial, ele é muito mais do que um mero gerente.

— Então, doutora, como ela está? — pergunto assim que a médica termina de examiná-la.

— Aparentemente, Blue está reagindo muito bem, mas prefiro aguardar o resultado de todos os exames para conversarmos melhor, tudo bem? — Ela sempre fala isso, e são os piores momentos para mim.

— Tudo bem, vou levá-la até a sala de exames agora. E quanto ao que mencionei, sobre o meu leite?

— Está passando por alguma situação de estresse? Algo fora do normal?

— Acho que sim. — Meu estresse tinha nome e sobrenome: Micah Donovan.

— Esse pode ser o motivo, então. É comum acontecer.

— Mas e quanto a ela? Pode prejudicá-la de alguma forma?

— Não, ela já pode sair do peito sem problemas. — A médica sorri, me tranquilizando. — Ouça, Callie, você foi excepcional, não se culpe pelo leite secar. Algumas mães nem conseguem amamentar tanto tempo, nem mesmo um dia.

— Eu sei, mas isso é tão frustrante.

— Entendo você, mas sua filha está bem e forte. Vamos nos preocupar apenas com o problema no coração. Certo?

Concordo e ela começa a conversar comigo sobre como vamos proceder daqui para frente com a alimentação, e assim que termina, vou com Blue até a sala de exames.

Ela detesta esta parte, quando precisa ser examinada por máquinas que a incomodam.

Uma hora depois, estou sentada com ela no corredor, aguardando o resultado. Blue está dormindo no bebê conforto ao meu lado e estou lendo uma revista.

— Callie? — Uma voz familiar chama minha atenção, sinto meu coração acelerar quando levanto os olhos e vejo quem é.

— Oi, Braden. — Instintivamente meu olhar vai para minha filha, e ele percebe.

— Posso? — Aponta para o lugar vago ao meu lado.

— Claro. — Ele se senta e observa Blue.

— É sua? — A pergunta é cautelosa, mas antes que eu tenha tempo de responder, a enfermeira chega com os exames.

— Senhora, aqui estão os exames da sua filha. — Ela me entrega o envelope. — Amanhã sairão os outros resultados. — Agradeço e ela vai embora.

— Ela está bem? — pergunta ele, preocupado.

— Sim, é apenas rotina — respondo sem jeito —, e você, o que faz aqui?

— Rotina também. — Ele mostra o envelope. Sei do que se trata, eles sempre fazem esses exames.

Nós sorrimos e então Blue acorda, ela choraminga e atrai a nossa atenção. Os olhos dela abrem e vejo Braden a observando. Todos os meus medos vêm à tona nesse instante. Não tem como negar, e ele

percebe, claro como o dia.

— Ele não sabe, certo? — pergunta com um sorriso.

— Braden, eu...

— Tem um café lá fora, que tal conversarmos um pouco? — Olho novamente para Blue, seus olhos azuis brilhando, inocentemente.

— Tudo bem. — Coloco os exames na bolsa, e antes que eu possa alcançar o bebê conforto, Braden segura minha mão.

— Posso? — pergunta, e estende a mão para Blue.

— Claro que sim. — Sorrio e ele a pega no colo.

— Ela é linda, Callie. — Braden a segura com cuidado. Eu apenas sorrio e caminhamos em direção à saída.

Dois seguranças nos acompanham, e eu não me incomodo, já estou acostumada a esse tipo de situação. O fato de estar com um dos membros da Originals por perto tem essa questão. Braden leva Blue no colo e eu permaneço ao seu lado. Quando chegamos ao café, ele pede uma mesa reservada para não sermos incomodados. Não que eu acredite que isso possa acontecer com dois caras do tamanho de tanques de guerra por perto.

— Então, por onde quer começar? — pergunta, aconchegando Blue

no colo. Ela parece estar em seu próprio paraíso particular, nunca a vi tão calma.

— Ela parece gostar de você. — Desvio da sua pergunta.

— Tenho essa coisa com as mulheres. — Braden dá de ombros e sorri. — Qual é o nome dela?

— Blue. — Espero a sua reação.

— Um lindo nome, para uma linda princesa.

— E o que mais? — instigo-o a falar mais, porque sei que tem mais a dizer.

— E, você sabe que ele vai entender a referência.

Suspiro. Eu sei, e talvez um lado meu tenha escolhido esse nome justamente por isso. A garçonete vem e anota nossos pedidos. Braden e eu só pedimos um café preto.

— Olha, Braden, não quero que você me julgue, mas as coisas não são tão simples assim.

— Callie, sou o último ser humano que poderia julgar alguém. — Ele olha para Blue que adormeceu novamente. — Mas gostaria que me contasse por que está escondendo-a.

— Não estou, ainda só não contei para ele.

— E isso tem alguma diferença?

— Não. Mas eu passei por tanta coisa desde o nascimento dela, não sei se estou preparada para outra avalanche na minha vida agora.

— Micah merece saber que tem uma filha, Callie. E assim que ele a vir, vai saber.

— Eu sei.

— E também sabe que a reação dele não vai ser *bonita*, certo? — Passo a mão no rosto, sentindo o peso disso tudo me atingir.

— Sei disso, mas não posso simplesmente aparecer e dizer: “Olha, Micah, nós tivemos uma filha, isso não é o máximo?”. Braden, sou apenas a garota que ele usa quando quer sexo selvagem, sujo e perverso. É esse o meu papel na vida dele.

— Não concordo. Micah vê mais do que isso, e algo me diz que ele também significa mais pra você. — Quase solto uma risada com a afirmação dele. Quase.

— Você só pode estar brincando comigo, não é?

— Lembra quando nos conhecemos?

— Lembro, os três estavam adorando observar. — Sorrio.

— Não esse dia, você lembra quando realmente nos conhecemos?

É claro que lembrava. Minhas bochechas esquentam quando a memória daquela noite surge nítida na minha mente.

Amsterdã, alguns anos atrás.

Passava das quatro horas da manhã quando Micah chegou ao hotel, eu já estava esperando há mais ou menos uma hora na suíte que ele havia reservado.

— Desculpe a demora, Cal. — É a primeira coisa que diz quando abre a porta. — Ficamos presos em algumas merdas de entrevistas. Desculpe.

Ele joga a jaqueta em cima da poltrona, e só então me observa. Um robe de seda preto delineia meu corpo, o cabelo longo está solto, com as pontas pintadas de verde vibrante. Seus olhos vão direto para a faixa que prende o robe.

— Desfaça o laço. — Aponta e eu obedeço. A seda desliza pelo meu corpo e ele acompanha com o olhar. — Linda. — Sua voz sai

rouca.

Micah tira o elástico que prende seu cabelo e se posiciona atrás do meu corpo, ele toca apenas no meu cabelo. Ele o prende em um rabo de cavalo, e então beija meu pescoço.

— Tenho algo para você, tudo bem?

— O que é? — Não me mexo, seus dedos passeiam nos meus braços. Noto quando ele pega o celular, parece que envia uma mensagem, e em poucos minutos a porta abre.

— Lembra do Braden e do Josh? — É claro que me lembrava. Afirmo com a cabeça. — Se importa se eles tocarem em você?

Olho para eles, e estou nua. Mas não me envergonho, sinto o coração acelerar com a expectativa do que está por vir. Já fizemos muitas coisas diferentes, mas isso era algo novo. Josh devora cada parte do meu corpo com os olhos. Braden mantém os olhos nos meus.

— Eu vou cuidar de você — Micah sussurra no meu ouvido, e venda meus olhos.

Uma mão que reconheço não ser a dele, segura a minha e me guia até a cama, seja quem for, é cuidadoso. Deito e sinto a maciez dos lençóis na pele.

— Erga os braços, Callie. — Levanto os braços e sinto um metal

gelado nos pulsos. Micah não usa algemas de pelúcia ou algo parecido. Ele adora amarras de couro, algemas de metal. É esse o tipo de coisa que o deixa excitado.

Depois que escuto o clique das algemas, uma música surge ao fundo. Instrumental, mas a batida é sexy. Sinto mãos começarem a vagar pelo meu corpo. Quatro mãos ao mesmo tempo, tocando meus seios e coxas.

Sinto uma boca no mamilo, e ofego quando outra toca minha boceta.

A venda é retirada, e estou tão envolvida que não percebo que estou com os olhos fechados.

— Abra os olhos. — Micah ordena e eu abro. Deus, as bocas no meu corpo, as sensações são tão inebriantes que me sinto tonta.

Micah me observa com um copo de uísque na mão. Ele bebe sem tirar os olhos do meu corpo, acompanhando cada movimento de Braden e Josh.

E eu tenho que dizer, eles são bons. Muito bons.

Percebo quando Micah começa a abrir a calça, deixando a bebida de lado. Ele se aproxima da cama.

— Chupe ele, Callie — ordena em meu ouvido, viro o rosto e vejo

Braden. Seus olhos estão ardentes de desejo. Ele quer que eu faça isso, e porra, eu também quero.

— Fique de quatro. — Obedeço. — Ele não vai gozar na sua boca, entendeu?

— Entendi — ofego.

Braden segura meu cabelo e direciona minha boca, seu pau entra inteiro e seguimos um novo ritmo. Josh brinca com meu clitóris, me levando à beira de um orgasmo, e quando sinto que vou explodir, Braden se afasta.

Ele segura meu queixo com a mão e beija meus lábios. Seu beijo é gentil, a língua explorando minha boca com delicadeza.

Sinto quando Micah se posiciona por trás, ele começa a me penetrar e Braden não interrompe o beijo. Minhas mãos ainda estão algemadas e estou à mercê dos três. Abro os olhos apenas por um segundo, e vejo Josh beijar o pescoço do Braden, isso parece acender algo nele porque sua mão me puxa para perto com mais afinho pela nuca. O beijo de antes, gentil, agora é mais intenso.

Ouçõ Micah gemendo a cada estocada, os dedos pressionando com força meu quadril. Braden geme na minha boca quando Josh também investe dentro dele.

Os gemidos começam a se intensificar, e a se misturar. Não

consigo mais distinguir onde cada um começa e o outro termina. Meu corpo entra em um frenesi que nunca havia experimentado.

A dor do chicote, as mordaças e algemas. Tudo isso conseguia suportar, mas essa dor, essa dor de prazer, era algo intenso demais. Algo que tinha certeza de que jamais iria esquecer.

E quando todos gozamos juntos. Não há gritos, ou mais gemidos. Há apenas o desejo satisfeito.

Algumas horas depois, estou dentro do jatinho voltando para casa. Sozinha.

— Estava pensando naquela noite, não estava? — A voz do Braden faz minha mente voltar à realidade.

— Não tem como não lembrar. — Bebo o café. — Mas onde quer chegar com isso?

— Onde quero chegar?! Que tal a maneira com que Micah cuidou de você naquela noite, nas regras que ele impôs? Josh e eu podíamos apenas tocá-la e incitá-la. Estávamos autorizados a apenas preparar você para ele.

— Mas você me beijou. — Lembro a ele do beijo.

— Sim, Micah não ficou muito feliz com isso. — Ele sorri.

— Não sabia — comento, surpresa.

— Imagino, assim como não sabe como vocês dois se olharam naquela noite, não é? Vocês não têm noção do que são quando estão juntos.

— O que você quer dizer com isso, Braden?

— Que vocês têm exatamente o que eu tenho com Josh, intimidade e cumplicidade. Admiração escondida atrás do desejo. Vocês só são teimosos demais para perceber, ou burros mesmo.

— Nossa, obrigada. — Finjo estar ofendida, mas na verdade, as palavras dele me atingem em cheio. Braden coloca Blue ainda dormindo no bebê conforto, e se agacha ao meu lado.

— Callie — ele segura a minha mão —, converse com ele, não tire conclusões de algo que até mesmo você desconhece.

— Não sei — minto, porque eu sabia, sabia que estava apavorada com a ideia do Micah querer tirar minha filha, e nunca me perdoar.

— Somos seus amigos também, para o que precisar. Você não está sozinha. — Ele olha para a Blue. — As duas.

Braden beija minha mão e uma lágrima rola pelo meu rosto. Ele volta a sentar e passamos a conversar sobre a banda e os shows. Seu semblante muda quando fala do Josh, mesmo complicada, é a relação

mais bonita que eu já vi.

— Nunca entendi direito a relação de vocês — digo, me referindo a ele a ao Josh.

— Josh é complicado.

— Sério? — Sorrio.

— Na verdade, a família dele é. Diferente da minha que só querem uma coisa de mim.

— O que eles querem?

— Que eu seja feliz. — As palavras dele saem cheias de significado.

— E você é?

— Tanto quanto poderia ser. — Ele termina o café. — Callie, não é uma manchete de jornal que vai provar o quanto ele me ama. Josh abriu mão de muita coisa também, mas ainda não está preparado para tudo que vem junto, caso a gente se assuma, publicamente.

— Entendo.

— Eu sei que entende. Micah nunca assumiu nada com você, Callie, mas era quem ele procurava quando precisava. Sei que é com

você que ele divide boa parte dos segredos dele.

— Posso ser simplesmente uma boa ouvinte, Braden.

— Não, você sabe que não é. Nenhum cara manda um jatinho buscar uma mulher só por causa de sexo, ou por ser uma boa ouvinte. Era você que ele queria.

Penso no que ele diz. Mas, ainda assim, não me parece verdadeiro. Micah e eu sempre tivemos a relação definida. É por isso que nunca quis carícias depois do sexo, ou desejei esse tipo de intimidade.

Era muito fácil cair de amores pelo Micah, e era disso que eu fugia, porque também sabia que ele era o tipo de homem que seria capaz de fazer uma mulher se apaixonar na mesma velocidade em que esmagaria seu coração. Com ele não havia meio termo. Pelo menos, nunca comigo.

Mas então, Blue aconteceu. E quando eu vi aqueles olhos brilhantes pela primeira vez, soube que estava irremediavelmente apaixonada, por ela, e pelo pai dela.

Ele meu deu uma razão para ser melhor, uma razão para levantar a cada manhã. Assim como quando nos conhecemos na clínica de reabilitação, ele continuava, mesmo sem saber, sendo minha salvação.

Braden parou algumas vezes para dar autógrafos quando saímos do café. Com a aglomeração de pessoas, acabou me dando uma carona até

em casa, prometendo voltar para ver Blue. Sabia que ele voltaria, e seria sempre bem-vindo.

9

“All the things I wanted to do Are so much better when I’m with
you Something inside of me Is waiting for something new So I’ll just
wait for you”

Wait For You – Stone Broken

Micah

Fazia muito tempo que não ia jantar na casa dos meus pais. Era como estar entrando num ambiente desconhecido. E, mesmo amando minha família, não era aqui que eu me sentia em casa.

Anos viajando com a banda, entrando e saindo de confusões. Foi isso que deu sentido a muita coisa na minha vida. Aquela criança que foi criada para um dia se tornar um político respeitável, não poderia estar mais longe do que acabei me tornando.

E por mais dinheiro que eu tenha, ou a fama que me cerca, ainda sinto uma pontada de decepção toda vez que entro por essa porta.

— Boa noite, Senhor — Charlotte me cumprimenta quando abre a porta.

— Senhor? Desde quando você me chama de senhor, Charlotte? — Ela sorri e me abraça. É a governanta na casa da minha mãe, e desde que me lembro, foi quem sempre cuidou de mim.

— Meus pais, onde estão? — pergunto enquanto coloco um braço no seu ombro.

— Eles estão na sala, esperando por você.

— Eles têm visitas, não tem? — Ela apenas me olha. — Certo, vamos entrar na cova dos leões.

Quando entramos na sala, os olhos da minha mãe vão direto para o meu braço, que ainda está no ombro da Charlotte. Ela é como uma águia, não tem nada que escape dela. Quando eu era criança, ficar ao redor dos empregados era algo comum, uma atitude que ela deixava passar, achando que era apenas coisa de criança.

Meus pais sempre foram amorosos, disso eu jamais pude me queixar, principalmente minha mãe. Mas havia algo que ela prezava muito, mais até do que amor, eu imaginava. Era classe social.

— Boa noite — cumprimento as pessoas na sala, um casal e uma mulher, que acredito ser filha deles, e ela me encara.

— Só estávamos aguardando você chegar, querido. — Minha mãe vem em minha direção e me abraça. — Por mais adulto que esteja, sempre acho que você fica maior a cada vez que o vejo.

— Senti sua falta também, mamãe. — Beijo seu rosto.

— Venha, quero lhe apresentar algumas pessoas. — Seguimos até as pessoas que estão sentadas no sofá. — Sério, você veio mesmo de jaqueta de couro, Micah? — ela me repreende.

— Não sabia que teríamos convidados — respondo, sorrindo.

— Sempre temos convidados.

— Vou tentar me lembrar disso da próxima vez.

Na verdade, pensei que dificilmente seria um jantar de família, aqui é como se fosse uma sede política. O entra e sai de senadores, governadores e primeiros-ministros, é impressionante.

— É bom ver você de novo, filho. — Meu pai, o imponente ex-

senador, Corey Donovan, aperta minha mão e depois me puxa para um abraço.

— Oi, pai.

— Micah, esse é o primeiro-ministro da França, o Sr. Lancaster.

— Me chame apenas de Morrice. — O cara pede quando apertamos as mãos.

— Micah.

— Essa é a sua esposa, Jacqueline, e sua linda filha Marion. — Não deixei de notar a pequena ênfase na palavra linda. Minha mãe é elegante até na hora de tentar me empurrar uma mulher.

— É um prazer conhecê-las. — A senhora sorri, e a *linda* filha aperta minha mão por muito mais tempo do que o necessário.

Ótimo, uma *fiã* para *fechar* a noite. Seria muito pedir um jantar normal? E não um que precise dar sorrisos *falsos*?

— Micah, o jantar será servido em alguns minutos, porque não leva Marion para conhecer a casa?

— Eu adoraria — Marion responde, e sei muito bem que tipo de *tour* ela adoraria.

— Apesar de não morar aqui há alguns anos, seria um prazer mostrar o lugar. — Ofereço meu braço, que ela aceita de prontidão.

Minha mãe sorri, acreditando que estou encantando pela moça, meu pai já está conversando com o tal Morrice quando seguimos na direção do jardim.

Há algo sobre mulheres e essa casa que aprendi desde cedo. O jardim, elas parecem entrar em um verdadeiro conto de fadas quando conhecem este lugar. Como se esperassem que eu, de repente, me tornasse o príncipe que roubaria um beijo em meio às flores.

Fodi muitas mulheres aqui, essa era a verdade.

— Aqui é lindo — elogia Marion ao caminharmos pela trilha de pedras. Bem como eu esperava.

— Arrisco dizer que é o lugar mais bonito desta casa.

— E seu quarto, não é? — Ela para e olha em meus olhos. Seus olhos são verdes, vivos. Mas não me atrai, pois quando olho para eles, só consigo lembrar de uma certa mulher que antes variava sempre as cores do cabelo.

Às vezes verdes, outras, vermelhos, e até roxos. Sempre mechas que se misturavam com sua cor natural. Callie costumava dizer que as mechas significavam um pouco de alegria no meio da escuridão.

— Tudo bem? — Pisco com a voz dela.

— Olha só, Marion, se quiser ser fódida, não precisa de um quarto.
— Os olhos dela se iluminam. — E se eu quisesse foder você, não a levaria para o meu quarto.

É como se eu tivesse dado um tapa na cara dela, porque ela revida com força.

O som do tapa ecoa no jardim vazio, eu toco a bochecha e sorrio. Se ela, pelo menos, imaginasse a quantidade de tapas iguais a esse que já levei na vida.

— Se já acabou, gostaria de enfrentar logo esse jantar sem graça, porque tem alguém que eu realmente gostaria de foder hoje, e é com ela que vou me encontrar mais tarde.

Saio do jardim e a deixo para trás, perplexa com as minhas palavras. Mas que se dane, não estou nem aí.

Parecia algo natural, quando a banda ficou famosa, as mulheres terem curiosidade de serem fódidas por nós. Isso já foi interessante, hoje é como se não fizesse sentido.

Minha mãe me encara quando me vê sozinho, mas ela é inteligente demais para perguntar o motivo. Como eu imaginei, o jantar corre com a mesma formalidade de sempre, minha mãe sendo simpática com seus convidados, eu, respondendo algumas perguntas idiotas sobre o

mundo do rock, e meu pai, bem, meu pai é o político que sempre foi.

— Você poderia dormir aqui hoje — minha mãe diz quando me acompanha até a porta. Seus convidados finalmente já foram, e ela e meu pai estão se despedindo de mim.

— Moira, acho que Micah tem outros planos para a noite. — meu pai responde por mim, sorrindo.

— Com certeza.

— Não sejam grosseiros. Quando vai trazê-la aqui? Imagino que seja esse o motivo de ter sido frio como gelo com Marion essa noite.

— Não fui frio com ela, mamãe, simplesmente não estou com humor para satisfazer a curiosidade de uma garota mimada.

— Marion é uma moça de família, Micah. Educada e refinada. Não a compare com os tipos de mulheres que costuma sair.

— Longe disso, as mulheres com quem eu saio sabem muito bem o lugar delas, jamais me pediriam para fodê-las no meu quarto, e pior ainda, na casa dos meus pais.

Minha mãe abre e fecha a boca rapidamente, meu pai apenas sorri. Ele sabe tão bem quanto eu o efeito que causo nas mulheres. Ele também já viveu isso.

— Boa noite, mãe. — Beijo seu rosto. — Pai. — Ele me abraça e eu entro no carro.

Fecho a porta e suspiro aliviado. Envio uma mensagem para Callie, avisando que vou buscá-la, mas ela não responde.

Ligo o carro e vou para o The Rock. Não importa se ela não me responder, sabe que vou fazer o que disse. Essa noite ela vai voltar a ser minha como nos velhos tempos.

Callie e eu sempre fomos perfeitos na cama. É como se nossos corpos se conectassem e não houvesse mais nada ao redor.

Independentemente de onde estivéssemos, não havia sons, ou espectadores. Era apenas eu e ela. Sua entrega era admirável, a confiança que ela depositava em mim para cuidar, não só do seu prazer, mas também do seu corpo e mente quebrada, era espantosa.

No dia que a conheci, as mechas coloridas no cabelo não existiam, somente um rosto indecifrável, uma mente danificada e um corpo nada saudável. Se eu dissesse que era ela linda naquela época, estaria mentido. Na verdade, nenhum de nós estava em nossa melhor forma.

Gael e eu já tínhamos saído da reabilitação naquele ano, mas eu fui fraco demais e acabei voltando dois meses depois. Dessa vez, meus amigos interviram. Vi a decepção nos olhos do Gael quando ele me flagrou chapado; Braden perdeu a confiança em mim; e, Josh ficou apavorado, com medo que eu morresse.

Não foram os sermões sobre drogas ou as ameaças que minha carreira iria para o buraco se eu continuasse, mas sim aqueles olhares, que me fizeram voltar para a reabilitação e jurar que nunca mais cederia novamente.

Mas o corpo humano tem uma forma interessante de suprir certas necessidades. Não era mais em drogas que eu estava viciado. Era nela.

Na primeira noite que passamos juntos, ainda estávamos internados e a adrenalina de fazer algo proibido fez meu coração bater freneticamente. Era uma sensação tão boa, que acabamos repetindo algumas vezes. Mas foi na primeira vez que a dominei na cama que tudo mudou.

Naquele dia, meu corpo reconheceu o dela como sendo um só. Ela nasceu para se submeter a mim, e meu corpo era dela, para lhe dar prazer.

Nenhuma outra mulher se igualou, e consegui me dar aquela sensação de adrenalina correndo na veia, como carros de corridas disparados na pista. Sem carícias depois, sem promessas. Apenas desejo saciado e correspondido.

Já passa das duas da manhã quando estaciono na frente do bar. Quando vejo Dean sair, eu entro.

Callie está usando jeans apertado e top preto, uma jaqueta de couro completa o visual. Por mais que eu gostasse do cabelo dela longo,

confesso que curto deu um ar muito mais sexy e perigoso.

Ela parece muito mais madura e segura de si. E amo ver o quanto ela desabrochou nesse tempo.

— Pronta? — Encosto no balcão e a observo colocar algumas garrafas no lugar.

— Não vou passar a noite com você, Micah. — Ela nem vira o rosto na minha direção.

— Tudo bem, não é como se tivesse passado antes. — Percebo quando ela resmunga. — Mas não vamos ficar aqui.

— Não? — Ela coloca a última garrafa e me olha. — Qual a proposta, então? Algum dos clubes?

— Por mais que seu balcão seja tentador, não vamos ficar. E não posso deixar de dizer que a ideia de um dos clubes também parece boa. — Eu me inclino para falar no seu ouvido. — Vamos para um local diferente.

— O que seria?

— Hoje você vai voltar a ser minha.

— Você está muito convencido disso, não acha?

— Estou, porque hoje vou ter você num lugar que eu sempre quis.

— Não tenho a mínima ideia de onde seria.

— Na minha cama.

Observo sua reação, Callie e eu já transamos em muitos lugares. Mas a minha cama será algo totalmente novo. Sempre negamos a ideia de dormir juntos e que a cama era um nível muito acima do que só compartilhar sexo.

— Micah, você sabe o que penso a respeito disso.

— Eu sei, e é por isso que quero você, hoje, na minha cama. Você pode até dizer que não quer, Cal, mas seu corpo sabe muito bem o que quer, e que eu sou a única pessoa capaz de dar isso.

10

“I've tried to see Like a fool I thought I'd beat this on my own But
without you I'm sinking Like a stone You're all that I need”

Find My Way Back – Cody Fry

Callie

As palavras dele me pegam de surpresa. *Sua casa? Sua cama?*
Micah estava ultrapassando muitos limites em uma única noite.

Só que ele estava certo. O que não deixava de ser irônico.

— Se eu olhar a palavra convencido no dicionário, provavelmente vou encontrar seu nome em uma das definições, estou certa?

— Meu nome *e* sobrenome. Não se esqueça que arrogância está no meu sangue. — Ele sorri.

— Tudo bem, vou apenas trancar a porta e podemos ir.

— Não vai levar nada?

— Já disse que não vou passar a noite com você, Playboy.

— Tudo bem, quando mudar de ideia, posso emprestar uma roupa.

Dou a volta no balcão e ele continua ostentando um sorriso idiota no rosto. A droga do sorriso que pode convencer uma freira a largar os votos, e eu, a passar a noite.

Odeio quando ele sorri assim.

— Vamos lá, Cal, não aja como uma vadia mal-humorada.

— Não queira conhecer a vadia mal-humorada que habita dentro de mim, Micah Donovan.

Pego minha bolsa e saímos do bar. Avisei Rosa que passaria a noite fora e confesso que não esperava a reação dela. Agiu como se eu estivesse encalhada há séculos e que teria um encontro amoroso.

Deus, será que eu estava parecendo uma desesperada? Não podia dizer que ia simplesmente sair para transar com o pai da minha filha, ela já estava feliz demais com minha escapada na madrugada.

Blue estava bem, e já tomava o suplemento que a médica indicou. Chorei um pouco quando tive que fazer o leite. Amamentá-la era um momento mágico, um momento nosso. Micah de volta na minha vida estava causando muito mais do que aborrecimentos. Eu o odiava nesse momento.

— Não está de moto? — pergunto quando ele abre a porta do carro.

— Não, fui jantar na casa dos meus pais.

— Uau! O bom filho a casa torna. Que bonitinho!!

— Quase isso. E pare de gracinha, Cal. Não é legal. — Ele dá partida e eu coloco o cinto de segurança.

— Ah, mas é sempre bom ver mamãe e papai, não é? — Ele geme e eu sorrio. Pelo menos posso me divertir um pouco com essa situação.

Quando conheci os Donovan, ainda na clínica de reabilitação, não posso afirmar que foi um encontro amigável. A mãe dele pareceu muito aborrecida quando Micah me apresentou como amiga dele. Era como se eu não fosse digna da atenção do filho, muito menos da sua amizade.

Dizer que ela olhou com nojo para minha mão estendida seria um eufemismo.

— Seus pais foram visitar você só uma vez durante os meses que passamos internados, estou certa?

— Sim, eles foram uma vez — responde sério olhando para a rua.

— Era difícil para eles... Quero dizer, ver você naquela circunstância? — Essa é a primeira vez que pergunto isso, na verdade, nunca me importei antes com os pais dele. Naquela época, estava aliviada em não olhar para a senhora Donovan e seu marido.

— Acho que sim.

— Porque não voltaram mais?

— Eu pedi — sua resposta é pontual, encerrando o assunto.

A senhora Donovan podia ser uma esnobe completa, mas eu sabia que ela amava o filho, pela forma como o abraçou naquele dia.

Minha internação ali era no mínimo estranha. Era óbvio que eu não me encaixava no lugar, um dia de tratamento custava o que eu ganhava em um ano. Porém, pessoas boas existem, e conheci uma delas.

A senhora Loren foi como um anjo na minha vida, ela estendeu a mão quando todos se afastaram. Não é fácil lidar com um viciado.

Com alguém que não se importa se está vivo ou não, é um verdadeiro pesadelo.

Meus pais acreditavam que eu não tinha salvação. Diferente de Loren, ela era nossa vizinha, e me viu crescer. E quando disse que poderia me ajudar, falou com lágrimas nos olhos que não ia deixar acontecer comigo o que aconteceu com a filha dela.

E foi por isso que aceitei ser internada. Pela dor que testemunhei naqueles olhos. Nunca imaginei que iria para a melhor clínica de reabilitação que o dinheiro podia pagar.

No dia que saí, não vi mais a senhora Loren, ela havia se mudado e deixado apenas um bilhete. Um pedaço de papel que pedia para que eu nunca desistisse, que seguisse em frente e sempre de cabeça erguida.

E foi exatamente o que fiz, nunca mais alguém me humilhou, ou desdenhou. Tracei meu caminho com muito trabalho, e somente uma pessoa fazia com que eu baixasse a cabeça e calasse a boca: Micah, mas esse poder ele só tinha entre quatro paredes.

— Espero que não esteja dormindo — provoca quando desliga o motor do carro.

— Estava apenas lembrando.

— Coisas boas?

— Pessoas boas. — Ele sorri e sai do carro, e então abre a minha porta. É isso, o cara sabia ser cavalheiro quando queria.

— Vamos, tem um quarto nos esperando para fazermos coisas más.

Ele pega minha mão e caminhamos até o elevador. Sinto vontade de correr ao ver tanta confiança e convicção nele. Ele parece uma parede impenetrável, e eu, uma parede em ruínas.

— Me diga o porquê. — Paro quando ele está abrindo a porta.

— Como? — Ele me olha confuso.

— Quero saber o motivo que fez você me trazer até aqui.

— E isso importa? — Poderia me ofender com a pergunta, mas não, pelo contrário, e apenas sigo com a verdade.

— Importa, Micah. Dessa vez, sim. Não quero entrar aí para você transar comigo porque está passando por um péssimo momento e precisa tirar a mulher do seu melhor amigo da cabeça.

— Não é isso, Cal.

— Então o que é? — Cruzo os braços.

— Não sei, tudo bem? — Ele passa a mão pelo cabelo. — Simplesmente não sei, se eu disser que é porque eu quero muito estar

com você? Que não consigo pensar em outra coisa? Ficaria satisfeita com essa resposta?

— Não, Micah, não ficaria.

— Pois é a única que tenho, Cal. É a única resposta que tenho para você e para mim.

Passamos alguns segundos nos encarando, e quando a porta abre, a atmosfera muda. Não somos amigos que vão entrar para conversar. Somos amantes que vão entrar para transar, para lembrar como são bons juntos.

— Quer alguma bebida? — Ele acende as luzes e eu observo o lugar.

— Impressionante, Playboy. — Olho para os móveis alinhados com perfeição, um amplo sofá cor de marfim, em contraste com os quadros preto e branco.

— Você não se impressionou com isso, Cal. Te conheço muito bem.

— Confesso que só queria massagear seu ego. — Ele sorri e tira a jaqueta.

— Hora de conhecer o melhor cômodo da casa, Cal. Depois posso te dar um tour pelo lugar o que acha?

— Um tour?

— Sim, um tour pelos prazeres do sexo. — Micah se aproxima e pousa as mãos na minha cintura. — Do tipo que vou te foder em cada cômodo. O que acha?

— Parece legal. — Dou de ombros.

— *Legal?* — Ele puxa meu corpo até meus seios encostarem-se ao peito dele. — Você vai usar uma palavra melhor que legal quando eu terminar com você hoje.

— Está me prometendo alguma coisa?

— Não costumo fazer promessas, Cal, mas para você sempre posso fazer uma exceção. Pronta?

— Sempre.

Micah sorri, em seguida pega minha mão e seguimos por um corredor. A expectativa me excita e não olho mais nada no apartamento, ou na decoração. O jeito firme com que ele segura minha mão é suficiente para começar a deixar minha pele arrepiada.

— Você sabe o que fazer — sussurra no meu ouvido e abre a porta do quarto.

Uma cama enorme me dá boas-vindas. Com apenas dois

travesseiros em cima dela. Também tem um quadro, onde dois olhos azuis parecem me observar. Estou certa de que são os olhos dele.

Micah não fala nada e vai até uma porta que acredito ser o banheiro. E eu sei o que devo fazer, então não perco tempo. Tiro as roupas, mantendo apenas a calcinha fio dental. Coloco minhas coisas em cima da poltrona e fico próxima à cama.

Eu me ajoelho, sento sobre as pernas dobradas, coloco as mãos em cima da coxa e abaixo a cabeça. Deus, há quanto tempo não faço isso?

A porta do banheiro se abre, mas não olho, não me atrevera. Se minha memória não falha, ele está usando apenas boxer.

Percebo quando se agacha na minha frente. Ele coloca meu cabelo atrás da orelha, com um dedo ergue meu queixo e me olha intensamente nos olhos.

— Qual a palavra de segurança, Callie?

— Blue. — Quase engasgo ao responder e ele percebe.

— Nervosa?

— Não.

— Algum limite hoje? — Penso um pouco antes de responder.

— Nenhum. — Ele sorri satisfeito.

— Fale a palavra a qualquer momento. Não sei o que sou capaz de fazer hoje, faz muito tempo, então você tem todo poder aqui, entendido?

— Sim, Micah.

— Vou ouvir, caso você diga. Eu sempre vou te ouvir. — Meu coração começa a bater mais forte. Toda vez que ele fala assim, meu muro é derrubado e eu me entrego por completo. Nesse momento, sou sua em todos os níveis; corpo, alma e coração.

Ele beija meus lábios devagar, apenas me provocando. Uma música começa a tocar e meu corpo relaxa. Reconheço a letra, eu a tenho gravada a fogo na pele. É “Snuff” do Slipknot.

Micah pega uma venda de couro e coloca nos meus olhos. Sua mão vai para minha garganta, pressionando sutilmente. Deveria sentir medo, entrar em pânico, mas é a mão dele me tocando, é a voz dele sussurrando.

— Concentre-se apenas na minha voz.

Seus dentes cravam na minha pele. Ele morde meu ombro.

A nossa sintonia não se perdeu com o tempo. Micah continua o mesmo. Senti falta disso, o tempo nunca foi tão banal.

— Não force a respiração. — Sua mão pressiona com mais força a minha garganta. Sua boca começa um lento tormento na minha pele.

A música toca alto, e tento não absorver a letra, tento não me perder naquelas palavras que agora fazem mais sentido. Cada vez que ele corta meu ar, e me faz gemer, mergulho num estado quase inconsciente.

Estou ajoelhada no chão frio, mas basta seu corpo se aproximar do meu para me esquentar. A cada beijo, o ar dele entra nos meus pulmões. Cada aperto no meu pescoço, é um pouco do meu ar que ele rouba para si.

“I only wish you weren't my friend
Then I could hurt you in the end
I never claimed to be a saint
My own was banished long ago
It took the death of hope to let you go.”

— Não se mexa — ordena ele.

E não demora para eu descobrir o motivo. O fogo do chicote nas costas faz meu corpo estremecer.

Sinto outra vez as tiras de couro, e não tenho certeza, mas acredito que mais um pouco e cortará a minha pele.

— Diga, Callie. Diga a quem você pertence — sussurra no meu ouvido.

— A você, Micah.

— Chega de jogos? — Respiro fundo, finalmente entendendo o motivo do uso do chicote dessa maneira. Está me punindo.

— Chega de jogos.

— Levante-se. — Ele me ajuda e arfo, sentindo a dor.

Micah me ajuda a subir na cama e ajusta meu corpo com as costas para cima.

— Vou cuidar de você. — Começa a beijar o lugar onde os golpes atingiram. Seus beijos são suaves, as mãos acariciam a pele e eu suspiro de prazer.

Quando ele fica satisfeito, tira a venda e me vira, me colocando de frente para ele.

— Está doendo? — pergunta.

— Não — digo a verdade, o ardor é somente momentâneo. Micah sabe usar a força que tem, ele não me machucaria.

— Abra as pernas, eu quero te provar. Mantenha as mãos para si, ok?

— Sim.

Ele tira a calcinha e sorri quando me vê nua. Meus seios estão inchados e pesados, e tão sensíveis. Abro as pernas como pediu. Ele passa vagarosamente a mão entre os seios.

— Porque não me deixou tocá-los da última vez? — Ele aperta um mamilo.

— Não sei — eu minto.

— Uma boca tão perfeita não deveria falar mentiras. — Ele aperta com mais força. — Vou deixar essa passar, mas sabe que não precisa esconder nada de mim, não sabe?

— Eu sei — ofego quando ele começa a apertar meus seios com as duas mãos. Deus isso é tortura.

— Vou te provar, Cal, eu vou fazer você gozar na minha boca e depois vou gozar na sua. Você vai esquecer cada maldito pau que sua boca tocou quando estive longe.

Fico atordoada com suas palavras. Micah nunca foi ciumento, mas o tom que acabou de usar, eu nunca escutei.

Sua boca desce para minha boceta, os dedos me abrem, dando acesso total. Ele começa a me provar como se o tempo não existisse. A música muda e fecho os olhos.

Ele lambe devagar, chupando e mordiscando. Em seguida enfia um

dedo, e outro. Entra e sai, e meu quadril empurra para frente e para trás em sintonia.

Quando meus músculos começam a ficar tensos, ele tira os dedos e usa só a língua. Entrando e saindo. E como antes, me provoca, chupando e mordiscando.

E eu gozo. Gritando seu nome. Ele saboreia tudo, cada gota. Suas tatuagens parecem ganhar vida, olhos azuis me encaram com intensidade.

— Coloque as mãos para trás. — Obedeço. Micah prende meus pulsos com uma braçadeira de couro. — Não force, ou vai se machucar. — Beija minha mão e volta para sua posição.

Abro a boca, esperando o que já sei que ele vai me dar. O sorriso torto mostrando que está adorando me ver nessa posição, ansiosa e obediente.

Segura o pau e coloca na minha boca. Ele comanda os movimentos, que era justamente seu objetivo ao prender meus pulsos. Somente minha boca e ele empurrando cada vez mais forte, e mais intensamente.

Uma mão agarra meu cabelo, empurra a cabeça, me obrigando a aceitá-lo mais profundamente. Ele não para, nem quando sente minha resistência.

É por isso que somos perfeitos, confio nele, porque sabe quando parar. Ele confia em mim, porque sabe quando eu realmente não quero.

Micah goza gemendo meu nome. Ele continua com a mão na minha nuca para que eu não me mexa, forçando-me a engolir todo seu gozo.

E porra! Como estava com saudades de sentir o gosto dele.

Ele solta a restrição dos meus pulsos e depois me deita. Seu corpo paira em cima sobre o meu.

— Senti sua falta — diz, olhando nos meus olhos. Nossos corpos estão unidos, pele com pele, e eu o sinto em cada centímetro.

— Você está confundido saudade com tesão acumulado — discordo e ele me cala com um beijo.

— Está se cuidando?

— Estou.

— Quero estar dentro de você sem camisinha, tudo bem?

— Tudo bem. — Não me importava, não era a primeira vez que isso acontecia, mas dessa vez estava sendo muito mais cuidadosa.

— E, Cal?

— Hum?

— Não vou sair dessa posição. — Sorri e acho que meus olhos abriram mais do que o normal.

Estava deitada e ele em cima de mim. De todas as posições possíveis, ele queria transar comigo do jeito mais tradicional? Nossa, quanta ironia.

Só que não tive tempo de reclamar. Micah abriu minhas pernas usando as dele, e me penetrou.

Sua boca alcançou a minha tomando meu fôlego, sugando a minha alma e dilacerando o meu coração.

Ele estava fazendo amor comigo, eu tinha certeza disso.

Até o ritmo das estocadas estavam diferentes; mais lentas e gentis. Micah não era gentil, nunca comigo.

— Porra, Cal, você é muito gostosa. — Ele não consegue parar de me beijar. Tento falar algo, mas ele sempre me interrompe e intensifica mais o beijo.

Quando gozo, minhas unhas cravam nas suas costas com muita força. Foi um orgasmo intenso pra cacete, que me fez sentir demais. Micah goza logo depois, o corpo suando, fervendo. O tom de azul de seus olhos estava quase transparente.

Ele sai de cima de mim, beija minha barriga e vai ao banheiro.

Quando volta, cuida de mim. Limpa meu corpo, passando pomada nas minhas costas. Depois disso, completamente saciada, eu adormeço sem dizer uma palavra.

Quando acordo, estou enrolada num corpo quente. A cabeça deitada em cima de um peito musculoso e tatuado. Gemo. Tento levantar para ver a hora, o quarto está totalmente escuro.

— Ainda é cedo. — A voz dele me assusta.

— Preciso ir para casa, não posso dormir aqui, Micah.

— São dez da manhã, Cal. Você já dormiu aqui.

— O quê? — grito e levanto da cama. Micah pega algo em cima da cômoda e escuto o barulho de um bip.

As cortinas abrem automaticamente. Olho para o lado e pego o celular para verificar as horas.

São dez e meia.

— Eu vou te matar — rosno pra ele.

— Desculpe, quando olhei já eram dez horas. — Ele senta na cama e alonga o corpo. — Bom dia, Callie.

— Merda, Micah! Por que não me acordou?

— Você apagou, Cal. Acho que estava bastante exausta, preferi deixar você dormir.

— Droga, droga, droga... — Levanto da cama e percebo que estou vestindo a camisa dele — Que porra é essa, Micah?

Aponto para a camisa no meu corpo e ele dá de ombros.

— De nada — ele responde e vai para o banheiro. Assim que sai, já estou vestida com as minhas roupas. Pego a camisa dele e jogo, acertando em cheio a cara dele.

— Qual é o problema em dormir comigo, Cal? Foi só a porcaria de uma noite. — Atira a camisa no chão.

— Você disse tudo, Micah, foi só a porcaria de *uma* noite. Obrigada por me lembrar disso.

— O que está acontecendo com você? — Ele segura meu braço e eu olho para seu corpo, que está só com uma toalha enrolada na cintura.

— Não tem nada acontecendo. Me solta, Micah, preciso ir embora.

— Precisa ir embora? Sempre precisa ir embora, não é, Cal? Por quê? Por que você sempre foge?

— Porque... — Ele segura firme o meu braço, e sei que não vai soltar enquanto eu não falar a verdade — Porque estou apaixonada por você, Micah. — Ele se assusta com as minhas palavras — Agora, larga meu braço, porra!

Bato na mão dele e ele me solta. Micah não diz nada, é como se estivesse em choque ou algo assim. Ele me olha assustado.

— Não precisa dizer nada, apenas me deixe em paz.

Saio do quarto batendo a porta e sem perder tempo vou embora do apartamento, desejando que ele saísse da minha vida para sempre.

11

“What if I had your heart?

What if you wore my scars?

How would we break down?”

What if – Five For Fighting

Micah

Estava irritado, confuso. Como chegamos a esse ponto? Callie apaixonada por mim? Ela não se apaixona, ela já disse isso.

Aquelas palavras continuavam martelando forte na minha cabeça. A mulher que dormiu aconchegada nos meus braços, como se estivesse protegida do mundo, conseguiu foder minha cabeça com apenas algumas palavras.

Palavras que não deveriam existir. Não entre nós dois.

Porra, como estou confuso.

Pego o carro e vou para o apartamento de Gael. Talvez um pouco da minha “anormalidade” diária ajude a colocar alguma razão nisso tudo.

Estaciono na minha vaga e subo. O apartamento ainda está silencioso, provavelmente estão dormindo. Encontro Sarah na cozinha.

— Bom dia, Sarah.

— Bom dia, Micah. Já tomou café? — Sento-me à mesa e ela me serve.

— Obrigado, estava precisando. — Tomo o café e ela sorri. Puxo o jornal que estava em cima da mesa e começo a ler. Uma manchete em particular chama a atenção.

Para os fãs que estavam ansiosos pela chegada do primeiro bebê de um dos integrantes da banda de rock queridinha do momento, já podem comemorar. Ao que tudo indica, o baixista da banda Originals, Braden Sanders, estava curtindo um momento de muita intimidade com uma mulher em um café local.

Fontes afirmam que o casal havia levado a filha até o hospital para exames de rotina, e que Braden permaneceu o tempo todo ao lado da mulher, aguardando os resultados.

Braden estava com o bebê no colo, e parecia muito à vontade, tomando café e ninando a criança ao mesmo tempo. Ele é, ou não, um mágico com as mãos?

As mulheres no local não pararam de admirá-los. Seguranças estavam presentes para garantir a privacidade do casal, e mesmo ainda desconhecendo a identidade da mulher, fontes seguras afirmam que ela já foi vista em companhia da banda em outras ocasiões, inclusive voando diversas vezes para encontrá-los em outros países.

A coluna deseja felicidades ao casal. Agora, aguardamos ansiosos pela chegada do bebê do vocalista da banda, Gael Malloy.

Começo a engasgar, Sarah rapidamente me traz um copo com água. Mas aquela merda de notícia está entalada. A foto é nítida, mostra Braden com uma criança no colo, segurando a mão da mulher por cima

da mesa.

A mulher desconhecida é a Callie.

A mesma que disse estar apaixonada por mim mais cedo. Mas que filhos da puta.

— Obrigado, Sarah. — Consigo me recompor e tomo o restante da água. — Braden está aqui?

— Está, eles ainda não desceram. Algum problema? Você está pálido.

— Estou bem. Obrigado, Sarah.

Pego o jornal e saio da cozinha. Vou fazê-lo engolir essa maldita matéria. Não me dou ao trabalho de bater na porta, simplesmente entro acendendo as luzes.

— Pelo amor de Deus, diz que o apartamento tá pegando fogo? — resmunga Josh sem abrir os olhos.

— O que você quer, Micah? — reclama Braden, sentando na cama.

— Quero que me explique isso. — Jogo o jornal em cima da cama. Braden o pega e lê a matéria, então sorri.

— Bela foto.

— Tá de brincadeira. — Ele é inacreditável.

— Que foto? — Josh puxa o jornal e lê. — Você teve uma filha e não me contou?

— Aparentemente, não só teve uma filha. Não é mesmo, *Braden*? Ele teve uma filha com a Callie! — digo sem tirar os olhos dele.

— Você pegou a Callie? Do Micah? — Josh começa a sorrir. — Cara, você é um gênio, eu não teria conseguido nada melhor. É por isso que amo você.

— O quê? — Olho para Josh.

— Ele ficou sexy pra caralho segurando o bebê, não ficou? — Ele me devolve o jornal. — Volte a dormir, Playboy.

— O seu problema é a criança, ou a Callie? — Braden finalmente diz alguma coisa.

Não tenho resposta para isso. Como assim qual é o *meu* problema?

— Você não fez isso, cara — respondo.

— Pelo que diz na matéria, sou papai e um bem carismático. E, pelo seu rosto, você acreditou.

— Isso é perda de tempo. — Agarro o jornal e saio do quarto.

Antes de alcançar as escadas, Braden segura meu braço.

— Você não vai atrás dela agora.

— Solta a porra do meu braço, Braden, ou jogo você daqui de cima.

— O que está acontecendo? — Hanna aparece no corredor com Gael.

— Isso está acontecendo. — Mostro o jornal a eles.

Gael o tira da minha mão e eles olham a matéria.

— Uau!!! Você estava saindo com a Callie? — pergunta ele surpreso ao Braden.

— Qual é a de vocês? — grito e Hanna se assusta.

— Pare de agir como uma criança que perdeu o brinquedo, Micah — diz Braden ainda segurando meu braço.

— Eu não a perdi.

— Tem certeza? — Josh se intromete. Todos viramos para olhá-lo, ele está usando só uma boxer.

— Cara, por favor, pode se vestir? — reclama Gael e fica na frente da Hanna.

— Bom dia, Garota do Tempo — Josh a cumprimenta. — Braden, larga ele. Micah precisa resolver as merdas dele.

— Pela primeira vez na vida eu concordo com você — comento.

— Além do mais, você ficou muito sexy segurando aquele bebê, e agora quero sexo de café da manhã. — Hanna tenta esconder um sorriso, mas eu a encaro e ela se cala.

— Você quer o quê? Acha que ela te deve alguma satisfação? — Braden solta meu braço.

— Desde que foi na *minha* cama que ela dormiu essa noite, sim, ela me deve uma explicação.

— Isso está ficando cada vez melhor. — Josh solta uma gargalhada.

— Cala a boca, Josh! — Todos nós gritamos ao mesmo tempo e ele levanta as mãos se desculpando.

— Micah? — Hanna me chama. — Vamos conversar.

Ela estende a mão e eu aceito. Vamos para o quarto dela enquanto minha mente está girando com possibilidades demais. Eu sei que explodi quando vi a foto deles juntos, mas também sei que ele jamais faria isso, ele nunca ficaria com alguém sem o conhecimento do Josh. Ou com alguém que tivesse algo a ver comigo.

Mas ao que tudo indica, ela tem mesmo uma filha, ou seria de algum parente? Ou...

— Dean! — resmungo.

— O que você disse? — Hanna senta ao meu lado na cama.

— A merda do gerente, cheio de toques e cuidados. — Levanto e começo a andar de um lado para o outro. — Eu vi como ele a olha, como a protege. Porra, fui muito estúpido. Como sou idiota.

— Micah, você quer se acalmar?

— Porque ela mentiu?

— Isso você vai ter que perguntar para ela. — Ela segura minha mão e eu sento novamente. — Eu já sabia sobre o bebê. Sinto muito.

— Sabia? — A afirmação me pega de surpresa.

— Sim. No dia que fomos ao bar, vi uma mancha de leite e perguntei sem querer.

— E porque não me contou antes?

— Porque não era algo meu para contar, Micah, você sabe como me sinto com esse tipo de situação.

— Não sei o que fazer.

— Conversar com ela já é um bom começo.

— Hoje de manhã, ela me disse uma coisa, e agora vejo isso, eu...

— Você já disse. — Hanna sorri. — Não sabe o que fazer.

— É, não sei.

— Esfria a cabeça e converse com ela.

— Simples assim?

— Não, mas como sugeri, já é um bom começo. — Ela sorri, e Gael entra no quarto.

— Você sabe que aquela foto não significa nada, não é? — Ele senta ao lado da Hanna.

— Significa que a mulher com quem transei a noite toda omitiu que tem uma filha?

— Fora isso. Braden não está envolvido com ela.

— Não precisa defender ele — resmungo e ele sorri. — Fui um idiota, eu sei.

— Tente não ser um idiota quando for falar com ela — diz Hanna e aperta minha mão.

Não respondo nada, não posso prometer algo que sei que não vou cumprir. No momento, a única coisa que consigo pensar é na raiva que estou sentindo.

Tentar me afastar, tudo bem, mas dizer que está apaixonada por mim e esconder que teve uma filha? Difícil de engolir.

Quando todos descem para tomar café, eu saio. Dirijo por algumas horas antes de parar na frente do The Rock. Desligo o motor e saio do carro, há uma pequena porta por onde as pessoas entram e saem quando o bar está fechado, e é nela que eu bato.

Antes de a minha mão encostar no metal, a porta abre e eu me afasto, surpreso. Callie está segurando um bebê nos braços e parece aflita.

— Micah? — A surpresa em seus olhos logo é substituída por alívio. — Você está de carro? — Ela olha para a rua.

— Estou, mas...

— Me leve para o hospital. — Ela passa com tudo por mim, indo até o carro.

— Cal, espera — grito.

— Depressa, Micah! Nós precisamos ir agora, a nossa filha não está bem. — Lágrimas começam a rolar pelo seu rosto. Nunca vi Callie

chorar.

Olho para a criança em seus braços, envolvida em uma manta rosa, o cabelo é escuro como o dela. Percebo que a respiração está bem fraca e quando ela abre os olhos, eu dou um passo atrás.

Espera...

Ela disse *nossa filha*?

Sinto tudo girar e as palavras dela começam a fazer sentido.

— Não... — sussurro, olho para a criança, e sem perceber dou mais um passo atrás.

— Micah, por favor... — implora ela.

O sorriso do Braden segurando a criança também começa a fazer sentido.

— Não pode ser, Callie. — Mais lágrimas caem. — Qual é o nome dela?

— Blue.

Meus joelhos fraquejam e eu perco o ar. Blue. Blue, a palavra de segurança. A que ela usa quando quer que eu pare.

— Eu dirijo. — Alguém pega as chaves da minha mão e me ajuda

a equilibrar.

Dean.

Ele destrava o carro e nós entramos, vou na frente e Callie atrás, chorando e segurando Blue contra o peito, sussurrando que vai ficar tudo bem.

Não consigo nem olhar para elas, o carro entra em movimento e não sinto mais nada. Pego o celular e envio uma mensagem para Gael.

Eu: Hospital Central, AGORA.

Gael: Estamos indo.

Com as mãos ainda trêmulas, guardo o celular. Dean dirige rápido e pela primeira vez agradeço pela presença dele. Não tenho condições de falar, muito menos de dirigir.

Blue.

Blue.

BLUE!

Ela deu o nome da palavra segura dela para a nossa filha?

Nossa filha!

Porra! Grito e soco o painel. Dean não fala nada, apenas me olha por um segundo e depois para o banco de trás. Callie chora mais ainda.

Finalmente, crio coragem e me viro. Quando penso que estou pronto para ver, mais uma vez fico completamente sem fôlego. E observo as duas. O bebê parece tão pequeno e frágil. Callie toca a bochecha dela assegurando que vai ficar tudo bem. Noto os movimentos de sua respiração, estão tão lentos que por um momento me pergunto se tudo vai mesmo ficar bem.

12

Bring me out From the prison of my own pride My God

I need a hope I can't deny In the end I'm realizing I was never
meant to fight on my own On My Own – Ashes Remain

Callie

Vai ficar tudo bem. Repito continuamente, enquanto Dean dirige o mais rápido possível, Blue está tendo um colapso e com dificuldade de respirar. Eu a seguro com o máximo de cuidado e repito o tempo todo que tudo vai ficar bem.

Foi horrível vê-la assim, quando cheguei em casa mais cedo, Rosa me disse que ela passou a noite bem. Aconteceu tudo tão rápido que não tive nem tempo de raciocinar, peguei minha filha e saí o mais depressa possível.

Micah chegar na mesma hora foi tanto susto, quanto alívio. Dean já estava ligando para uma ambulância quando desci as escadas com Blue no colo. Mas o que eu estava pensando, afinal? Que eu poderia ir correndo até o hospital?

Mas então, tudo complicou. Já tinha tomado a decisão, depois da conversa com Braden, que ia contar a Micah sobre nossa filha, mas a vida sempre gostou de testar meus limites, e agora estou dentro do carro dele, rezando com nossa filha nos braços para chegarmos logo ao hospital. Ele, praticamente, não olha na nossa direção desde que entramos no carro, percebi o espanto em seus olhos quando o reconhecimento o atingiu, e também reconheci medo e rancor.

Dean estaciona de qualquer jeito na frente do hospital e eu não espero, abro a porta e, literalmente, disparo em direção ao hospital. A enfermeira na recepção me reconhece e, no mesmo instante, enfermeiros estão pegando a minha filha dos meus braços.

— Senhora? — a recepcionista me chama. — Precisa preencher a papelada. — Ela me entrega uma pilha de papéis que não consigo distinguir uma letra sequer.

— Eu cuido isso. — Dean pega os papéis da minha mão, e eu

agradeço. Micah está encostado ao balcão da recepção sem falar absolutamente nada, ele olha para o chão, segurando o celular tão apertado que dá para ver os dedos esbranquiçados.

— Callie? — Dra. Andrews se aproxima e eu respiro aliviada.

— Como ela está? — pergunto.

— Infelizmente não podemos mais esperar, vou precisar operar a Blue o quanto antes. — Suspiro. — Callie, nós já conversamos sobre essa possibilidade.

— Eu sei, mas...

— Mas agora é o momento. Venha, vamos para o meu consultório, preciso explicar algumas coisas enquanto Blue está sendo preparada.

Meu peito aperta e tento conter as lágrimas. Olho para Micah e ele me encara friamente, antes de seguirmos a médica em silêncio.

Dra. Andrews abre a porta do consultório e acena para eu entrar, Micah e Dean me seguem logo atrás.

— Gostaria que essa conversa fosse em particular — ressalta, olhando para os dois.

— Sou o pai — Micah retruca em tom ríspido e eu me encolho, a doutora apenas assente. Dean sai e avisa que vai esperar do lado de

fora.

— Bom, ainda não fomos apresentados, sou a doutora Andrews, cardiologista da sua filha. — E estende a mão.

— Micah Donovan. — Ele aperta com firmeza.

— Bem, senhor Donovan, não sei se o senhor está ciente da situação da Blue, mas vou tentar ser breve.

— Acabei de saber que tenho uma filha, doutora, então, certamente não estou ciente de muitas coisas. — Seus olhos azuis, mais uma vez, me encaram com frieza.

— Tudo bem, mas não posso me estender muito, Callie poderá dar mais detalhes depois. Sua filha, senhor Donovan, tem um problema na válvula cardíaca.

Ela começa a explicar tudo para Micah; os termos técnicos, os medicamentos, e finalmente, sobre a cirurgia. Meus dedos tremem e não consigo conter as lágrimas.

— Blue está sendo bem assistida, mas preciso que estejam cientes de que é uma cirurgia de risco.

— Uma válvula no coração? É isso que vão colocar? — pergunta Micah.

— Exatamente. É bastante arriscada, senhor Donovan, mas Blue não pode mais ficar sem ela. Os medicamentos já não estão fazendo o efeito necessário para manter o coração funcionando normalmente.

Micah passa a mão no rosto, parecendo cansado, e ele me olha por um segundo, depois volta o olhar para a médica.

— Tudo bem.

A doutora espera pelo meu consentimento e só consigo acenar com a cabeça.

Em seguida, vários papéis chegam. Doutora Andrews mandou refazer algumas fichas para que constasse tanto meu nome, quanto do Micah. Ele assinou tudo sem hesitar. Enquanto eu tentava conter meus tremores.

Fomos encaminhados para a sala de espera, seria uma cirurgia longa, e a doutora Andrews pediu para que eu tentasse permanecer calma, porque ia demorar, e prometeu nos manter informados.

Poucos minutos se passam quando a sala é invadida por quatro homens. Gael, Braden, Josh e Troy, o empresário deles.

— Porra, cara, você está bem? — Gael se aproxima e observa o amigo. Eles conversam por alguns segundos até que ele percebe a minha presença.

— Ei, Callie. — Gael senta ao meu lado e segura minha mão.

— Oi, Gael.

— Troy já providenciou seguranças para ficarem na porta, vocês não serão perturbados, tudo bem? — Aceno. — Você tem tudo que precisa? — E mais uma vez respondo gesticulando um não, com a cabeça. — Certo, vamos ficar aqui com vocês, está bem?

— Não precisa, Gael, de verdade.

— Micah precisa dos amigos por perto, e você também. — Ele beija minha mão. — Nós vamos ficar.

Gael levanta e vai sentar com o amigo, Braden e Josh se aproximam de mim.

— Como você está? — pergunta Braden.

— Destruída — digo a verdade, porque é assim que me sinto.

— Sua filha vai ficar bem, Callie, tenha fé — ele me conforta.

— Fé é a única coisa que tenho desde que ela nasceu — respondo e ele segura minha mão, Josh do meu outro lado, faz o mesmo.

Ficamos assim por um tempo, a sala em completo silêncio. Gael, Micah e Troy conversam baixo, Dean está sentado em uma cadeira

perto de mim, Braden e Josh continuam ao meu lado, segurando minha mão.

Duas horas se passam até que uma enfermeira entra para nos dar alguma notícia. Todos se levantam assim que ela entra só para dizer que a cirurgia continua, mas que está indo tudo bem.

Apenas isso, e ela sai.

Troy sai para tratar com a imprensa que já está causando tumulto à frente do hospital. Braden, Josh e Dean saem para pegar café. Ficam somente Micah, eu e Gael, que está conversando no celular.

Levanto e sento ao lado dele. Micah não se mexe, ou sequer me olha.

— Micah, eu... — Não sei o que dizer, as palavras morrem na boca assim que seus olhos encontram os meus.

— Vou te pedir um favor, Callie. — Nunca o ouvi com a voz tão fria assim. — Não converse comigo, não olhe na minha direção e não fique perto de mim, porque nesse momento, eu não consigo suportar olhar para você.

Ele levanta, me deixando perplexa, e sai apressado e com raiva da sala de espera. Gael desliga o telefone na mesma hora.

— Não ligue para o que ele disse, Callie. Micah está nervoso, ele

não sabe o que está falando.

— Ele está certo — confesso, olhando para porta. — O que eu fiz foi horrível. — Coloco as mãos no rosto.

— O que você fez... — Gael puxa minhas mãos para que possa olhá-lo. — Foi humano, todos nós comentemos erros, Callie. Eu cometi um monte, e ainda cometo.

— Você não escondeu um filho, Gael.

— Não sei, talvez se eu fosse uma mulher na sua situação, quem sabe? Não sabemos o que você passou, Callie, e nós não somos santos para jogar pedras em você.

Suas palavras me atingem e rompo em lágrimas novamente. Choro pela menina doce e inocente que está sendo operada, choro pelo que vi nos olhos do pai dela quando descobriu a verdade, e choro por ter escondido isso dele.

A vida, às vezes, tem maneiras cruéis de mostrar que erramos.

Quando todo mundo volta para a sala, Dean fica comigo enquanto Micah não olha mais na minha direção, e de vez em quando, um dos meninos pergunta se preciso de alguma coisa.

A enfermeira volta mais duas vezes, e nesse intervalo, eu me encontro fazendo algo que não fazia há muito tempo.

Eu rezo.

Peço a Deus pela minha filha, suplico para que ela não pague pelos pecados que eu cometi. Queria dar o mundo a ela, que ela tivesse as escolhas que eu não tive, que fosse melhor do que eu fui.

Só a queria viva e protegida.

Quando a porta da sala de espera abre, todos nós olhamos, mas não é a enfermeira que entra, é Hanna. Ela parece cansada, tentando andar com uma barriga enorme de grávida.

Ela vai até Gael e beija o marido nos lábios, sussurra algo e depois vem falar comigo.

— Desculpe por só chegar agora. — Suas palavras me pegam de surpresa.

— Você não precisava vir — digo.

— Não costumo deixar minha família na mão. — Ela sorri. — Sua filha é filha do meu melhor amigo, Callie. E ele é minha família, então ela também é.

— Obrigada — agradeço com a voz embargada.

— Como ela está? — pergunta, preocupada.

— Ainda na cirurgia, mas a enfermeira vem de vez em quando, para dizer como está indo, até agora tudo bem.

— Isso é bom. — Ela passa a mão na barriga.

— Você sabe o sexo? — pergunto, tentando me distrair e ela bufá em resposta.

— Gael não quer saber e não quer que eu saiba também, ele quer surpresa, mas insiste em dizer que é menino. É tão frustrante, não sei do que chamá-lo.

— Parece um bebê bem grande. Posso? — Aponto para a barriga, faz tanto tempo que não toco numa barriga de grávida, na verdade, a única que toquei na vida foi a minha, e mesmo assim, nem chegou perto do tamanho dessa.

— Claro. Aqui — Ela coloca minha mão em um local específico. — Espera — pede e eu aguardo. — Gael? — Hanna o chama.

— O que foi, baby?! — Assim que ele responde o bebe chuta. Ela sorri.

— É engraçado, não é? Às vezes, ele passa um dia inteiro sem chutar, mas quando escuta a voz do pai, logo se agita.

— Precisa de alguma coisa? — Gael logo se aproxima dela.

— Não, só estava testando uma teoria. — Sorri e o beija. Ele retribui o sorriso e depois volta para ficar com Micah.

— Como ele reagiu? — pergunto. — Quando soube do bebê.

— Acho que se dependesse dele, eu teria engravidado na primeira noite que transamos. Já eu, surto quase todos os dias. — Ela afaga a barriga. — E você? Quando descobriu?

Penso um pouco antes de responder, olho novamente para Micah e ele está conversando com Gael; Braden e Josh conversam com Dean no outro canto da sala. Respiro fundo e respondo.

— Foi o dia mais feliz da minha vida.

Hanna dá um sorriso, satisfeita com a resposta. Eu não menti, mesmo diante de todas as circunstâncias, completamente apavorada, descobrir que estava grávida da Blue foi mágico, e no dia que a senti chutar pela primeira vez, chorei como nunca.

— Sabe, Callie, espero ser uma mãe para o meu filho como você é para sua.

Ela pega minha mão, e eu choro outra vez. Hanna faz o possível para me confortar, e eu aceito, porque assim como eu, ela também cede às lágrimas. Nesse momento, sei que não há ninguém nessa sala que entenda o que estou sentindo, além dela.

13

“Everybody lies, lies, lies It's the only truth sometimes Doesn't matter if it's out there Somewhere waiting for the world to find Buried deep inside Everybody lies”

Everybody

Lies

–

Jason

Walker

Micah

Eu tenho certeza de muitas coisas na vida, e uma delas é que ser pai estava fora de cogitação. Eu até gostava de crianças, a gravidez da Hanna era a prova disso, estávamos ansiosos pela chegada do bebê.

Mas não queria ser o responsável por colocar outro ser humano no mundo. Cresci cercado pelo luxo e riqueza, portanto tinha condições de dar isso e muito mais para um filho, mas não poderia dar aquilo que uma criança mais precisa.

Amor.

Não do tipo que eu tive enquanto crescia. Meus pais me amavam muito, mas cresci me sentindo completamente sozinho. Sem muitos amigos verdadeiros, frequentando jantares com políticos famosos e sendo educado para uma carreira de sucesso, para ser como meu pai e acabar com uma família igual a dele.

Não, nunca desejei essa vida. Por isso, quando decidi entrar para a banda foi como se tivesse nascido de novo. As amarras criadas pelos meus pais foram se soltando, até eles perceberem que o que sonharam para mim, não era, nem de longe os meus verdadeiros sonhos.

Agora, estava sentado na sala de espera de um hospital, aguardando minha filha sair de uma cirurgia. Eu só desejava que isso fosse um maldito pesadelo e que eu acordasse.

Minha filha.

Não estava conseguindo nem pronunciar aquelas palavras em voz alta, e quando falei para a médica que eu era o pai dela, não pareceu real.

Era tudo muito fodido.

— Preciso voltar para o escritório agora, os telefones lá não param.
— informa Troy. — Já providenciamos as melhores instalações para a sua filha, Micah. Assim que ela sair da sala de cirurgia, já estará tudo pronto.

— Obrigado — eu agradeço. Troy pode ser uma dor de cabeça às vezes, mas não existe pessoa mais competente e que cuide de tudo tão rápido quanto ele.

— O hospital está verificando a possibilidade de isolar o andar, mas se eu fosse você, não contaria com isso.

— Merda — resmungo. Quando a cirurgia começou, pedi para Troy verificar a parte burocrática, eu nem sabia se a criança tinha plano de saúde. Mas ela tinha, porém, nada comparado ao que eu poderia ter oferecido se soubesse da existência dela. Assim, tudo foi providenciado para que ela tivesse o melhor atendimento que o dinheiro pudesse pagar.

— Vamos fazer como foi com Gael, peça para Callie me enviar uma lista com nomes de pessoas autorizadas a visitar, você também, faça o mesmo.

— Quem diabos você acha que eu iria chamar? — Minha voz sai ríspida e Braden me olha.

— Seus pais, por exemplo? A presença deles aqui, Micah, ia ser um grande alvoroço, não que já não seja. — Troy suspira. — A imprensa está especulando todo tipo de merda, inclusive que aconteceu alguma coisa com um de vocês. Até o momento tudo está sob controle, mas sabe como essas porcarias funcionam, uma hora a informação vai vazar.

— Eu sei.

— Só estejam preparados, seria bom conversar com a Callie sobre isso. — Troy levanta e bate em meu ombro — Vou manter o celular ligado o tempo todo, não hesite em me ligar se precisar de alguma coisa.

— Obrigado. — Ele assente e vai se despedir do pessoal.

Olho para frente e Hanna ainda está conversando com Callie, Gael agora faz companhia para as duas, e tudo que eu queria era ficar sozinho.

Sinto que estou prestes a explodir a qualquer segundo, o que quase aconteceu quando Callie falou comigo.

Como ela foi capaz de fazer isso? Eu confiava nela, caralho!!! Era a única mulher em quem eu confiava. Ela me conhecia muito além da cama, conhecia quem eu era de verdade.

— Você está bem? — A voz da Hanna me assusta.

— Não faço ideia — respondo com sinceridade.

— Desculpe não vir falar com você logo, mas entende, não é? — Apenas pego a mão dela e beijo. — Como você está? Como está lidando com tudo isso, sobre sua filha?

— Honestamente, Hanna? — Ela balança a cabeça. — A única coisa que estou sentindo agora é raiva da mulher que me enganou.

— Micah...

— Não, Hanna, estou tentando entender essa merda toda, acho que a realidade ainda não me atingiu.

— Então, só espero que quando ela te atingir, você permaneça de pé. — Ela dá um meio sorriso.

Ficamos conversando por algumas horas e noto que, em nenhum momento, Callie fica sozinha. Dean já saiu, provavelmente voltou para o bar, mas Braden, Gael, Josh e Hanna se revezam para confortá-la.

Sei que ela não tem família, pelo menos não uma que se importe, e também sei que deveria ficar ao lado dela, mas não posso dar a ela algo que não possuo nesse momento. Não posso confortá-la se a única coisa que sinto é raiva.

Meus olhos se fecham por um instante quando uma enfermeira entra na sala. Já passam das oito da noite, e eu juro que todo meu corpo está

dormente.

— Boa noite, eu sou Janet, a enfermeira que estava acompanhando a cirurgia da Blue. Quem são os pais? — Callie se levanta e Hanna toca meu braço devagar, lembrando que eu deveria estar de pé junto com Callie.

— Como ela está? — pergunta Callie.

— Blue está bem, a doutora pediu para avisar que já acabou e ela está sendo transferida para UTI.

— UTI? — choraminga Callie, assustada.

— Sim, senhora, mas é um procedimento padrão, não se preocupe. Vim apenas comunicar que foi tudo bem, logo a doutora virá conversar com vocês.

— Obrigada. — A voz da Callie sai embargada e Braden a abraça.

— Blue está bem — conforta Hanna.

Eu volto a me sentar sem falar nada, só ouvir o nome dela faz meu corpo tremer. Ainda não consigo acreditar que ela colocou esse nome na nossa filha.

Nossa filha.

— Café? — Josh coloca um copo de papel na minha frente, parece que ele se autointitulou “o garoto do café”, e eu sei que na verdade, ele não consegue ficar parado no mesmo lugar por muito tempo, e o café é apenas um motivo para perambular.

— Obrigado.

— Sua cara está péssima. — Ele se senta ao meu lado.

— Não brinca — comento, retirando a tampa do copo.

— Por que mal olha para ela? — diz Josh, e nem preciso perguntar sobre o que ele está falando.

— Porque dói — respondo a verdade.

— Também deve doer que a rejeite quando ela mais precisa de você.

— Então, acredito que estamos quites. — Eu me levanto e vou em direção à porta.

Hanna está conversando com a enfermeira que entrou para avisar sobre o fim da cirurgia. Elas sorriem, e percebo que já se conhecem.

— Micah? — Ela me chama. — Jannet está me contando como todos estão encantados com a Blue.

— Sim, senhor. Na UTI só falam da linda menina de olhos azuis.
— Não sei o que responder, então tento dar um sorriso, mas acredito que acabei fazendo uma careta, pela forma como Hanna me olha.

— Como está, Lillith? — pergunta Hanna e a enfermeira sorri amplamente.

— Obstinada e mais teimosa do que nunca, vai se mudar pra cá dentro de alguns meses.

— Isso é ótimo.

— Acho que sim, há uma pequena chance para ela, e Lillith está agarrada nessa oportunidade. — Hanna sorri. — Bem, preciso ir, foi um prazer rever você, Hanna. Senhor Donovan. — Ela abraça Hanna e vai embora.

— Jannet trabalhou algumas vezes comigo na sala de pinturas, Lillith é sua irmã. Ela é cega e, surpreendentemente, independente. Pelo visto, tem uma possibilidade de voltar a enxergar.

— Bom para ela. — Encosto na parede, Hanna cruza os braços e me encara.

— Precisa de um cobertor? — ironiza e fico confuso.

— Não, por quê?

— Porque seu coração está congelado, não vai demorar para congelar o resto. — Aponta o dedo na direção do meu peito, e depois volta para a sala, furiosa. Não demora para que Gael venha tirar satisfação.

— Sério que você a irritou? — Ele encosta-se à parede ao meu lado.

— Cara, estou esgotado. E me sentindo um merda.

— E precisava irritar uma mulher grávida? — pergunta e sei que está tentando se conter, se fosse em outra situação, eu já estaria com um olho roxo.

— Vou me desculpar.

— Escuta, eu sei que isso tudo está fodendo com a sua cabeça.

— *Sério?* Eu nem tinha percebido.

— Sarcasmo não é a sua praia, Playboy — retruca em tom sério.
— Tente não afastar todo mundo agora, certo? Só estamos tentando ajudar você e a Callie.

— A única pessoa que eu quero longe de mim nesse momento é a Callie.

— Não acha que está sendo muito duro?

— Ela me enganou, Gael. E se ela me conhece, como tenho certeza que sim, ela não está esperando nada de mim, além de desprezo.

— Deus, e eu aqui pensando que ferrava as coisas. Você sempre foi mais sensato que isso. — acusa ele.

— Não com ela. — Nunca com ela, penso.

Porque se teve algo que nunca fui com a Callie, foi sensato. Caso contrário, acho que não estaríamos nessa situação fodida.

— Não acredito que ela pôde ser tão...

— Melhor parar por aí, Playboy, antes que fale algo que irá se arrepender.

— Já estou arrependido do dia em que a conheci.

Quando termino de falar, sinto seu olhar antes mesmo de encarar de volta. Olhos escuros, sombrios e solitários. Callie não diz nada, nenhum sentimento se reflete em seus olhos agora. Eu a conheço como a palma da minha mão, e tudo que guarda dentro de si, sempre transparece em seu olhar.

Só que agora estavam vazios, assim como os meus.

Porra, Cal, em que nos transformamos?

14

“I don't wanna spend the rest of my life wondering if you're coming back or not.

I don't wanna feel empty within on broken promise's.”

Won't Let Go – Bridge To Grace

Callie

Eu deveria sair daqui, voltar para sala e fingir que não ouvi nada do que ele disse. Deveria verbalizar alguma coisa, ofendê-lo de alguma forma.

Mas não consigo.

Micah mais uma vez consegue me surpreender, suas palavras me fêrem além do que poderia imaginar. Mesmo assim, não o culpo por isso, como poderia?

Ele sempre foi meu melhor amigo, a pessoa em quem eu confiava, e mesmo diante dessa situação, sei que ele também confiava em mim.

— Podemos conversar? — Encaro seus olhos e Micah não desvia o olhar, mas a raiva ali é palpável.

— Não acho uma boa ideia, Callie — avisa Gael.

— Pode ir, Gael, eu não mordo — Micah diz sem afastar os olhos dos meus.

— Só se lembrem de que estão no corredor, há pessoas passando o tempo todo por aqui.

Gael toca levemente o braço dele, acena com a cabeça e entra na sala. Eu encosto-me à parede ao seu lado e penso nas minhas próximas palavras.

— Queria te pedir desculpas, Micah, mas aqui não é lugar para isso.

— Aqui também não era o lugar que eu deveria ter descoberto que

tenho uma filha, Callie. — Suas palavras são amargas.

— Preciso que esteja ciente de que, caso queira fazer um exame de DNA, não vou causar problemas.

— *DNA?* — ele grita, mudando de posição bruscamente. Agora suas mãos estão em cada lado da minha cabeça, me encurralando, mas mantendo certa distância. — Se me conhecesse, pelo menos a metade do que conheço você, saberia que eu jamais duvidaria de você a respeito disso.

— Desculpa, é só que...

— Pode ter escondido a minha filha de mim, mas nunca achei que fosse uma mentirosa.

Seus olhos azuis me encaram e fico sem palavras. Micah sempre confiou em mim, e eu o traí da pior maneira possível.

— Gostaria de conversar com você em outro lugar — digo, ao observar que estamos chamando atenção.

— Já eu, gostaria de nunca mais precisar ouvir a sua voz.

Ele pronuncia cada palavra lentamente, e eu absorvo a mensagem. Micah solta um longo suspiro, como se tudo isso estivesse esgotando-o. Sei bem como é, também me sinto assim.

Ele não diz mais nada, e volta a encostar-se à parede.

— Eu mataria por um cigarro agora — comenta para ele mesmo.

— Você pode sair para fumar.

— Não vou sair até a médica aparecer. — Ele não me olha — Por um acaso usou alguma coisa quando estava grávida? — Entendo o que ele quer dizer.

— Não, Micah, estou limpa desde que nos conhecemos na clínica. O problema da Blue não é culpa minha, se é isso que está pensando. — Tento conter a raiva.

Precisou de muito tempo para me convencer de que eu não era culpada. Mesmo sem ter consumido nenhum tipo de droga, ou mesmo álcool, eu sentia que de alguma forma a doença era culpa minha.

Estava muito envolvida com os projetos do bar, trabalhando dia e noite, não havia tempo para distrações, e isso significava manter a cabeça no lugar.

— Não pensei isso, mas precisava perguntar. — Ele não se desculpa.

Ficamos em silêncio, com apenas o som dos dedos dele tamborilando na parede. Criando um ritmo, o que significa que está nervoso.

Passamos alguns minutos assim, até que a Dra. Andrews aparece com um enorme sorriso no rosto. Minhas mãos tremem, e não consigo me conter, corro na direção dela e a abraço.

— Está tudo bem, não está? — pergunto quando finalmente a solto. Micah me olha franzindo a testa.

— Sim, Callie, a cirurgia foi um sucesso. — Ela sorri, e não me contenho, meu sorriso aumenta com o alívio de saber que está tudo bem. Olho para Micah ao nosso lado, e posso dizer que ele também está feliz com a notícia.

— E o que acontece agora?

— Blue está na UTI, a cirurgia alcançou seu objetivo, mas as próximas horas são cruciais.

— Mas você acabou de dizer que está tudo bem — argumenta Micah.

— Sim, senhor Donovan, mas não devemos esquecer que é um procedimento complicado e que sua filha tem apenas seis meses de vida.

— Podemos vê-la? — pergunto, já aflita.

— Sim, mas só um de cada vez, vou levá-los até ela. Depois gostaria de explicar como será daqui para frente.

Concordamos, Micah entra na sala para avisar sobre Blue e logo todos estão alvoroçados.

No caminho, a Dra. Andrews explica sobre alguns procedimentos, informa que Blue ficará alguns dias na UTI, e que em seguida, irá para o quarto. Micah não fica satisfeito quando ela avisa que não foi possível o isolamento do andar, mas afirma que estaremos seguros e longe de curiosos.

Podemos vê-la através do vidro, porém, somente Micah e eu somos autorizados a entrar. A enfermeira me ajuda a vestir as roupas esterilizadas, e depois ajuda o Micah. Observo como ela se derrete quando percebe quem ele é, mas acho que ela não nota o quanto ele está indiferente.

— Quer entrar primeiro? — pergunto.

— Não, você deve entrar primeiro, é seu direito. Entra, vou esperar aqui. — Pela primeira vez desde chegamos aqui, ele não fala como se quisesse arrancar minha cabeça. Agradeço e entro na sala.

Há alguns berços ocupados e a enfermeira me leva até o dela. Arfo quando a vejo tão indefesa. Alguns tubos estão conectados nela e é impossível conter as lágrimas.

Coloco a mão no compartimento, para tocá-la, as luvas são um incômodo porque não consigo sentir seu calor na minha pele. Mas consigo sentir seu minúsculo peito subir e descer, e ela parece dormir

tranquilamente.

— Me perdoe, meu amor — sussurro. — Você é tudo de mais precioso que tenho na vida. — Começo a soluçar, meus dedos tocam seu bracinho, as lágrimas correm pelo meu rosto. Não ligo porque a última coisa que quero é deixar de tocá-la.

— Você vai sair logo daqui, ok? — Sinto quando alguém se aproxima e um lenço de papel enxuga meu rosto. Micah não diz nada enquanto seca minhas lágrimas.

Quando termina, ele olha para Blue. Ela está no que parece ser uma incubadora, como a que ficou quando nasceu. É assustador demais.

— Sabe rezar, Micah? — pergunto sem tirar os olhos da minha filha.

— Sei — responde, a mão dele já não toca mais meu rosto. Retiro uma das mãos do equipamento.

— Que tocá-la? — sugiro, mas não olho em seu rosto porque quero que se sinta confortável.

Micah concorda e leva a mão bem devagar através da luva, consigo ver as tatuagens que tomam boa parte do braço e vão até a sua mão. É tão surreal, ver um homem do estilo dele num lugar como esse. Noto a respiração dele vacilar quando seus dedos tocam na perminha dela. Levo a mão à dele, e entrelaçamos os dedos.

— Vamos rezar, Micah — digo baixinho, ele aperta a minha mão concordando e nós rezamos. Pedimos a Deus pela saúde da nossa menina.

15

“There will be love, there will be pain There will be hope, there will be fear And through it all year after year Stand or fall I will be right here for you “

Dear

Daughter

-

Halestorm

Micah

Foi fácil convencer a enfermeira a me deixar entrar. Tudo que precisei foi dar um sorriso. A porcaria de um sorriso e as portas se abriram, como num passe de mágica.

Simples, ridiculamente simples.

Ainda não tinha sentido a dimensão de tudo, até vê-la através do vidro, tão pequena e indefesa.

Mais uma vez, fico surpreso com a mulher à minha frente, ela tem tantas facetas e eu estava conhecendo cada uma delas. No momento que ela me perguntou se eu sabia rezar e minha mão tocou a perninha da minha filha, pude jurar que senti uma corrente elétrica atravessar todo o corpo.

Começou na ponta dos dedos, e foi direto para o peito.

Era inexplicável, a sensação de querer proteger alguém que tinha acabado de conhecer. Blue dormia serenamente, mas aqueles malditos tubos estavam me deixando nervoso. Porém, ao olhar na mulher ao meu lado de olhos fechados, rezando em silêncio, meu nervosismo pareceu ridículo.

Não tenho ideia do que estava sentindo, era um sentimento confuso, uma vontade insana de pegar aquela criança nos braços e não deixar que ninguém se aproximasse.

E no instante em que ela abriu os olhos, soube exatamente o significado da palavra *minha*.

Ela é minha filha.

Minha vida.

Meu maior tesouro.

— Oi, princesa — sussurro quando vejo seus olhos se abrirem, Callie levanta a cabeça quando vê a filha se agitar.

— Shh. Fique quietinha. — Estende a mão e Blue segura seu dedo, suas mãos são tão pequenas, Callie começa a sussurrar até que ela fecha os olhos e dorme novamente.

— Como fez isso? — pergunto, olhando para minha menina adormecida.

— Ainda está sedada, Micah, mas ela não é uma criança agitada. Basta sussurrar uma canção e logo dorme.

— Isso é incrível. — Sou sincero e Callie me olha com espanto, como se jamais esperasse que eu fosse dizer isso.

Percebo que ainda estou segurando a mão dela, então solto. Ela não se abala com meu movimento repentino e volta a olhar para o nosso bebê.

— Infelizmente, um dos dois precisa sair. — A enfermeira entra na sala nos informando.

— Tudo bem, eu vou sair.

Olho mais uma vez para ela e saio. Retiro as roupas esterilizadas e sigo até o vidro onde posso vê-las de longe.

Gael, Braden e Josh já estão com a cara no vidro. Não fico nenhum pouco surpreso.

— Cadê a Hanna? — pergunto quando me aproximo deles.

— Pedi que ela fosse para casa. Ela conversou com a amiga dela, a tal enfermeira que garantiu que estava tudo bem, então ficou mais tranquila e foi embora — responde Gael sem tirar os olhos de Callie e Blue. — Como foi lá dentro?

Pergunta e isso atrai a atenção de Josh e Braden, eu coloco a mão no vidro e encaro minha nova realidade. A de pai.

Pai de uma linda menina, que não tinha ideia da existência, mas que agora, parece ocupar cada pensamento meu.

— Não sei o que sentir, não sei se é normal querer segurar ela e sair da merda deste hospital. Não sei se é normal querer socar o médico que furo o braço dela quando deu a injeção, ou querer matar a pessoa que cortou a pele dela para colocar aquele maldito aparelho. — Meus pensamentos começam a sair desenfreados. — Ao mesmo tempo, quero beijar a porra da médica por salvar a vida dela. Isso é normal? Amar uma pessoa que acabei de conhecer? Querer protegê-la de tal forma que faria qualquer coisa para trocar de lugar com ela? É normal sentir tudo isso?

Quando finalmente paro de falar, meus amigos estão me olhando com lágrimas nos olhos. Só então percebo que estou chorando. Merda, não me lembro da última vez que chorei.

— Para quem não sabia o que era amar, essa é uma bela maneira de começar. — Gael coloca o braço no meu ombro. — Bem-vindo ao mundo dos pais, Playboy.

Ele me abraça, logo Braden e Josh também.

Os dias passam e Callie não sai do hospital. Mesmo com a insistência de todos, ela não cede. Dean vem todos os dias ver como estão, e eu não deveria ficar incomodado, mas o fato desse cara saber mais sobre a minha filha do que eu, faz meu sangue ferver.

Hoje, Blue sairá da UTI e finalmente vai para o quarto. Hanna providenciou para que fique o mais confortável possível, assim, vários ursos e balões estão espalhados pelo lugar, que lembra tudo, menos um quarto de hospital.

O andar não pôde ser isolado como solicitado, mas ficamos no final do corredor, o que impede qualquer um de passar, sem antes ser verificado pela equipe de segurança.

Troy é um mágico em driblar a imprensa, algumas especulações sobre a filha do Braden estar hospitalizada estão saindo em alguns

jornais, mas nada de muito preocupante. Evitamos ao máximo perambular pelo hospital. Não é a nossa presença aqui que quero esconder, mas a presença da Blue, quero preservar minha filha antes da mídia cair em cima, o que mais cedo ou mais tarde aconteceria.

— Hanna não precisava trazer um parque de diversões — comenta Callie ao inspecionar o quarto. Ela sorri, esse é o seu jeito torto de agradecer.

— Que horas vão trazê-la? — pergunto. Ainda não voltamos a conversar, somente o necessário, de forma respeitosa, no que se referia a Blue. Nossa prioridade é a recuperação total da nossa filha.

— A qualquer minuto, por isso vim verificar tudo — responde e seu sorriso se amplia. Callie está com olheiras, sem maquiagem, usando jeans surrado e regata cinza. É o look mais desleixado que já vi em uma mulher, e também o mais sexy.

Porra, nem deveria mais olhar para ela dessa forma. Mas a porra daquele sorriso é fôda. É verdadeiro, ela está feliz e isso a irradia.

Impossível não sorrir também.

— Escute, assim que Blue estiver instalada, vou ligar para os meus pais. — Callie respira fundo e senta na beirada da cama. — Eles ainda não sabem de nada, mas minha mãe já enviou algumas mensagens por causa das notas que saíram na imprensa.

— Tudo bem, Micah, eles têm o direito de saber.

— Eles vão querer vir aqui — digo e espero a reação dela. Como esperado, ela faz uma careta.

— É mesmo necessário?

— Eles são os avós dela, Callie.

— Tudo bem — responde ela, e eu saio do quarto. Nervoso, passo as mãos no cabelo porque sei que essa ligação vai ser difícil, e por isso adiei até agora.

Envio uma mensagem para Braden, avisando que logo Blue virá para o quarto e ele responde que chegarão logo, e completa dizendo que é para cuidar bem da filha dele.

Idiota.

Ando de um lado para o outro, tentando decidir se ligo para minha mãe e acabo com esse tormento de uma vez, ou se espero mais um pouco. Não quero que meus pais saibam da minha filha pelos jornais. Eles podem ter todos os defeitos do mundo, mas nunca fizeram nada além de pensar no meu futuro. Um futuro desenhado por eles, mesmo assim, um futuro promissor.

Não consigo tomar qualquer decisão porque quando percebo, Callie se aproxima acompanhada de duas enfermeiras e no colo, a nossa

garotinha envolvida numa manta cor-de-rosa.

— Ela não deveria vir em uma maca? — Olho confuso para as enfermeiras, uma delas está segurando o soro nas mãos ao lado da Callie.

— Estava pagando para ver alguém tentar me impedir de trazer minha filha nos braços. — E aí está a Callie que eu conheço. — Quer segurá-la? — pergunta.

Olho novamente para as enfermeiras, Blue ainda está com soro na veia, mas a enfermeira sorri, acenando para que eu a pegue.

— Está tudo bem, Micah. Ela está dormindo. — Callie fica ao meu lado e eu olho o pacote em seus braços.

Blue está dormindo, então crio coragem para pegá-la.

Meu coração começa a acelerar conforme meus braços se aproximam. Callie a coloca gentilmente nos meus braços, a manta cai um pouco, mostrando claramente o que tenho nas mãos.

Minha filha.

Putá merda.

Estou segurando a minha filha.

Meu corpo todo treme quando a realidade me atinge. *Eu sou pai!* Porra, nunca quis isso. E então, ao mesmo tempo em que esse pensamento me ocorre, ela abre os olhos e me vê.

Seus olhos são da mesma cor que os meus. Estão um pouco escurecidos pelo sono, exatamente como os meus ficam, já até sei que ficam quase transparentes quando está feliz, ou quase cinza quando está triste.

Nenhum DNA seria necessário para confirmar o que estou sentindo agora. Ela é minha, assim como sou dela. E se antes, nunca desejei ter um filho, a única certeza de agora é que a menininha nos meus braços, envolvida na manta cor-de-rosa, é a responsável por eu desejar ser pai.

— Ei, pequeno vaga-lume. É um prazer conhecer você. — Sorrio para ela e ela sorri para mim.

Meu pequeno ponto de luz, meu pequeno vaga-lume, já é dona do meu coração.

16

“All the words unspoken Promises broken

I cried for so long Wasted too much time Should've seen the signs”

Wanted You More – Lady Antebellum

Callie

Segundos, minutos, ou talvez horas se passem até que, finalmente, consegui acreditar no que meus olhos viam. Micah segurando Blue como se fosse algo precioso e delicado. E o que eu não podia negar é que ela significava exatamente isso.

Em meio a uma vida como a nossa, conseguimos fazer um ser que só transmite amor. Blue está para completar sete meses e, mesmo diante das circunstâncias, não se agita nos braços dele. É como se estivesse sempre estado ali, reconhecendo o vínculo de sangue.

— Quer dizer que a *Garota Malvada* chora? — A voz de Josh me assusta e limpo depressa o rosto.

— *Garota Malvada*? — Sorrio do apelido. — Você e essa sua mania estranha de apelidar as pessoas.

— Só com as pessoas especiais. — Ele sorri e me abraça. — Como você está?

— Agora, estou bem. — Olhamos para Micah e Blue, as enfermeiras já saíram do quarto e eu nem as ouvi sair.

— Ele nasceu para isso. — Josh observa orgulhoso o amigo. Micah parece alheio a nós, ele não tira os olhos da Blue, e nem ela dele.

Estão encantados um com o outro, e isso é nítido.

— Onde estão todos? — pergunto estranhando que apenas ele tenha chegado.

— Eu estava mais perto, Braden está vindo com Gael e Hanna. — Josh dá de ombros e se aproxima de Micah e Blue. — Ei, Playboy,

minha vez de segurar a minha sobrinha.

— Vai sonhando, moleque. — Micah não cede.

— Qual é, cara? Preciso começar a praticar. — Josh cruza os braços.

— Não com a minha filha. — Micah coloca Blue no berço com cuidado para não movimentar o braço que está com o soro.

Ela parece sonolenta, mas abre os olhos quando escuta a voz de Josh.

— Oi, menina bonita. — Ele se inclina e ela sorri. — Cara, sua filha é o bebê mais bonito que já conheci. — Micah sorri orgulhoso. — Ainda bem que puxou a Callie. Parabéns, Callie!

Josh sorri e pisca pra mim, Micah fecha a cara e quase não tenho tempo de agradecer porque o quarto é invadido por todo o restante da banda.

Mais balões coloridos, ursos e até bombons chegam. Gael, Hanna, Braden e Josh não saem de perto da Blue, vez ou outra, trocam alguns cutucões quando falam um pouco mais alto. Josh é quem mais se exalta.

Minha filha sempre teve a mim, Rosa, Amy e Dean. Sempre fomos só nós, agora ela está rodeada de pessoas que a mimam. É lindo, mas

cansativo ao mesmo tempo. Como sempre gostei de ficar sozinha, agora comecei a me sentir um pouco sufocada com tantas pessoas em volta perguntando como eu estou.

Eu nunca fui a garota com quem as pessoas costumavam se preocupar.

— Ela dorme como um anjo. — Hanna senta ao meu lado.

— Sim, ainda está um pouco sedada, mas quando o efeito dos remédios passar, ela logo vai reclamar. — Hanna sorri. — E o seu bebê, para quando é?

— Daqui a três meses. — Ela acaricia a barriga. — Apesar de achar que ele quer sair a qualquer momento — ela geme.

— Minha barriga não ficou tão grande como a sua.

— Que sorte! Acredite, às vezes acho que vou sair rolando. — Nós duas rimos e isso chama a atenção dos rapazes.

Logo, Braden, Josh e Gael estão sentados com a gente no sofá, exceto Micah. Ele continua se isolando. Praticamente não olha na nossa direção, passa a maior parte do tempo mexendo no celular e ignorando a minha presença.

Como consegue ser tão frio e amoroso ao mesmo tempo? Bem, ele é a porra do Micah Donovan, o cara que fez amor comigo, e em

seguida, parecia que ia ter uma parada cardíaca quando eu disse que estava apaixonada por ele.

Playboy insensível.

Depois que todos vão embora e a médica passa para uma visita de rotina, garantindo que Blue está bem, consigo relaxar um pouco. Micah sai para resolver algo, mas garante que não demorará. Eu acredito nisso, porque assim como eu, ele não saiu momento algum do hospital.

Meu corpo está exausto, já não sou capaz de formar um pensamento coerente. Ele só está funcionando graças ao café e a grande quantidade de doces que Josh fez questão de trazer.

Passo a noite alternando entre pequenos cochilos e voltas pelo corredor. Micah voltou no início da madrugada e permaneceu no quarto, deitando no sofá enquanto eu ocupo a cama.

— Você deve estar louco para ir fumar. — comento com os olhos fechados, já deve ser bem cedo e sei que ele está acordado.

— Não vou entrar aqui fedendo a cigarro. — responde, friamente.

Nossa conversa não prolonga mais do que isso e me dou ao luxo de dormir alguns minutos.

Como prometido, Micah ligou para seus pais no dia seguinte que

Blue saiu da UTI. Estava no banheiro quando ouvi a ligação, e foi impossível não escutar uma parte da conversa. Uma que ele ficou bastante irritado.

Seus pais vieram dois dias depois disso, agora estou parada na porta do quarto olhando para uma mulher que parece ter medo de chegar perto demais da minha filha.

— Você sabe que problemas no coração não são contagiosos? —
Fecho a porta devagar, fazendo um esforço sobre-humano para não fazer barulho ao fechá-la.

— Quem é essa? — Ela me examina de cima a baixo e posso garantir que não gosta do que vê.

Alguém usando jeans surrado, camisa do Guns N' Roses desbotada e sapatilhas não deve ser o tipo de mulher que ela aprovaria para ser a mãe da sua neta. Isso sem mencionar as olheiras.

— Mamãe, você sabe quem ela é. — Micah intervém — Sua memória é praticamente fotográfica.

— Claro, a amiga da clínica. — Cada palavra sai com desdém. Ela olha para Blue mais uma vez e tento me conter. — Ela é tão pequena, você a alimentou direito? — diz sem me olhar.

Micah percebe que estou pronta para pular no pescoço dela e se adianta ficando ao meu lado. Ele segura minha mão.

— Fica calma, tá bom?

— Vou arrancar a cabeça dela — resmungo entre dentes num tom que tenho certeza de que ela ouviu.

— Micah, sinceramente, esperava coisa melhor de você. — Ela se afasta do berço e esfrega as mãos, limpando-as.

— Tira essa mulher daqui — rosno. Micah segura minha mão com mais força.

— Mamãe, hora de ir.

— Ela é minha neta, ou pelo menos você *acha* que é. Precisamos providenciar os exames. — diz como se não tivesse escutado o filho expulsando-a do quarto.

— Nada de exames, isso não é necessário. — afirma Micah e a mãe dele nos olha espantada.

— Aí está você. — Um homem entra no quarto carregando um urso enorme de pelúcia. Acho que minha filha vai acabar ficando traumatizada com tantos ursos.

— Pai. — Ele abraça Micah.

— Você deve ser a Callie. — Ele me cumprimenta amigavelmente. — Não vai me apresentar a minha neta? — pergunta a Micah, que

sorri para o pai e o leva até o berço.

Blue está dormindo, parece que é a única coisa que tem feito esses dias, o que é bom porque é assustador ver o veneno que salta dos olhares da senhora Donovan.

— Ela parece com você — seu pai fala.

— Você está louco — a bruxa responde — Micah era um bebê lindo, perfeito, com bochechas coradas. Essa criança parece ter saído do meio de um furacão, e pelo amor de Deus, ela vai ficar com uma cicatriz enorme no peito, e...

— JÁ CHEGA! — grito. — Saia daqui, saia do quarto, do hospital. SAIA DA MINHA FRENTE!!!

— Callie...

— Não, não tente me acalmar, Micah! Essa mulher está falando da minha filha. Não vou admitir que ela chegue perto da Blue. — Micah fica na minha frente.

— Mãe, sai. — A voz dele é dura.

— Vamos, Moira, você passou dos limites.

— Não fui eu que tive uma filha com uma qualquer, Corey, se alguém passou dos limites aqui, foi seu filho. — Ela sai do quarto e o

senhor Donovan me olha sem graça, como se pedisse desculpas pela atitude da mulher.

Sabia que esse encontro não ia ser nada fácil, porque já estou acostumada com isso, porém, o que presenciei aqui, foi tão fora da realidade, tão cruel.

Nunca fui olhada como ela olhou para minha filha. Ela nunca tinha me desdenhado dessa forma. Meu Deus, minha filha dormia alheia a tudo enquanto meu corpo tremia.

Minha raiva foi substituída pelo choque, e a fúria foi ofuscada pelo medo. Medo de tudo que ainda teria que enfrentar.

— Vai ficar tudo bem. — Não percebi Micah me abraçar até ver que estava agarrada a ele, expondo minhas emoções através de lágrimas.

— Vou matá-la se ela se aproximar da minha filha novamente. — Eu me afasto e enxugo os olhos com as costas da mão.

— *Nossa* filha, Callie, e não vou deixar que nada de mal aconteça com ela.

— Mesmo que esse mal esteja disfarçado de avó? — ironizo e vou até o berço.

— Ninguém vai maltratá-la, nem mesmo a minha mãe.

Micah se senta na cama e eu tento não rir da situação toda.

— Refresque a minha memória, Playboy. Enquanto a sua mãe destilava o veneno na nossa filha, o que foi mesmo que você fez? —
Cruzo os braços e o encaro.

— Impedi você de fazer uma besteira.

— Sério? Porque não foi isso que eu vi. — Ele passa a mão no cabelo.

— Você queria ser presa por agressão, Cal? Queria que a minha mãe saísse daqui direto para um advogado alegando que você a agrediu, que não tem condições nenhuma de criar a nossa filha? — Da frase inteira que ele disse, não pude deixar de notar uma coisa. *Cal*. Depois que ele descobriu sobre a Blue, só me chamou de Callie, e apenas quando foi necessário.

— Ela não faria isso.

— Oh, ela faria, acredite em mim. — Micah levanta e vai até o berço. — Não vou deixar que isso se repita. — Ele olha para Blue.

— Não sei como fui capaz de me segurar e não acabar com ela aqui mesmo — murmuro com sinceridade. Sempre fui explosiva, do tipo que não leva desaforo pra casa, e isso tudo me deixou perdida.

— Você reagiu como uma mãe voraz. Foi perfeita, não se julgue.

Estamos todos cansados e eu também não esperava que ela fosse se comportar dessa maneira. Me desculpe.

Micah me olha e eu apenas balanço a cabeça. Essa é a conversa mais civilizada que temos em dias. Quando crio coragem para dizer mais, Blue acorda e rouba toda a nossa atenção.

— Você tem o timing perfeito, garotinha — sussurro e os olhos sonolentos dela brilham quando nos vê.

Micah tem razão, ela é um pequeno vaga-lume, porém, capaz de iluminar uma cidade inteira.

17

“Nothing in motion, and I'm satisfied No disappointment, until I wake up Don't want to wake up”

Until I Wake Up – J. R. Richards

Micah

Assim que meus pais vão embora, Callie e eu temos um pouco de paz. Minha raiva ainda queima por dentro, só que dessa vez, em vez de estar direcionada à Callie, está em minha mãe.

Porra! Minha mãe fez o inacreditável aqui. Ela agiu como uma

rainha que não podia se dar ao luxo de perder tempo com alguém que ela acredita ser inferior. Já estou acostumado com esse jeito dela, com o passar dos anos mudou muito, tudo o que importa é poder e status. Não era mais a mulher gentil que deixava seu filho brincar na cozinha com os filhos dos empregados. Perdera aquele olhar carinhoso e complacente.

Doeu ver como ela olhou para Blue, doeu ver a Callie, mesmo tentando parecer forte, ser destroçada por dentro. Eu a conheço como ninguém, sei cada sentimento que ela esconde. Tem tanta tristeza escondida hoje.

E quando Dean, Rosa e Amy, as babás de Blue que a Callie me apresentou, chegam ao hospital, peço licença e saio um pouco. Preciso extravasar a raiva, e sei exatamente como fazer isso. A senhora Donovan não vai sair dessa impune, não depois de mexer com a minha filha.

Não demoro a chegar à casa dos meus pais, e tampouco me dou ao trabalho de bater à porta, faço minha entrada nada silenciosa. Charlotte corre para ver quem entrou pela porta dos Donovan com tanto barulho.

— Menino! — Ela coloca a mão no peito. — Você me assustou! O que está fazendo aqui?

— Minha mãe, onde ela está, Charlotte?

— No quarto, pediu um comprimido para dor de cabeça e foi direto

para o quarto.

— E ela já tomou o comprimido? — pergunto já subindo as escadas.

— Estava levando quando você chegou. — Charlotte me acompanha.

— Então, traga dois, porque ela vai precisar. A dor de cabeça dela ainda nem começou.

Subo as escadas rapidamente, deixando uma Charlotte surpresa para trás. Entro no quarto da minha mãe como um furacão, ligo as luzes e não me surpreendo ao vê-la deitada, parecendo a porra de uma rainha.

— O que foi aquilo? — rosno indo em sua direção e ela retira a máscara do rosto, sem a menor pressa.

— Sou eu quem deveria estar perguntando isso. Uma filha, Micah? Com uma viciada? Você realmente passou dos limites dessa vez.

— Ela não é uma viciada.

— Não? Não é a mesma garota que conheci na clínica de reabilitação? A mesma que você defendeu naquele dia e pediu nada educadamente para que nem eu, nem seu pai voltássemos lá?

— Ela não é uma viciada! Você não sabe o que está dizendo, mãe.

— Ter uma amiga assim é uma coisa, agora um filho, Micah? Com esse tipo de gente... Onde você estava com a cabeça? — Ela se levanta da cama, amarrando o robe.

— Não a trate como um lixo, mamãe, porque eu estive no mesmo lugar que ela.

— Não se compare, você não é igual a esse tipo de gente. — Agora não me contenho mais, fico na frente dela e seguro seus braços, forçando para que ela me encare.

— O que eu sou, mãe? Olhe para mim e me diga. Quando conheci a Callie nós estávamos na mesma condição, eu não estava ali para passar a merda das férias! Estava me tratando, quando é que você vai reconhecer isso?

— É diferente. — Ela me encara. — Você estava passando por uma fase rebelde, todos vocês estavam; fama repentina, mulheres e dinheiro. Tudo tão fácil, Micah, mas foi só uma fase.

— É isso que diz para si mesma? Porque essa não é a verdade e sabe disso, sabe que foi ela quem me ajudou quando eu estava lá.

— Ajudou? — Ela ri. — Ela estava te seduzindo, e olha só no que deu, uma criança problemática.

— Nunca mais abra a porra dessa sua boca para falar da minha filha — estou gritando, seus olhos se arregalam assustados e eu ainda estou

segurando seus braços, eu a solto quando Charlotte entra no quarto, provavelmente ouviu meus gritos. — Nunca mais abra a boca para falar da Blue, você não merece ter alguém como ela na sua vida.

— Aonde você vai, Micah? — ela grita quando estou saindo do quarto. — Essa conversa não terminou! Você só pode estar louco se acha que eu vou deixar aquela vigarista enfiar as garras em você.

— A conversa acabou, mamãe. — Viro para encará-la. — E aquela mulher enfiou muito mais do que as garras em mim.

Sorrio ao olhar a cara de espanto dela e saio, deixando a coitada da Charlotte ouvindo os ataques de histeria da minha mãe.

Minha mãe, a mulher que me criou, que me deu amor, hoje se transformou em uma estranha. E o pior de tudo? Não me senti nenhum pouco mal ao constatar isso. Blue merecia algo muito melhor do que ficar cercada por esse tipo de gente.

Duas semanas se passam até que a médica libera Blue. Callie e eu mantemos uma rotina, enquanto um fecha o olho, o outro fica de vigília. São raros os momentos em que eu me ausento do hospital, ela é pior, mesmo com toda insistência, e inclusive com Rosa se oferecendo para ficar uma noite para Callie descansar, ela não cede. Morri de vontade de agarrá-la pelos cabelos, a levar para casa e amarrar seu corpo na cama até que tivesse uma boa noite de sono. Ela estava

parecendo com um zumbi. Mesmo que um lindo e sexy zumbi.

Porra.

A banda faz visitas diariamente, Troy conseguiu lidar com a imprensa de uma forma impressionante, até agora não fomos importunados, mas a notícia de que Blue é minha filha já se espalhou e a identidade da Callie não é mais segredo. O The Rock agora vive lotado, precisando de reservas, porque todo mundo quer conhecer o bar da mulher que conquistou Micah Donovan.

Não demorou muito para que eu recebesse algumas mensagens nada agradáveis de mulheres com quem já saí. Algumas chocadas, outras dando os parabéns, mas a maioria me xingou de canalha mentiroso, afirmando que eu havia escondido uma mulher e uma filha.

— Estou louca para chegar em casa — Callie resmunga quando começa a fechar a mala, a médica já passou para liberar Blue e estamos arrumando tudo até que Braden venha nos buscar.

— Sobre isso, quero conversar com você. — Callie suspira alto como se estivesse cansada demais. — Eu quero que vocês fiquem na minha casa. — Callie permanece calada me observando, então, de repente desata a rir.

— Bela piada, Playboy, mas não estou com ânimo, nem com humor para brincadeiras.

— Não é piada. Já organizei tudo para que fiquem mais confortáveis lá, Callie.

— Está querendo dizer que a minha casa não é um bom lugar? — Ela cruza os braços e a Callie explosiva que conheço começa a aparecer.

— Para de distorcer as minhas palavras, ok? Só acho que seria bem mais fácil, eu a conheço muito bem e sei que vai tentar trabalhar dobrado. Não vai conseguir ficar longe do bar estando logo ali e vai acabar ficando exausta, Callie. — Percebo que seus braços começam a relaxar, ela sabe que tenho razão. — E eu também poderei passar mais tempo com a Blue.

Ela olha para a menina que está deitada, brincando com um mordedor. Callie parece refletir por alguns minutos, enquanto observa Blue e depois olha em meus olhos.

— Tudo bem.

— Obrigado — respondo sem desviar o olhar.

— Eu te devia essa. — E Callie volta a arrumar a mala.

Não contei para ela sobre a conversa que tive na casa da minha mãe no dia que ela veio aqui. Mas mesmo não parecendo estar apreensiva com isso, sei que a Callie ficou magoada, e tenho certeza que não foi a primeira vez.

Quando Braden chega, peço que nos leve direto para o meu apartamento e ele não questiona, apenas acena. Ao contrário do que pensam, minha decisão não foi tomada por impulso, decidi isso no momento em que ela saiu da sala de cirurgia, só não havia contado a ninguém.

Quando chegamos, Braden nos ajuda com as malas, e antes de ir embora, promete voltar depois com os outros. Callie está com a Blue no colo e levo a mala dela para o quarto que vai ocupar.

— Você colocou um berço! — Fica surpresa ao ver o berço ao lado da cama.

— Imaginei que não ia querer passar a noite longe dela.

— Obrigada.

— Vem, deixa eu te mostrar o quarto da Blue. — Pego minha filha do colo dela. — Pronta para conhecer seu quarto? — Blue sorri.

Callie me segue e abro a porta que fica a poucos metros do quarto dela. Ofega quando entra, e Blue não para de olhar ao redor.

O quarto está todo decorado com tons cor-de-rosa, tem um berço enorme, uma cama, uma poltrona e tudo que uma criança pode precisar. O teto está pintado de azul, alguns pontos brancos brilham no escuro como se fossem pequenos vaga-lumes.

— Não me diga que a Hanna passou por aqui? — diz, sorrindo.

— Não, fiz tudo sozinho. — Hanna pode ter organizado o quarto no hospital, mas aqui, eu fiz questão de escolher cada detalhe.

— Espero que um dia você possa me perdoar, Micah. Nunca foi minha intenção afastar a Blue de você.

— Eu sei, Callie, e eu acredito nisso. Mas ainda não consigo entender.

Ela assente, conformada com a minha resposta e volta a olhar o quarto. Observa tudo embevecida, enquanto sento com Blue no tapete colorido e apresento seus novos brinquedos.

18

“Would you say that you've done things right That there's nothing
that you would do different That you've kept what is dear inside That
your conscience is clear That you're good”

It's About Time – Aleksander With

Callie

Observo por um tempo Micah brincando com Blue no chão, uma
cena que eu nunca havia imaginado e que faz meu coração apertar.
Ainda não estou confortável com a decisão repentina de ter aceitado
ficar aqui, estou completamente fora da minha zona de conforto, mas

sei que eu devo isso a ele e, principalmente, devo isso a minha filha.

Depois de tudo que ela passou, é o mínimo que eu poderia fazer.

Pensar nisso me faz refletir em quanto a maternidade me mudou, minhas prioridades, meus desejos e sonhos. Tudo agora envolve outra pessoa, Blue é o centro do meu mundo.

Saio, deixo os dois sozinhos e vou até o quarto, que segundo Micah, é meu, e começo a desfazer as malas. Trouxe poucas coisas, apenas as roupas que estavam comigo no hospital, assim como as da Blue, não busquei mais nada porque ainda precisamos conversar sobre tudo e só de pensar fico exausta.

Quando termino de guardar tudo, Micah entra no quarto com a nossa filha no colo, está sonolenta, mas estica os bracinhos assim que me vê.

— Acho que ela está com fome — diz ele ao me entregá-la. — Quer que eu faça a mamadeira? — Sua pergunta me pega de surpresa, sei que não tem mais ninguém aqui e Blue parece que não vai querer sair dos meus braços tão cedo.

— Sabe como fazer? — Ele sorri e mostra o celular.

— Nada que o Google não resolva. — E balança o aparelho no ar.

— Vamos para a cozinha e eu ajudo você.

Micah sai e eu o acompanho. Esse lugar é enorme, e com certeza seríamos capazes de viver aqui sem nem nos esbarrar. Na cozinha, ele abre a geladeira e retira a mamadeira, outra vez fico surpresa, parece que ele providenciou tudo que é necessário.

Ele escuta cada orientação, utiliza um termômetro para medir a temperatura da água, o que me faz sorrir porque não uso nada disso. Quando está pronto, ele ergue a mamadeira, triunfante.

— Espero que ela goste, deve ser a única coisa que aprendi fazer na cozinha.

— Ela vai gostar — respondo e voltamos para o quarto.

Micah coloca uma almofada para me deixar mais confortável para dar a mamadeira para a Blue. A luz do abajur é a única acesa no quarto, e a pouca iluminação é um convite para o sono.

Micah permanece ao meu lado observando. Blue demora a tomar tudo, ela ainda está tão sonolenta que preciso mexer um pouco com ela para que acabe de mamar. Quanto termina seus olhos se fecham e ela adormece feliz e saciada. Eu a coloco no berço e a cubro, Micah também a observa enquanto dorme.

— Fiquei com tanto medo — confesso sem tirar os olhos dela.

— Eu também, Callie.

— Você acha que pode... — Olho para ele e não consigo terminar de falar. Micah me encara, seu olhar não é mais tão frio, mas ainda está longe de ser como antes.

— Não, Callie — responde a minha pergunta silenciosa. Ele sabe que a resposta não me surpreende. Micah não vai me perdoar e vou ter que conviver com isso. — Você precisa descansar.

— Não sei se vou conseguir fechar os olhos, Micah. Eu morro de medo. E se ela precisar de mim? — Volto a olhar para minha filha.

— Callie — ele toca meu ombro e eu me viro para olhá-lo —, durma, vou estar aqui, não vou fechar os olhos.

— Você também precisa dormir, Micah.

— Estou acostumado a ficar acordado.

— Você se esqueceu de onde eu trabalho? — Cruzo os braços.

— Vai querer transformar isso numa guerra? Mediremos forças para ver quem consegue ficar acordado mais tempo?

— Não. — Sorrio. — Mas, e se ela precisar..

— Estarei aqui, e você também, Cal. Se ela acordar, nós saberemos. Blue está bem, vamos tentar relaxar um pouco.

— Não sei o que é isso desde quando ela nasceu. — Tiro os sapatos e deito na cama sem tirar as roupas. Micah senta do outro lado.

— Obrigada por tudo. — Sou sincera.

— Obrigado por não resistir à ideia de vir para cá.

— Devia isso a vocês, Micah. Você sabe que não sou tão ruim assim. — Tento brincar na tentativa de aliviar um pouco a tensão.

— Talvez. — Micah não me olha mais, ele encosta-se na cabeceira da cama e fica olhando na direção do berço. Fico pensando se ele pretende ficar a noite toda sentado aqui, ou se quando o sono vier, voltará para o quarto dele.

Mas os pensamentos não me acompanham por muito tempo, os olhos começam a sentir o peso do cansaço e eu me entrego ao sono pela primeira vez em muito tempo.

— Ai, merda! — resmungo abrindo os olhos, mas antes mesmo de abri-los, já me dou conta da situação. Micah continua sentado na cama, só que eu estava fazendo as pernas dele de travesseiro, com os braços envolvidos na sua coxa como se não quisesse soltar nunca mais.

— Bom dia — diz com a voz arrastada. Eu me afasto e então olho no berço, sentindo meu coração disparar.

— Onde ela está? — Olho ao redor do quarto porque Blue não está no berço.

— Charlotte passou aqui mais cedo, elas estão lá fora. — Micah levanta e se alonga.

— Quem diabos é Charlotte?

— Minha babá.

— Sua o quê? — pergunto, espantada.

— Minha babá, Callie. A mulher que cuidou de mim e que me viu crescer, está aqui para ajudar. Guarde as garras, tá certo? Ela vai ficar um pouco com Blue.

— *Guardar as garras?* — Mas que abusado!

— Sim, você está parecendo um animal pronto para pular no pescoço de alguém.

— Não me provoca, Micah.

— Não seja idiota, Callie. — Ele caminha na direção da porta, e antes que eu possa responder, ele complementa: — Vou tomar banho porque alguém babou na minha perna.

— Babaca — rosno.

— Aproveita e faz o mesmo, o banheiro é ali. — Aponta para uma porta e sai.

Tenho vontade de gritar de raiva, mas a sugestão do banho é muito bem-vinda. Procuro não olhar para o relógio, porque eu sei que dependendo da hora que for, vou surtar.

A droga do banheiro não poderia ser mais impressionante. Uma banheira, não muito grande, mas o suficiente para que eu fique confortável, alguns produtos de higiene, nada parecidos com o que eu usava, mas isso nunca foi importante para mim.

Aguardo enquanto vejo a banheira se encher, retiro as roupas e quando a água chega ao ponto certo, eu entro e fecho os olhos, ignorando a sensação de incômodo por ter acordado abraçada às pernas dele e o fato de que ele passou a noite inteira ao meu lado. Não estamos mais no hospital, Blue está bem e ele não tem obrigação nenhuma de ficar, porém, é o que ele faz. Na verdade, fez mais que isso, permitiu que eu tivesse uma noite de sono tranquila. Detesto isso, odeio estar tão cansada que praticamente desmaiei, odeio a sensação de ter dormido segura, sabendo que ele estaria ali caso eu precisasse. Micah nunca esteve quando precisei, então não é bom ter esperanças com ele. Sei disso, e mesmo assim, a sensação está lá, cravada na pele.

A segurança, o conforto e a confiança.

É irônico me entregar a algo que evitei por tanto tempo, e

justamente com o cara que sempre deixou claro que tipo de sentimento nutria, nenhum.

Ninguém entende a razão de ele não querer se envolver, nenhum dos seus amigos compreende por que ele declara não saber amar. Mas Micah ama, e tão intensamente, que isso o assusta.

Ele ama seus amigos, seus pais e senti como ama Blue, mesmo sendo uma pessoa que ele acabou de conhecer, ele já a amava. Mas ele não consegue se ver assim, e eu nunca disse a ele que enxergo isso, ou que sei o quanto ele é bom em algo que nem acredita ser capaz de sentir.

O amor vem através de muitas coisas, das músicas que ele escreve; na maneira que toca sua guitarra; da forma protetora que cuida dos amigos; nos olhos dele quando olha para filha. Ele não ama nada pela metade, mas é cego demais para perceber isso. O que, por muito tempo, foi cômodo para mim. Micah aceitava quando eu o mandava embora toda vez que fazíamos sexo, ele não se importava quando eu saía logo depois de um orgasmo, mas não foi do momento após o sexo que fugi esse tempo todo, eu fugi dele.

E só percebi isso quando a Blue nasceu.

Saio do banho e me visto, vou até a cozinha e encontro Blue num carrinho de bebê e uma senhora, que acredito ser a Charlotte, sentada no sofá segurando um brinquedo nas mãos.

— Bom dia — cumprimento, me aproximando.

— Bom dia. — A senhora se levanta e abre um enorme sorriso. — Você deve ser a Callie — comenta e vem em minha direção para me abraçar.

Merda, detesto abraços de pessoas estranhas.

— A senhora deve ser a Charlotte — digo com meu corpo rígido enquanto ela tenta quebrar meus ossos.

— Ah, querida, você é realmente muito bonita — diz, me analisando. — E a sua filha? É uma princesa, tão parecida com o Micah.

E, lá vamos nós.

Sento no sofá e logo Charlotte traz uma bandeja com café da manhã. Fico no sofá, comendo, enquanto ela começa a contar sobre a infância do Micah. O que é bem interessante, já que ele nunca me contou nada tão pessoal.

19

“Hold, hold on, hold onto me 'Cause I'm a little unsteady A little unsteady Hold, hold on, hold onto me 'Cause I'm a little unsteady A little unsteady”

Unsteady

—

Savannah

Outen

Micah

Depois que saio do banho, vou para a cozinha e encontro a Charlotte com a Blue, ela já está alimentada e arrumada, uma verdadeira princesa. Eu me despeço delas, deixando orientações, que sei que Charlotte iria pedir e vou para o apartamento do Gael.

Uma coisa é ter Callie na minha casa, outra é ter que passar o dia inteiro olhando para ela. Não vou fingir que está tudo bem, principalmente com a cabeça de baixo se rebelando contra a de cima. Tinha que sair dali.

Assim que chego, vejo Hanna sentada no sofá cercada por vários papéis, ela parece concentrada, e tento chamar sua atenção sem assustá-la.

— Bom dia, princesa. — Ela tira os olhos dos documentos e sorri, e em seguida, franze o cenho.

— O que veio fazer aqui? — Hanna cruza os braços e olha para porta.

— Sentiu tanto assim a minha falta? — Imito sua posição.

— Você sabe que senti, mas achei que estaria com a Callie agora.

— Com a minha filha, você quer dizer — eu a corrijo.

— Também, e então, onde elas estão?

— Em casa — respondo e sento ao seu lado. — Do que se trata tudo isso? — Aponto para a pilha de papel espalhada.

— Coisas dos meus pais. — Suspira e prende o cabelo. — Gael está uma fera com isso, mas aproveitei que ele está dormindo e vim

dar uma olhada.

— Ele está dormindo a essa hora? — Olho para o relógio, já é quase meio-dia.

— Gael não dormiu a noite inteira porque ficou me vigiando como uma maldita coruja.

— Como um marido preocupado, é o que quer dizer? — Gael aparece na sala e eu sorrio. Ele beija os lábios dela e começa a juntar os papéis.

— Sobre o que é tudo isso? — pergunto, e entrego o que está na minha mão.

— Os pais dela escolheram justo agora, para informar à Hanna que está tudo legalizado quanto a sua origem — resmunga, obviamente com raiva. — E claro, a senhora teimosa resolveu ler e a pressão acabou subindo ontem à noite.

— Foi só um mal-estar — Hanna se defende.

— Você passou mal, quase desmaiou. — Gael aperta os papéis com força. — Você não vai mais tocar nesses documentos.

— Não me trate como uma criança. — Ela levanta, falando alto.

— Não seja imprudente com sua saúde — rebate ele e eu começo a

intervir.

— Me dê isso. — Pego os documentos amassados da mão dele e coloco no envelope. — Ele tem razão — digo a Hanna.

— Viu? Eu tenho razão. — Gael cruza os braços, sorrindo, e Hanna parece que vai explodir a qualquer momento.

E quando acredito que vai gritar com a gente, ela coloca a mão no rosto sentando de novo e começa a chorar.

Gael e eu nos olhamos sem saber o que fazer, e rapidamente, sentamos cada um de um lado, pedindo desculpas.

Hanna nunca foi do tipo chorona, mas durante a gravidez é como se uma cachoeira brotasse nos seus olhos. Se alguém fala muito alto, ela chora, se alguém fala muito baixo, ela chora. Nem os ensaios ela consegue acompanhar, pois assim que Gael pega o microfone, ela chora.

— Ei, minha pintora — Gael a abraça —, não fique assim, por favor. Desculpa, ver você daquele jeito ontem me assustou pra caralho. — Ele beija o rosto dela.

— Estou sendo ridícula chorando dessa forma. — Ela enxuga os olhos. — É que isso acabou me pegando desprevenida ontem, não vai mais acontecer. — Ela levanta determinada. — Vou olhar o quarto do bebê.

Essa é a desculpa que ela usa para sair, e Gael se joga no sofá parecendo cansado.

— Espero que na sua casa as coisas estejam mais fáceis. — E fecha os olhos.

— Está calmo.

— Sério, Playboy? — Abre o olho e me encara. — Há três mulheres na sua casa e você diz que está tudo calmo?

— Charlotte me criou, portanto, não é um problema e Blue é uma criança tranquila.

— Parece que está faltando alguém nessa equação. — Eu suspiro.

— Callie é só...

— A *Callie*? — termina a minha frase.

— Exatamente.

— Quanto tempo vai demorar para tentarem se matar?

— Porque acha que estou aqui? — Gael não se contém e começa a gargalhar. — Onde estão Braden e Josh?

— Não faço ideia, acho que saíram cedo. Mas voltarão, combinamos de visitar seus restos mortais mais tarde.

— Meus restos mortais?

— Sim, minha aposta é que a Callie acaba com você até o fim de semana.

— Vocês são uns merdas — resmungo.

— Josh acha que o tal do Dean vai buscá-la em breve. — Percebo seu olhar observador focado em mim.

— Callie não vai sair da minha casa.

— Como tem tanta certeza assim?

— Ela se sente culpada por não ter me contado sobre a menina, ela não saíra de lá, acredite em mim.

— Porra, cara! — Gael se endireita no sofá, não mais relaxado. — Está usando isso a seu favor?

— Só estou tentando passar mais tempo com a minha filha.

— Ela vai te matar quando descobrir o que está fazendo.

— Se usar a culpa dela me dará mais tempo com a minha filha, que se foda, Gael! Vou fazer o que for preciso.

— E, é claro, que isso não tem nada a ver com você querer manter a Callie bem de baixo do seu nariz, tem?

— A minha história com a Callie é diferente.

— É mesmo? — Cruza os braços. — Vou adorar ouvir. — Fecho os olhos e respiro fundo.

— A nossa história, Gael, é que não existe história — digo como se fosse óbvio.

— Essa foi a coisa mais idiota que já disse.

— Que merda! Por que todo mundo quer dar uma de cupido agora?
— Levanto com tudo do sofá. — Callie e eu éramos amigos de fôda.

— Que tiveram uma filha — completa Gael.

— O que podia ter acontecido com qualquer uma.

— Não, não podia. E sabe por quê? Porque você é a maldita pessoa mais cuidadosa que conheço, paranoico mesmo. Se isso aconteceu com a Callie é porque ela é muito mais do que uma amiga de fôda, Playboy. Quanto mais cedo aceitar isso, melhor.

— Não preciso aceitar nada.

— Então, vai ter que se acostumar a ver sua amiga de fôda com outro cara.

— O que está tentando insinuar?

— Não estou insinuando nada. Mas a verdade é que você pode apostar que tem uma fila de caras só esperando que a Callie ceda um pouco. E quando ela abaixar a guarda, eles não hesitarão.

— Está falando daquele funcionário dela?

— Dean é apenas um deles. Pegue o que é seu, Playboy. Não acho que a Callie seja do tipo que gosta de esperar.

— Você diz isso como se fosse simples, mas a Callie é diferente. — É o único argumento que tenho.

— Como diferente, você quer dizer, *fascinante*? Vou te dar o mesmo conselho que me deu quando eu ainda estava brincando de esconder meus sentimentos da Hanna. — Ele toca no meu ombro. — Se você não a quer, então é melhor deixá-la viver a vida dela. Callie merece ser feliz, Micah, e se você não é o cara que vai fazer isso, não erre com as coisas e pare de bancar o babaca, deixe-a voltar para a casa dela.

Gael não fala mais nada e volta para o quarto, me deixando sozinho. Fico pensando em cada palavra dele, eu não a amo, mas me sinto incapaz de deixá-la.

Passo o resto do dia no meu quarto, no apartamento do Gael. Hanna vem me ver e informar que vai me expulsar se eu continuar fazendo isso. E avisa que da próxima vez que eu vier, só vai me deixar entrar se estiver com a Blue e a Callie a tiracolo.

Já é madrugada quando resolvo voltar para o meu apartamento. Vou até o quarto delas e as observo dormir, tentando não fazer barulho para não as acordar, Blue dorme no berço abraçada a um coelho de pelúcia e Callie está espalhada na cama.

Lindamente espalhada na cama.

Ela está vestindo nada além de uma tanga azul. Está calor, então só usa isso para dormir. O edredom afastado expõe seu corpo. O pescoço à mostra faz meu pau pulsar, o movimento da respiração dela me hipnotiza e a tatuagem nas costas é um desafio para o meu autocontrole.

Eu mal consigo me conter.

— Se soubesse o que eu gostaria de fazer com você agora — sussurro.

As mãos coçam para tocar nas pernas dela, deslizar pelas coxas nuas. Meus dedos tremem de desejo para estarem dentro dela.

Ela se mexe e eu saio do transe. Pego o edredom e a cubro com cuidado, a temperatura logo vai baixar mais e é melhor deixá-la confortável. Deixo o quarto, ciente de que o restante da noite será dedicado a uma sessão de masturbação, ou várias, pensando na mulher praticamente nua no quarto ao lado.

Quando amanhece, meu humor está sombrio. Passei a noite

alternando entre gozar na minha mão e banhos gelados. Foram pelo menos três banhos. Charlotte acordou cedo e levou Blue para um passeio. Ela é um presente na minha vida e não perguntou nada quando liguei dizendo que precisava dela.

Ela e Rosa alternam para tomar conta da Blue, e a outra babá fica de sobreaviso para o caso de alguma emergência. Ainda não tinha conversado com Callie sobre isso, mas sabia que esse arranjo não seria questionado.

Estou tomando café quando ela entra na cozinha. Usando short e regata, sem sutiã.

Filha da mãe!

— Sua casa está me deixando mal-acostumada. — Ela se aproxima e pega uma xícara. — A propósito, sempre anda assim, praticamente pelado? — Callie aponta a minha roupa, ou a falta dela.

— E você, sempre anda mostrando os peitos?

— Não estou mostrando os peitos. — Ela passa por mim e seu braço encosta no meu quando se estica para pegar a garrafa de café.

— E eu não estou pelado. — Dou de ombros e ela me analisa.

— Agora têm mulheres morando aqui.

— Blue é só um bebê e Charlotte é como uma mãe para mim. E você já viu muito mais do que a minha cueca.

— Nossa, tão brincalhão pela manhã — ironiza e senta num banco. Os seios chamam a minha atenção.

— Nossa, tão rabugenta pela manhã — rebato.

— Problemas aí em baixo? — Ela aponta a minha ereção.

— Problemas aí em cima? — Repito seu gesto, apontando para seus seios, que estão em alerta máximo.

— Vai ficar repetindo tudo que eu digo? — E bebe o café, ignorando meu comentário.

— Vai querer resolver meu problema? — Provo o meu enquanto seus olhos praticamente me fuzilam.

— Vai se foder.

— Já fiz isso, ontem à noite. — Coloco a xícara no balcão e sussurro no seu ouvido. — Várias vezes.

Saio da cozinha consciente de que ela ficou sem palavras. Só não precisa saber que todas elas foram sozinho e pensando nela.

20

“I've been let down but never been tainted So I stay thirsty for more No, I won't hold back, no drop is wasted”

Drunk Love – Rihanna

Callie

Filho da puta convencido. Xingo baixo quando Micah sai da cozinha, e já começo a me arrepender da ideia de aceitar ficar aqui. Mesmo que seja provisório, tenho certeza que ele vai acabar com a pouca sanidade que me resta.

A raiva me abandona assim que vejo minha filha, Charlotte entra empurrando o carrinho com a Blue dentro.

— Bom dia, senhora Prescott — Charlotte me cumprimenta e eu pisco tentando entender a razão dessa formalidade toda.

— Charlotte, pode me chamar apenas de Callie. — Ela sorri.

— Desculpe, anos trabalhando com os Donovan me deixaram muito formal.

— Juro que precisei de um minuto para perceber que estava falando comigo. — Nós rimos e eu me aproximo do carrinho. — Como foi o passeio?

— Blue é uma criança muito tranquila, Callie, ela adora passear.

— Sim, ela gosta. Não está dando muito trabalho? — pergunto, um pouco preocupada.

— Querida, cuidei do Micah quando criança, lembre-se disso.

— É que estou me sentindo um pouco inútil aqui.

— Bobagem, cuide-se um pouco, menina. Ninguém merece passar por tudo que passou.

Balanço a cabeça, eu sei que passei pelo inferno nos últimos meses,

mas quando olho para a criança deitada no carrinho, tentando alcançar os brinquedos pendurados, sei que todo esforço valeu a pena.

— Micah já acordou? — pergunta Charlotte.

— Sim. — *E já me irritou*, pensei.

— Já tomaram café da manhã?

— Tomei café — respondo, e pego Blue no colo.

— Café? Por isso que estão só pele e osso, vou arrumar algo decente para vocês comerem e depois prepararei o almoço.

— Não precisa, Charlotte. Obrigada.

— Tem alguma preferência, Callie? — A pergunta dela me deixa confusa.

— Deveria perguntar isso para o Micah.

— É a mulher da casa, quem dá as ordens é você. Então, alguma preferência? — Meu Deus, ela está mesmo esperando alguma resposta?

Nunca dei ordens desse tipo para a Rosa, ela preparava qualquer comida e pronto, eu comia.

— Você está passando bem? Parece que viu um fantasma. Bem, alguma alergia, então? — Nego com a cabeça. — Perfeito, vou

preparar o café da manhã antes de fazer o almoço.

Charlotte não dá espaço para argumentos e começa a pegar panelas, frigideiras, formas e o liquidificador. Meia hora depois a mesa está posta, e não fica devendo nada para um café da manhã servido em grandes resorts requintados. Muito bem posta, diga-se de passagem. É só um simples café da manhã, mas tem tantos copos que fico zonza.

— Pode ir chamar o Micah? Eu fico com a Blue, vou trocar essa mocinha e arrumá-la para o cochilo da manhã — diz Charlotte.

Ela pega Blue e some para o quarto, não me deixando outra alternativa, exceto bater à porta do Micah. Olho minha roupa, peguei a primeira coisa que vi quando levantei e agora, diante dessa mesa, me sentia estúpida.

Antes de ir ao quarto dele, paro no meu. Visto jeans e regata, e coloco o sutiã para evitar gracinhas. Não está à altura daquela mesa, mas vai ter que servir. Vou direto para o quarto dele e quando ergo o punho para bater à porta, minha mão bate em outro lugar, tão duro quanto.

— Merda, Callie! — Micah xinga quando acerto o olho dele.

— Droga, Playboy, desculpa. — Chego mais perto para ver se machucou muito. Ele cobre o olho com uma mão e faz uma careta. — Deixa eu ver.

Micah tira a mão e eu me aproximo mais, suas mãos vão parar na minha cintura enquanto verifico seu olho. Não parece machucado, mas quando ele o abre, está vermelho. Porém não é por isso que fico assustada, e sim pela maneira que ele está me segurando, e principalmente, a forma como está me encarando.

Sinto seu cheiro, a pele refrescada como se tivesse acabado de sair do banho. Faço um esforço tremendo para não afundar o nariz no pescoço dele, o que seria loucura.

— Tem uma mesa enorme cheia de comida nos esperando. — Com muito esforço, consigo falar.

— Estou faminto. — Os olhos dele brilham, sua expressão é séria e a voz está baixa, e eu sei muito bem do que ele está falando.

— Não tem se alimentado bem?

— Não como eu gostaria — ele nem hesita em responder.

— Pensei que estivesse satisfeito, foram o quê? *Muitas vezes?* — provoco, me referindo às palavras dele.

— Comer muito, não significa ficar satisfeito — responde e se afasta.

Micah sai e eu fico encarando suas costas. Ele está vestido só de calça jeans, que oscila nos quadris conforme ele anda, como se fosse

cair a qualquer momento, com os pés descalços e as tatuagens à mostra. O cabelo está metade preso, imagino que para não ficar caindo no rosto. É terrivelmente sexy.

— Você não vem? — Ele para na metade do caminho e cruza os braços.

— Sim, senhor — ironizo, mas percebo o meio sorriso naquele rosto safado.

Desse dia em diante, começamos um círculo vicioso, tomamos café da manhã juntos, enquanto Charlotte leva Blue para o passeio matinal. Esse momento é carregado de tensão e tesão acumulado. Cheio de indiretas e conversas de duplo sentido que sempre resultam comigo correndo para o banheiro.

Ele nunca almoça em casa, à tarde trabalho com Dean por chamada de vídeos, enquanto ele pega o violão e passa o tempo todo trancado no quarto com a Blue. Ela adora esses momentos com ele.

Durante a noite é quando fico mais inquieta, desde que cheguei aqui, há duas semanas, ainda não fui ao bar. Dean comanda tudo, mas minha inquietação já é perceptível, odeio me sentir inútil, e aqui quando não é Charlotte, é a Rosa que não me deixa mover um músculo.

Mas não é somente isso que tornava minhas noites ruins. Micah me evita ao máximo, nossa interação é limitada ao café da manhã,

quando trocamos não mais do que duas palavras.

— Tem certeza que vai ficar bem? — pergunto para a Rosa pela décima vez.

— Callie, sempre tomei conta dela nesse horário, pare com isso.

— Estou me sentindo horrível, Rosa.

— Ela está bem, a médica a examinou hoje e disse isso, não foi?

— Disse. — Sorrio, Blue foi ao hospital hoje passar pelo retorno e tudo está indo bem. — Mesmo assim, qualquer coisa que precisar, ou se notar algo diferente, me ligue, combinado? Não vou desgrudar do celular.

— Callie, vá tranquila. E se distraia um pouco — diz, sorrindo.

— Vou ao The Rock, Rosa. Estou indo trabalhar.

— Eu já sei, mas você se diverte quando está trabalhando.

— Obrigada por estar aqui. — Eu a abraço. — Vocês têm sido como anjos na minha vida. — Eu me afasto e percebo quando ela seca algumas lágrimas.

— Vocês são como uma família para mim, sempre estarei por aqui e ao seu lado. — Eu a abraço mais uma vez e volto ao quarto para

terminar de me arrumar.

Depois que saímos do hospital, Micah nos deixou em casa e logo saiu. Ele não disse aonde ia, e na verdade, nunca diz nada. Por isso, tenho essa necessidade de ir trabalhar, preciso extravasar a enorme quantidade de energia acumulada. Ou eu trabalho, ou esgano o pai da minha filha. A primeira opção é a mais razoável.

Estou terminando a maquiagem quando a porta do quarto se abre.

— Aonde você vai? — Micah entra sem pedir licença.

— Trabalhar. — Guardo o pincel e sento na cama para calçar a bota.

— Porque não me avisou? — Ele para bem na minha frente e quando ergo a cabeça, encaro a virilha dele.

— Não sabia que precisava pedir permissão. — Levanto, fazendo questão de subir lentamente, até que ficamos cara a cara, meu corpo encostado ao dele.

— Podia ter me avisado, posso te levar lá. — Sinto o quanto está tenso.

— Não é necessário, você não é minha babá e nem meu motorista. — Coloco a mão no peito dele para obter espaço, ele se afasta e eu pego minha bolsa.

— Quando foi que decidi voltar ao trabalho? — Não consigo conter a raiva diante das suas palavras.

— Desde quando devo algum tipo de satisfação a você?

— Desde que mora aqui? — responde como se fosse a coisa mais óbvia.

— Vamos deixar uma coisa bem clara aqui, Playboy. — Eu me aproximo e coloco o dedo no peito dele. — Você — empurro e ele dá um passo para trás — Não — empurro novamente — É — empurro e ele me encara enfurecido — Meu — empurro mais ainda — Dono. — Chegamos à porta do quarto.

— Tem certeza? — E segura meu dedo, seu olhar é tão intenso que não consigo responder.

Tenho certeza? Lógico que não.

Micah solta minha mão e eu saio do apartamento sem dizer mais nada. Pelo visto, a minha noite já começou com pé esquerdo.

21

“Maybe I'm foolish Maybe I'm blind Thinking I can see through
this And see what's behind Got no way to prove it So maybe I'm
lying”

Human

-

Rag'n'Bone

Man

Micah

Depois do café da manhã e ter certeza de que está tudo certo em casa, saio e passo a tarde com Gael, Braden, Josh e Troy. Estamos escolhendo algumas músicas para o próximo álbum, mas a reunião está uma merda porque todos estão distraídos, inclusive Troy.

— Ah, que se foda! Vamos deixar isso para outro dia — Troy diz quando percebe que ninguém está concentrado.

Gael agradece e volta correndo para o apartamento. Braden e Josh vão junto com ele porque Hanna não tem se sentindo bem nos últimos dias, anda mais indisposta, e o médico pediu que ela repousasse.

Assim, estava passando boa parte das manhãs lá, Gael e eu compondo algumas músicas, já que ele não queria sair de perto dela.

Por isso, e pelo fato de continuar evitando a Callie o máximo que podia.

Mas não percebi o quanto estava desesperado por sexo até chegar em casa e vê-la.

Bota de cano alto, a porra de uma saia curta, um top justo e os olhos bem marcados. Sexo, foi só nisso que fiquei pensando quando a vi vestida daquele jeito. Sexo sujo, quente, no meu quarto, onde poderia fazê-la calar aquela maldita boca, ou melhor, onde a faria substituir suas palavras por gemidos.

Depois que ela sai, vou até o quarto verificar Blue. Rosa está deitada na cama ao lado do berço e minha filha dorme pacificamente.

— Precisa de algo? — pergunta quando me vê.

— Não, Rosa, obrigado. Só vim para ver como ela está. — Olho

para minha filha novamente.

— Dormiu não tem muito tempo.

— Tudo bem. — Caminho na direção da porta, mas me paro. —
Rosa?

— Sim?

— Vou sair, ficarão bem?

— Pode ir tranquilo, senhor, se precisar não vou hesitar em ligar.

— Obrigado, boa noite.

— Boa noite.

Vou até meu quarto, tomo um banho e me visto. Minutos depois, estou no carro dirigindo em direção ao The Rock.

Como imaginava, encontro Callie sorrindo trabalhando no bar. Acho uma mesa vazia, distante o suficiente para que ela não me veja, mas perto o bastante para acompanhar seus movimentos.

O babaca do gerente parece estar contente também, parece que qualquer coisa é motivo para tocá-la ou cochichar no ouvido dela.

Puxo o boné com força tentando passar despercebido. Troy detesta quando saímos sozinhos, e agora com a notícia de que tenho uma filha

estampada em todas as revistas de fofocas, raramente consigo sair de casa sem ser fotografado. Porém, mesmo com o bar lotado, ninguém parece associar Callie a mim.

Ela atende todos os clientes, sempre atenciosa e educada, algo que raramente é. Callie é mais como uma rosa, linda para ser admirada, mas perigosa se tentar pegá-la.

Noto que ela olha o celular a cada instante, e fico tentado a enviar uma mensagem. O que me faz lembrar que ainda não tivemos uma conversa séria sobre tudo que aconteceu, e é culpa minha. Não sei como vou reagir, minhas emoções em relação a Callie parecem uma montanha-russa. Sempre foi assim, uma hora tenho vontade de estrangulá-la, em outra tenho vontade de vê-la gozar enlouquecidamente.

Minha presença passa sem ser notada, nem mesmo os garçons em meio a tanta gente têm tempo de ver meu rosto direito, e quando o bar esvazia um pouco, eu me aproximo.

— Posso tomar uma última bebida antes do bar fechar? — Retiro o boné e ela se vira pra mim.

— Passeando? — Ela pega uma garrafa e um copo e sua postura não vacila.

— Achei que fosse precisar de carona. — Pego a bebida.

— Muito gentil da sua parte — desdenha.

— Qual é, Callie, que tal uma trégua? — Ela me olha com descrença. — Paz? — Ergo meu copo.

— Isso significa que está me perdoando? — Sua pergunta me faz rir.

— Nem de longe, essa é uma conversa para outro dia.

— O que você quer exatamente, Micah?

— Um pouco de paz, tudo bem? Sem joguinhos ou indiretas, só hoje.

— Tá bom, acho que consigo isso. — Ela pega um copo e se serve. — À trégua. — Ergue o copo e brindamos.

Ela bebe de uma vez, sorri e deixa o copo na minha frente. Callie volta a atender outros clientes e fico apenas admirando.

Callie coloca uma garrafa de uísque na minha frente, então eu mesmo me sirvo, a movimentação do bar já está diminuindo e minha boca seca quando a vejo tirar a jaqueta.

— Vai querer repassar o caixa agora? — Escuto quando Dean fala, Callie olha na minha direção.

— Não, podemos deixar isso para mais tarde.

— Tudo bem, vou indo então, precisa de ajuda para fechar? — Ele olha em volta e não tem mais ninguém, além de nós.

— Está tudo em ordem, Dean. Obrigada.

— Bem-vinda de volta, Callie. — Ele a abraça e vai embora. Ouço a porta bater e tomo a decisão.

Não ficava excitado assim há muito tempo. A raiva, as ironias, todos os palavrões durante o café da manhã foram como preliminares, e das mais sensuais.

— Vamos parar com esses jogos idiotas, Callie.

— Deve estar se confundindo, Micah. Não sou mulher de jogos, e se fosse, era *game over* para você. — Ela aponta o dedo na minha direção e vira para colocar as garrafas no lugar.

— Sabe uma coisa interessante sobre jogos, Callie? — Pego meu copo e balanço, fazendo o gelo tilintar no vidro, ela vira e me observa. — Existe um botão chamado *reset*... vou usar ele e quando o jogo recommear, só vai ter um vencedor, e serei eu.

Não dou tempo para Callie abrir a boca, jogo o copo de lado e pulo o balcão. Meu corpo colide com o dela com tanta força que ela ofega. E a deixo presa entre o meu corpo e a prateleira de bebidas.

Uma a uma, as garrafas vão caindo no chão.

— Filho da p... — ela tenta brigar, mas a minha boca já está sobre a dela e a minha língua não pede permissão. Invade.

Ela tenta resistir, pego suas mãos e levanto acima da cabeça e a imobilizo. Ela geme com o gesto, exatamente como imaginei. Conheço esse corpo e sei como despertá-lo, é a mesma conexão que tenho com a minha guitarra. Basta um toque no lugar certo.

— Coloque na minha conta — provoco quando paro de beijá-la.

— O quê? — pergunta atordoadada.

Abro meu jeans e coloco um preservativo enquanto Callie só observa.

— Tire a calcinha e sobe a saia. — Ela obedece, está tão excitada quanto eu. — Confiar em mim? — pergunto enquanto a observo jogar a calcinha no chão.

— Sim. — Seus olhos refletem as palavras. Coloco as mãos na sua bunda e a ergo, Callie enrosca as pernas no meu quadril e segura no meu ombro para se apoiar. E começo a penetrá-la.

Mais garrafas caem.

— Merda. — Ela fecha os olhos.

— Eu já disse, coloque na minha conta. — Vólto a beijá-la para impedir que proteste mais. Meu corpo se move com fúria e tenho certeza de que não sobrá nenhuma garrafa nas prateleiras.

Entre gemidos, barulhos de vidros no chão e o cheiro das bebidas escorrendo, meu controle vai para o espaço.

Callie está molhada demais, receptiva como apenas ela consegue ser. Suas mãos seguram minha camisa com força e ela chupa a minha língua com vontade. São momentos como esse que não consigo parar, quando a tenho totalmente entregue a mim.

— Micah — sussurra no meu ouvido.

— O que você quer?

— Me faça gozar.

— Implore, Cal. — Beijo seu pescoço, aperto a bunda com força. As prateleiras devem estar machucando suas costas, mas ela não se importa, só quer uma coisa agora.

— Por favor, Micah — choraminga quando saio de dentro dela.

— Vou foder você a noite inteira, Cal. — Encaro seus olhos. — Vou fazer você esquecer cada maldito pau que entrou nessa sua boceta quando estive fora. Irei tão profundo, que não vai mais duvidar a quem você pertence. — As palavras saem da minha boca com tanta

facilidade, e eu quero dizer cada uma delas, caralho.

— E você? Vai esquecer cada mulher que esteve na sua cama? — Sua pergunta me surpreende.

— Não vou, Cal. Porque não tem como esquecer se nem me lembro de um único rosto. — Meu pau pulsa com vontade de entrar nela de novo.

— Você é um canalha, Micah. — Ela sorri.

— É só do seu rosto que eu lembro, é só você que me faz sentir vontade de mais e mais. Sou capaz de fazer isso a noite toda com você, Cal, e só com você.

Suas pernas apertam meu quadril me puxando de volta, minha boca volta a se deliciar com a dela, meus quadris se movimentam em um ritmo lento, querendo aproveitar cada segundo dessa trégua.

22

“This time

What did you expect, who did you think Who to blame who to
fame When this all this mess is All It's all of ours”

Confessions

—

Lila

Rose

Callie

Meu corpo treme a cada investida, cada golpe da língua dele que sinto na boca, estocadas cada vez mais profundas. Minhas mãos se agarram à sua camisa com força, enquanto as dele não param de apertar

meu quadril.

Todas as garrafas caíram, o chão está molhado e perigoso com os pedaços de vidros, mas nada disso importa, porque estamos nos consumindo como sempre fizemos.

Com desejo, com tesão. Sem limites.

— Estou com tanta raiva de você. — Ele morde meu pescoço, me arrancando um gemido de dor.

— Eu sei. — Ele investe com mais força. — Porra, Micah! — grito, e seguro a camisa com mais força sentindo o tecido começar a rasgar.

— Queria castigar você. — Beija minha boca. — Mas estou louco para te ouvir gozar. — Ele me beija novamente. — Goza comigo, Cal, goza pra mim.

Ele não ordena, nem pede. Seu tom me confunde, mas Micah não permite que meus pensamentos avancem, ele começa a me penetrar mais rápido até que a única coisa que consigo falar é o nome dele.

— Micah! — grito quando um orgasmo me atinge, sua boca me cala e ele morde meus lábios quando começa a gozar também.

Estamos ofegando, mas longe de saciados, eu sei disso e ele também.

— Me leve para cima — exige ele. — Não faça perguntas, apenas me leve para o seu apartamento.

Não respondo, e ele sai de dentro de mim, me coloca com cuidado no chão, arrumo a saia e olho para o estrago que fizemos.

— Sabe que vai pagar por isso tudo, não é? — E aponto para a bagunça.

— Vai ser a primeira vez que pago por tanta bebida sem ficar bêbado. — Ele sorri e retira o preservativo dando um nó e o descarta. — Mostre o caminho, Cal.

Encontro a calcinha e nem me dou ao trabalho de vesti-la. Micah sorri ao perceber isso, e noto que também não fez questão de se ajeitar e deixou o zíper do jeans aberto. Ando com cuidado para não escorregar, o chão está encharcado e cheio de cacos de vidros. Ele acompanha meus passos em silêncio, o único som agora é dos vidros espatifando a cada passo que damos.

Subo as escadas com ele segurando minha cintura, o coração acelera com a possibilidade de tê-lo aqui, na minha cama. Nunca passamos de sexo sem sentido no sofá do meu antigo apartamento.

— Nervosa? — Percebe quando hesito em abrir a porta.

— É só uma trégua — murmuro e solto um longo suspiro, mas sei que ele escutou. Abro a porta e acendo as luzes.

O lugar está arrumado, mas parece tão frio. Blue é quem dá vida a este local, agora é como se nada disso tivesse importância.

— Estou orgulhoso de você, Callie — Giro o corpo para encará-lo, suas palavras me pegam desprevenida. Micah está olhando atento para o apartamento. — Você conseguiu tudo isso sozinha; o bar, o apartamento e cuidar da nossa filha. Você é brilhante, um verdadeiro enigma. — Suas palavras são sinceras.

— Acho que estou mais para teimosa, mas obrigada.

— Uma teimosa linda, para quem estou louco para ensinar algumas lições. — Seus olhos brilham conforme se aproxima de mim. — Tire tudo, Cal. Quero ver cada pedaço da sua pele. — Começo a me despir, mas ele me interrompe. — Não aqui, no seu quarto.

Micah dá um sorriso, e um que não é acolhedor, mas cheio de promessas, e sei que ele vai cumprir cada uma delas.

Vou para o quarto e ele me segue, acendo as luzes e uma música começa a tocar, vem do celular dele, é a deixa para tirar a roupa.

*I'm pulling my weight in gold
Call me anxious, call me broke
But I can't lift this on my own
Pulling my weight in gold
Call me anxious, call me broke
But I can't lift this on my own*

Ainda não me viro para ele, o quarto está bem iluminado e ele tem uma boa visão do meu corpo, das minhas costas. Tiro cada peça, lentamente, jogando no chão conforme me aproximo da cama, mantenho as botas. Inclino o corpo para frente, os seios tocam o colchão e o quadril fica em um ângulo que vai deixá-lo louco, tenho certeza disso. Estou pronta para receber qualquer coisa que ele queira me dar.

Permaneço parada, ouvindo a movimentação dele pelo quarto, ouço quando vai até o banheiro, e então, sinto-o me limpando com uma toalha úmida.

— Quero sentir você se excitando de novo — justifica. — Quero ver o quanto ficará molhada depois que eu terminar com você. — Micah acaba de me limpar e leva a toalha para o banheiro. Eu ainda estava molhada por causa do orgasmo e agora ele quer me excitar mais uma vez.

Micah adora esse tipo de controle, saber que ele provoca essas reações no meu corpo é o que o deixa excitado. Ele sabe que não fico assim com qualquer um, me conhece muito bem e sabe exatamente do quê e como eu gosto.

— Quero a sua boca no meu pau, Cal, mas primeiro preciso cuidar de você. — Ele passa a mão na minha coluna. — Adorava o seu cabelo. — Sinto os dedos irem para o cabelo, minha bochecha está

pressionada contra o colchão, fecho os olhos quando seus dedos começam a explorar. — Mas, curtos me deixam com um tesão do caralho.

Passa pela nuca, trilha a coluna até chegar à bunda. Seu dedo começa a tocar minha entrada, com cuidado, me preparando. Ele começa a dar beijos pelas costas, enquanto o dedo entra e sai. Foram poucas as vezes que fizemos sexo anal, mas em todas elas nunca experimentei um orgasmo tão intenso.

Micah sempre controla suas emoções, é técnico e habilidoso, nunca passa dos limites, por isso eu confiava meu corpo a ele.

— Onde estão suas coisas?

— No guarda-roupa, última gaveta. — Não me mexo, sabendo a que ele se referiu.

Apesar de não ter feito sexo com ninguém depois dele, e antes mesmo de saber que estava grávida, sempre mantive algumas coisas que gostava. E na minha imaginação, era tudo para que ele usasse em mim.

— Brincando sozinha, Cal? — Viro o rosto e vejo meu vibrador nas mãos dele.

— Não enche, Micah. — Ele sorri.

— Ah, querida, vou te encher sim. — Ele se aproxima com o vibrador numa mão e uma mordaca de couro na outra. — Vou preencher cada buraco seu, bem-vinda de volta ao nosso inferno, Cal.

Seus olhos brilham e eu sorrio. É isso, nosso inferno particular, onde não existe nada de conservador ou romântico. É cru, selvagem, é real.

— Grite o quanto quiser — diz quando coloca a mordaca na minha boca, nela tem uma bola que impede que qualquer som saia da boca. A sensação de incapacidade poderia me assustar, se não fossem os olhos azuis brilhantes me encarando.

Micah segura minha mão, me ergue e vira, primeiro olha meus seios, e depois os toca gentilmente.

— Foi por causa da Blue que não me deixou chegar perto deles, aquele dia no bar? — Continua olhando os seios. Balanço a cabeça, concordando. — Eles estão lindos, Cal.

Micah pega os grampos e coloca um em cada mamilo, aquilo dispara uma carga de adrenalina pelo meu corpo. Ele segura a corrente e puxa devagar, fazendo meu corpo ir ao seu encontro.

— Não vai poder falar a palavra de segurança, confia em mim cuidando de você? — Pisco por um momento antes de concordar com a cabeça. Confio em suas palavras, e confio ainda mais no que seus olhos dizem.

Estou na frente dele, observando-o. Micah sorri, solta a corrente que prende os grampos e se ajoelha, abre minhas pernas espaço suficiente para enfiar sua língua bem fundo na minha boceta, fazendo movimentos circulares, chupando até me fazer gemer alto.

Ele não permite que eu goze, ainda não. E mesmo que eu implorasse a ele para gozar, não permitiria.

— Deite na cama e incline o quadril. — Faça o que ele pede e fico na posição inicial, a bota alta ajuda a deixar minha bunda no ângulo perfeito, um que vai me penetrar profundamente.

Ouçó quando tira o jeans e rasga a embalagem do preservativo. Sinto-o enfiar um dedo, depois outro, brincando com meu clitóris. O som do vibrador me deixa em alerta. Arfo quando seus dedos são substituídos pelo objeto.

— Lembra quando te fodia por trás? — sussurra no meu ouvido, e logo bate na minha bunda, o tapa é tão forte que meu corpo avança arrastando os seios no colchão, aumentando a pressão dos grampos. Não grito, o vibrador pulsa dentro de mim, me deixando num estado de dor e prazer.

Micah beija onde ele bateu, suponho que passando a língua pelo contorno vermelho, que com certeza foi deixado por sua mão.

— Vou levar você até ao limite, Cal. Se é que tem algum. — Ele coloca uma mão no meu ventre e me ergue, expondo e lambendo a

entrada do meu ânus.

Minha mão segura com força os lençóis quando Micah começa a me penetrar por trás. Mordo a bola dentro da boca com mais força porque ele não é gentil.

— Você é muito gostosa. — *Aquela voz, grossa e exigente!* Fecho os olhos e me deixo levar pelas suas mãos.

Micah empurra o quadril, movimentando no ritmo da música tocando em seu celular. O vibrador está ligado no ritmo lento, provocando. E, porra, já não sou capaz de pensar em mais nada. Ele me preenche completamente.

— Estou gozando... — grunhi, só que ele não sabe que eu também estou gozando. — Caralho, Cal... é... — Ele não consegue falar, continua entrando e saindo, dando tudo que tem.

Sem nenhum carinho, ou compaixão. Micah sempre me dá, exatamente, aquilo que eu quero.

23

“Just promise, you won't let me go Say you'll catch me when I fall
Wrap your wings around my body When I'm lost in the storm And
I'm calling”

Wings – Hurts

Micah

Callie relaxa o corpo enquanto saio de dentro dela, retirando o vibrador ao mesmo tempo. Tiro o preservativo, amarro e jogo no chão de qualquer jeito. Viro o corpo dela, a deitando de costas na cama, ela

parece exausta.

Retiro suas botas e depois as mordanças. Seu maxilar relaxa, mas ela continua em silêncio. Olho os seios com os grampos ainda presos. Estou montado em cima dela, pego suas mãos e coloco para cima.

— Tão frágil. — Minha voz sai baixa, Callie apenas me olha, como se estivesse tentando me entender. — Tudo bem com você?

— Você sabe que sim. — Passo o dedo pelos seios dela, tocando os grampos.

— Só duas coisas me dão prazer, Cal. Uma delas é tocar minha guitarra. — Arrasto os dedos pelo seu pescoço e o seguro com a mão, forçando ela a me olhar. — A outra é tocar seu corpo.

Beijo os lábios saboreando sua língua, sucumbindo a essa trégua e desejando que ela não tenha fim. Eu a beijo intensamente, tentando apagar as palavras do Gael da cabeça. Callie é minha, sempre foi. E não pretendo deixa-la. O que temos pode não ser amor, mas é algo que nunca tive com ninguém.

— Eu quero você de novo. — Mordo seus lábios. Ergo um pouco o corpo e puxo os grampos, antes que ela possa gritar de dor, minha boca se ocupa de um, enquanto a mão massageia o outro.

Callie geme e esfrega a boceta molhada no meu pau. Porra, já estou mais do que duro, meu quadril atende ao chamado dela e quando ela

abre mais as pernas, eu a penetro. Devagar, sem tirar a boca do seio dela, e acariciando o outro.

Callie prende as pernas nas minhas costas, puxando meu corpo para mais perto, me levando mais profundo. As mãos dela vão para o meu cabelo, segurando com força, ela geme meu nome, eu me perco na sua voz.

Sinto quando seus músculos se contraem, gozando, e nossa, como ela é linda quando goza. Sussurra meu nome como se fosse a porra de uma melodia. Paro meu ataque em seus seios, retirando meu pau de dentro dela e gozo em cima do ventre dela.

Deito ao seu lado, a respiração começando a desacelerar. Porém, meus pensamentos não.

— E agora, Callie? Quem vai correr primeiro, eu ou você? — Viro o rosto e a ela faz o mesmo, ficamos frente a frente.

Um silêncio que nunca aconteceu antes se instala. Tenho a impressão de que Callie não sabe o que dizer e eu estou cheio de perguntas e com medo das respostas.

— Vai fazer alguma diferença?

Será que iria? Definitivamente não sei como responder.

— Qualquer decisão que tomar agora, eu vou respeitar.

— Ainda tem muitas coisas que precisamos conversar, Micah. Tanta coisa ficou suspensa.

— Eu sei. Mas acha que não penso sobre isso? Em como escondeu minha filha de mim? — Viro o corpo e encaro o teto. — Às vezes, nem consigo olhar para você, Callie. A única mulher que eu confiava, me traiu.

— Não trai você. — A voz dela é firme. — Não cobre algo que nunca tivemos, Micah.

— Confiança, nós sempre tivemos isso, Cal.

— Mas cumplicidade não. — Absorvo cada palavra.

Callie está certa, confiávamos um no outro, na cama, entre quatro paredes, mas nada além disso. É errado cobrar algo dela se sempre deixei claro que nunca daria nada além do que tínhamos.

— Quero que vocês fiquem naquele apartamento. Quero que morem lá. — Solto logo de uma vez, já antecipando a decisão dela.

— Não posso tirar você da sua casa, Micah.

— Aquele lugar nunca foi minha casa de verdade, e sabe disso. Ficaram bem lá, e Charlotte vai continuar te ajudando.

— E quanto a você? — Viro novamente para olha-la, seus olhos

estão vermelhos.

— Não se preocupe comigo. — Levo a mão ao seu rosto, ela fecha os olhos e uma lágrima cai. — Cal?

— Sim? — responde, ainda de olhos fechados.

— Nossa trégua ainda está valendo? — Ela sorri.

Levanto da cama e a pego nos braços, indo em direção ao banheiro. Se essa é a última noite que passaremos juntos, vou garantir que seja cuidada como ela merece.

Coloco-a dentro do box e abro o chuveiro, pressiono seu corpo na parede e o frio dos azulejos fazem ela se arrepiar. Ela me encara me desafiando a ir adiante, e ah, como eu adoro esse olhar.

Seguro seu rosto com as mãos, ela pisca, e percebo que mais lágrimas começam a cair. Nunca a vi chorando, exceto no hospital quando chorou pela nossa filha, mas agora ela chora por nós dois, por algo que nunca poderemos ser.

— Você sabe que não posso fazer isso, não é? — sussurro, me referindo a dar amor a ela.

— Não, as pessoas só podem dar algo quando realmente desejam dar. — reponde como se tivesse lido meus pensamentos e sinto suas palavras me queimarem.

— Você me conhece, Cal.

— Não conheço mais.

Colo minha boca a dela antes que ela diga mais alguma coisa. Giro nosso corpo até estarmos em baixo do chuveiro, lavando nossa pele. Mas nenhuma água é capaz de limpar tudo que fizemos e tudo que ainda faremos.

Passamos o restante da noite entre gemidos e orgasmos, Callie abriu uma parte dela que nunca vi antes. Ela cochilando em meus braços em alguns momentos, em outros, quem adormecia era eu com o toque de suas mãos no meu cabelo.

Quando amanhece, Callie ainda está dormindo. Tento sair da cama sem fazer barulho, visto minha roupa e desço para limpar a bagunça que fizemos no bar.

Sorrio ao ver a quantidade de vidro espalhado e sinto o cheiro forte de álcool, Callie vai me matar por isso. Demoro a encontrar o lugar onde guardam os itens de limpeza.

Já estou terminando de limpar quando ela desce. Callie se assusta quando me vê, porque imagino que não esperava me ver aqui.

— Acho que está tudo limpo. — comento, colocando a vassoura de lado.

— E o playboy também sabe fazer limpeza. — Ela sorri.

— Tenho uns e outros talentos. — Pisco para ela. — Pronta para ir?

— Sim.

— E sobre ficar permanentemente no apartamento?

— Ainda não sei, Micah. São muitas coisas para pensar de uma só vez, preciso de um tempo, tudo bem?

— Sem problema. — Aceito seus termos. Não quero assusta-la, muito menos sobrecarrega-la.

Callie verifica tudo antes de irmos, e mesmo tendo passado a maior parte da noite em claro, nenhum dos dois parece estar cansado. Seguimos direto para o apartamento.

Rosa está com a Blue e Charlotte está na cozinha. Elas se dão muito bem, Charlotte sempre ficou muito isolada na casa da minha mãe, então é bom vê-la conversando com alguém sobre coisas que não sejam o cardápio do dia.

Isso me lembra que a senhora Donovan não ficou nada feliz em perder a empregada. Charlotte passou metade da vida trabalhando para os meus pais, mas não hesitou por um segundo quando pedi que viesse.

— Bom dia. — Callie é a primeira a falar quando entramos em casa, duas cabeças viram em nossa direção com sorrisos enormes no rosto. Sei, exatamente, o que as duas estão pensando. — Como ela passou a noite? — Callie pega Blue nos braços.

— Dormiu como um anjo. — responde Rosa.

— E vocês? Dormiram bem? — Charlotte pergunta, sorrindo. Callie me olha e apenas dá de ombro.

— Já tive noites de sono melhores. — responde sem desviar o olhar do meu.

— Só se foi nos seus sonhos. — Eu me aproximo e pego Blue. — Pequeno vaga-lume, você parece maior a cada dia. — brinco e ela toca meu rosto.

— Ela está crescendo. — comenta Callie e fica ao meu lado.

Não notamos que Charlotte e Rosa nos deixam sozinhos, e sem perceber, acabamos sentados no tapete brincando com a bebê. Callie abre os braços e a chama enquanto eu a seguro. Ela se agita como se quisesse andar até a mãe, é uma cena que nunca esperava vivenciar. Nem que fosse mexer comigo.

Depois do almoço, vou para meu quarto e começo a arrumar algumas coisas, como Callie ainda não me deu nenhuma resposta sobre ficar aqui, acho que vai se sentir menos pressionada sem a minha

presença.

— Com pressa? — Eu me assusto, viro e a vejo na porta do quarto.

— Você vai se sentir mais confortável, Cal.

— Desde quando você sabe do que eu preciso? — Ela entra no quarto e fecha a porta. — Vai mesmo sair daqui?

— Nós já conversamos sobre isso. — Fecho a mochila.

— Você falou, Micah. Tomou a decisão baseada em nem sei o quê.

— Sabe sim, só que não quer enxergar.

— Jura mesmo que sou eu quem não quer enxergar? Ou é você?

— Não confunda o que nós temos. — Minha voz sai mais alta do que pretendo e ela recua.

Percebo em seus olhos que ficou realmente magoada e me sinto um merda por ter sido o responsável por isso.

— Cal, escuta...

— Egoísta! — grita e eu me aproximo — Não chega perto de mim, Micah. Seu egoísmo é tão grande que chega a ser ridículo.

— Você está exagerando.

— Só pensa em si mesmo, nunca pensou em dar uma chance pra gente, não é? Nunca passou pela sua cabeça em dar uma chance pra mim!

— Callie, não é isso...

— É, Micah, é exatamente isso. Quer saber de uma coisa? Você não é tão diferente assim da sua mãe. Eu me lembro muito bem de quantas vezes dizia que era apaixonado pela Hanna. A garota perfeita, não é mesmo?

— Para de falar besteira, Callie. — Mas ela continua. E avança na minha direção como uma fera.

— Ela era perfeita para sua vida, não era? A garota que poderia desfilas por aí e sair nas capas das revistas! Mas sabe, tenho pena de você porque acabou ficando sem a garota no final! — Ela me empurra. — Você é um canalha, Micah! Um playboy filho da puta, egoísta e escroto.

Grita as últimas palavras e sai do quarto, me deixando atônito e sem saber o que fazer.

24

“I cant help but keep from falling apart, At the seams, I cannot believe their taking my heart, Into pieces”

Come Undone – My Darkest Days

Callie

Um ódio que eu não imaginei ser capaz de sentir começa a me consumir, as palavras dele martelam na minha cabeça, chegando a provocar dor física.

— Preciso sair daqui. — murmuro assim que entro no meu quarto,

estava tudo perfeito demais, calmo demais.

Mas nada na minha vida é calmo.

— O que está fazendo? — Micah entra no quarto e me vê observando o guarda-roupas aberto.

— Preciso ir embora, Micah. — respondo e começo a pegar minhas roupas.

— Não tem que ser assim, eu já disse que vou sair.

— A casa é sua. — Ele abre a boca para argumentar, mas eu não deixo. — Não tente dizer o contrário, nada aqui me deixa confortável.

— Não é o que parece. — Ele cruza os braços.

— Preciso da minha vida de volta. — Jogo as roupas de qualquer jeito em cima da cama. — Retomar o controle dela. — Seguro uma camisa na mão e o olho. — Eu preciso aceitar que o conto de fadas acabou. — Sou nada menos do que sincera.

— Não era um conto de fadas, Cal. — Ele se aproxima e eu me afasto.

— Eu sei, é só a minha realidade de volta. Deixei você tomar às rédeas da situação, Micah. Aceitei seus termos, vim com a Blue para que pudessem passar algum tempo juntos, principalmente, porque me

sentia culpada por ter separado vocês.

— Mas você é culpada. — rebate e meus lábios se contraem.

— Eu sou, mas esse sentimento acaba aqui, Micah. Você tem todo o direito de ver sua filha, a hora que quiser e quando quiser, mas seu direito sobre mim acaba aqui.

— Nunca tratei você dessa forma, Cal, nunca.

— Tem me perseguido desde que voltou, e não diga que isso não é querer me controlar. Não posso mais fazer isso, simplesmente não sou mais capaz de continuar esperando pelas suas migalhas. — Engulo em seco. — Nunca tive outro homem na minha cama além de você, Micah. Em todos esses anos, desde que nos conhecemos, só foi você.

— Do que você está dizendo? — Ele está chocado.

— É exatamente o que ouviu. Menti quando disse que haviam outros homens, mas você era cego demais para enxergar, não é? Como poderia dormir com alguém se eu só conseguia me sentir à vontade com você? Foi isso que eu quis dizer quando expus meu coração e disse que estava apaixonada por você, Micah. E o que fez? Simplesmente ignorou.

Micah fica me encarando surpreso. Nossa, como me odeio agora, nunca deixo transparecer nada do que sinto, mas a verdade é que meu coração é dele desde aquele maldito dia na clínica.

Ele sempre me olhou diferente, como se eu fosse igual a ele, jamais inferior, e droga, como não me apaixonaria? Nem meus pais me olhavam daquele jeito, e até hoje, ignoraram a minha existência.

— Porque nunca quis passar uma noite comigo? — Seu tom transparece o quanto está confuso. — Eu a convidei várias vezes.

— Sim, na maioria delas era para esquecer seu amor platônico pela Hanna. — Dou um sorriso fraco. — Mas estava cansada de me sentir usada, e sempre foi esse o nosso acordo. Podíamos deitar juntos, nunca acordar juntos.

— Podia ter me dito antes, porra! Cal, quantas coisas mais, você escondeu de mim esse tempo todo?

Percebo que ele não nega o fato de que estava tentando esquecer ela ou me usando para isso, e sei que não deveria me afetar porque já tinha consciência disso, mas sinto. E dói. Pra caralho.

— O quê? — grito. — Você realmente esperava que corresse atrás de você e dissesse que estava apaixonada? Pelo amor de Deus, Micah.

— Pelo menos, estaria sendo honesta.

— Você se afastaria! — grito mais alto ainda e aponto o dedo na cara dele, e Micah não recua. — Eu vou embora, Blue vai ficar bem como sempre ficou e você pode aparecer quando quiser. — Vólto a arrumar as coisas quando ouço seus passos se afastando. — E Micah?

— Ele para e vira para me olhar. — Não use a minha filha para esquecer seus fracassos com a Hanna.

Ele sai do quarto batendo a porta e eu sento na cama tentando respirar. De onde saiu tudo isso que eu disse?

Arrumo tudo que preciso e Charlotte me ajuda com as coisas da Blue, sei que ela vai sentir falta daqui, mas na nossa casa será bem mais fácil, e mais do que tudo, preciso voltar a trabalhar ou então acabaria enlouquecendo.

Já é fim de tarde quando finalmente terminamos de arrumar tudo. Micah não está em casa, mas pediu para que Charlotte embalasse tudo que fosse da Blue, todas as roupas, brinquedos, e tem tanta coisa. Ele deixou avisado que compraria mais para ficar aqui. Isso me incomoda, minha filha teria duas casas de agora em diante, e eu não sabia como lidar com isso.

Estou levando minha mala para a sala quando a porta abre, meu coração acelera e ao mesmo tempo se acalma. Braden entra e sorri ao ver minha expressão.

— Vai mesmo ir embora? — pergunta ao me abraçar.

— Preciso voltar para a minha casa, Braden. Para o trabalho, retomar a minha vida.

— Cansou de brincar de casinha?

— Digamos que eu não me saí uma boa dona de casa. — Sorrio.

— Micah pediu que eu te ajudasse. Está pronta? — *Maldito covarde*, pensei.

— Tudo pronto.

— Ele não está bem, Callie. — Braden fala como se tivesse lido meus pensamentos e pega a minha mão. — E você, como está de verdade?

— Sabe de uma coisa, Braden? Nunca estive melhor.

Ele não faz mais perguntas, Braden sabe que o que eu disse é verdade. Estou bem, e aliviada, não há mais nada tão sufocante quanto esconder sentimentos. Fiz isso por tanto tempo que cheguei a acreditar que não sentia nada em alguns momentos, tentei até sair com outros homens, mas foi um desastre total.

Micah teve a garota que queria ter, a Callie que não se importava com ninguém, era fria, saía após o sexo sem pedir por mais. Eu fui a garota perfeita dele, até Blue entrar em cena, e então, percebi que eu merecia mais, por mim e por ela.

Braden chegou acompanhado de três seguranças, em dois carros, uma picape e uma SUV, assim podemos levar tudo de uma vez sem precisar voltar. Charlotte se despediu com o semblante arrasado, mas prometeu que na manhã seguinte estaria na minha casa, ela continuaria

me ajudando com a Blue, não podia dizer não a esse pedido. Minha filha tinha se apegado a ela e estava acostumada com seus passeios matinais.

Rosa tinha ido mais cedo para o apartamento para deixar tudo pronto para nosso retorno. Minha filha e eu estávamos cercadas de pessoas que nos amavam, ficaríamos bem. Assim eu esperava.

— Hanna deu uma senhora bronca nele. — conta Braden e vira para me observar. Estamos dentro da SUV e ele está no banco da frente, um dos seguranças está dirigindo e eu estou com a Blue no banco de trás.

— Só espero que ele não tenha contado tudo o que eu falei. — confesso, envergonhada. Por mais que eu quisesse dizer aquilo, Hanna sempre foi boa comigo.

— Não se preocupe, ele não contou nada. Mesmo sendo capaz de imaginar o que você disse. Posso te dizer uma coisa?

— Pode.

— Nem tudo que pensa é a verdade, Callie. Está tudo uma enorme confusão, mas ainda sim, não é a verdade absoluta. Consegue me entender?

— Nunca tive prova do contrário, Braden.

— Eu sei, e infelizmente, o playboy também enxerga assim.

Braden volta a olhar para a frente. Não demora para chegarmos na frente do The Rock, na frente da mesma porta que sai desesperada com Blue no colo.

— Estamos de volta, meu amor. — sussurro, ela está dormindo na cadeirinha.

Braden a pega com cuidado e subimos, os seguranças se encarregam de trazer o restante das coisas.

Sem faixas penduradas ou festa de boas-vindas, porém a sensação de estar em casa é reconfortante. É aqui o meu lugar, onde pertencço.

— Precisa de mais alguma coisa? — pergunta Braden quando volta do quarto depois de colocar Blue no berço.

— Obrigada, não vou mais te segurar. Você fez muito por mim, Braden, não sei como agradecer.

— Sou seu amigo. — Ele pega minha mão e a beija. — Não hesite em me ligar, Callie. Qualquer hora que precisar e estarei aqui.

— Se o seu coração não tivesse dono, eu me candidataria. — Dou uma piscadinha, brincando com ele.

— Se *você* não tivesse dono, eu não a deixaria escapar. — Ele beija minha mão de novo, demorando mais tempo dessa vez. Seus lábios são quentes, e quando ele a solta e pisca pra mim, estou certa de que

Josh tem ao seu lado um homem excepcional.

— Josh é um sortudo.

— Eu também sou. — Seu sorriso torto me faz rir. — Até mais, Callie. — A gente se abraça e depois eu o acompanho até a porta.

Braden sai, seguido pelos seguranças, e eu observo meu apartamento e a pilha de caixas para organizar, refletindo sobre os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. Exausta, a única coisa que quero agora é a minha cama, que está à minha espera.

25

“Hello, it's me I was wondering if after all these years You'd like to meet, to go over everything They say that time's supposed to heal ya But I ain't done much healing”

Hello

–

Fame

On

Fire

Micah

Já tem uma semana que a Callie foi embora, levando a minha filha. Não há mais risos no apartamento, nem choro durante a madrugada ou brinquedos espalhados no tapete da sala.

É estranho voltar para casa e precisar acender as luzes, antes chegava e estava praticamente tudo aceso, mostrando a vida que existia aqui. Porra, como é estranho voltar para casa agora.

Nunca tinha passado muito tempo nesse apartamento, só depois que a Callie veio para cá. Ainda assim, não chegava antes do final do dia e quando abria a porta, ia direto para meu quarto.

Ainda bem que a semana estava com a agenda cheia. Entrevistas, fotos e compromissos com a banda. Gael adiantou as coisas por causa da gravidez da Hanna, ela ainda permanecia de repouso porque o médico estava tentando evitar um parto prematuro.

Olho a hora e tenho certeza de que Callie já está trabalhando no bar, pego o celular e ligo para ela. Não demora muito para ouvir o barulho da música.

— Micah? — atende, surpresa.

— Oi, Cal, pode falar? — Deito na cama e encaro o teto.

— Só um minuto. — Quase não consigo ouvi-la, — Dean? Pode tomar conta das coisas por aqui? — Ouço ela perguntar e segundos depois o barulho fica mais fraco. — Desculpe, estava no bar. Agora consigo te ouvir melhor, o que dizia?

— Como está a Blue? — pergunto pela minha filha, tentando não parecer irritado.

— Está de mau humor? — Meu plano vai pelo ralo.

— Apenas cansado, acabei de chegar. — minto, não vou dizer que me irritou a forma como ela falou com aquele Dean.

— Ah — Suspira. — Blue está bem, só um pouco enjoada por causa dos dentes que estão nascendo.

— Já saiu algum? — pergunto, curioso. Durante a semana, consegui vê-la só uma vez a tarde, e confesso que estava sentindo muita falta dos nossos momentos. Um dos meus preferidos era quando ficávamos no quarto e eu tocava violão.

Blue adorava, seus olhos brilhavam como estrelas na noite assim que eu começava a cantar a música que compus para ela. Ninguém mais ouviu essa canção, era nosso segredo.

Droga, como sentia falta do meu vaga-lume.

— Ainda não, mas acredito que aconteça logo. — Noto que ela está sorrindo. — Se quiser, pode passar a tarde com ela amanhã, quem sabe não dá sorte?

— Posso trazê-la para dormir aqui? Levo ela assim que acordar. — Callie não responde de imediato e sei que está pensando.

— Nada de mulheres peladas, nem orgias? — Seu tom não é de brincadeira.

— Só se Charlotte resolver andar nua pela casa. — respondo.

— Meu Deus, não precisava ter essa imagem na cabeça. — Callie sorri e percebo que também senti falta da sua risada.

— Será só a gente e Charlotte, talvez Braden e Josh apareçam para jantar.

— Tudo bem, playboy, só não dê pizza pra ela.

— E qual a graça de ser pai se não posso dar pizza pra minha filha?

— Micah...

— Cal... — Ela fica em silêncio enquanto ouço a nossa respiração pesada. — Sem pizza, entendi.

— Como está a Hanna? — Ela muda de assunto.

— Enlouquecendo o Gael. — A verdade é que ela está enlouquecendo à todos com o repouso que o médico exigiu. Gael está nervoso, mais do que o normal e isso afeta todo mundo, já que somos os alvos preferidos dele.

— Ela está no final da gravidez, é normal.

— E com você, Cal? Como foi?

— Como foi o quê? — pergunta, confusa.

— A sua gravidez, como foi? Foi tranquila, complicada? — pergunto, de repente sentindo a necessidade de saber tudo o que aconteceu com ela durante a gravidez da nossa filha.

— Micah, preciso voltar para o bar. — Ela não quer contar.

— Por favor, me conta como foi, a gente nunca falou sobre isso.

— Não foi uma gravidez tranquila, Micah. Agora posso voltar ao trabalho?

Callie desliga o telefone na minha cara antes que eu possa dizer qualquer coisa. As palavras dela me surpreendem porque eu não faço ideia de como sua gravidez, o que passou, e apesar de ter escondido que tivemos uma filha, eu me sinto um lixo. Por que diabos eu me sinto assim se foi ela que mentiu esse tempo todo?

É nítido o quanto ela mudou, Callie é uma mãe excepcional. E se eu fosse sincero comigo mesmo, confessaria que não consigo parar de pensar no jeito que ela sorria para nossa filha enquanto brincava com ela.

Aquela mulher que gostava de ser amarrada, que gozava quando eu infligia a ela uma pequena dose de dor, que se entregava ao meu comando como nenhuma outra antes, é a melhor mãe que a minha filha poderia ter.

Constatar isso foi como levar um tapa.

Na manhã seguinte, logo depois do almoço, estou sentado no sofá do apartamento da Callie aguardando as duas. É a primeira vez que a minha filha ficaria comigo sem a mãe por perto, e estou nervoso pra caralho.

— Toma, fica com ela um instante. — Callie aparece e me entrega a Blue.

— Como está enorme, pequeno vaga-lume! — Blue sorri, e baba.

— Você disse que tem roupas na sua casa, não é? — pergunta Callie. Quando telefonei essa manhã conferi tudo que tinha em casa: roupas, mamadeiras, chupetas, brinquedos e fraldas. Tudo que Blue precisava, eu já tinha.

— Sim, Cal, está tudo em ordem.

— Termômetro? Já tem? Se não, pode levar o nosso. Vou pegá-lo.
— Ela começa a sair, mas eu a interrompo.

— Termômetro, antitérmico, remédio para os dentes e remédios de cólicas. Já disse, Cal, está tudo sob controle.

— Tudo bem. — Ela respira fundo e volta. — Tem certeza de que você...

— Cal... — Pego a sua mão. — A única coisa que a Blue pode precisar e que não tenho na minha casa, é de você.

— Cuide dela, playboy. Ou mato você. — Ela finge que não escutou as minhas palavras.

— Eu morreria primeiro, não se preocupe.

— Me ligue se precisar de alguma coisa, ou se ficar com alguma dúvida. Charlotte vai ficar com vocês, não é? — pergunta, apreensiva.

— Vai, na verdade, já deve estar me esperando. Vamos, pequeno vaga-lume. — Olho para Blue. — Dê tchau para a mamãe. — Mexo seus bracinhos para se despedir.

— Eu te amo. — Callie beija a testa dela e depois me encara. — Estou apavorada, mas confio em você, Micah, sempre confiei.

— Obrigado, vai ficar tudo bem.

Minha resposta sai confiante, é minha filha que está comigo. Um bebê que ajudei a tomar conta dias antes. Callie não estaria conosco, mas não poderia ser tão difícil.

Estava enganado.

— É sério isso, cara? Não deu conta de uma criança? — provoca Josh antes de se jogar no sofá.

Quando cheguei no apartamento, havia um recado de Charlotte dizendo que minha mãe havia pedido por seus serviços porque

aconteceria um jantar importante essa noite e ela só confiava em Charlotte. Acabei ficando sozinho com Blue. Agora, estou com uma bolsa cheia de coisas dela na casa do Gael. Nem fodendo que vou dar o braço a torcer e ligar para Callie.

— Não deboche. Isso é mais difícil do que pensei.

— Ela não tem nem dez quilos, o quão difícil pode ser?

— Demorei vinte minutos para conseguir colocar a fralda nela. — digo, derrotado olhando para Blue rastejando pelo chão.

— Ei, alguém perdeu um bebê? — Gael vê ela e a pega no colo. — Ei, menina bonita, fazendo uma visita? — Minha filha sorri, e eu meu pergunto: que mulher nesse mundo não sorri para ele?

— Preciso de ajuda. — confesso.

— Algum problema? — Gael senta no chão e pega um brinquedo.

— Blue vai ficar comigo hoje, mas a Charlotte me deu bolo, então vim para cá.

— E agora nós viramos especialistas em bebês? — Josh continuar a me provocar.

— Não é você que quer tanto ter filho? Olha que oportunidade boa. — Aponto para Blue.

— Vai me deixar treinar com ela?

— Nem morto. — respondo. — Mas pode ajudar.

Tinha certeza de que um dia a minha boca ainda me mataria. Callie manda mensagens de vez em quando para saber se está tudo bem, mas não conto que Charlotte não está com a gente, só que estamos na casa do Gael.

O que certamente é meu maior erro. Gael leva Blue para ver Hanna, e ela fica encantada e emocionada. Braden e Josh não param de bajular Blue, mas quando chega a hora do banho, é um pesadelo.

Josh enche a banheira e Hanna, com a barriga enorme e sem poder levantar, não é de muita ajuda. Pedimos auxílio para Mag, que comprova a sua teoria, não tem um único gene materno nela.

— Qual a temperatura da água? — pergunta Josh.

— Que tipo de sabonete ela usa? Não tem um próprio para bebês?
— Mag olha as embalagens.

— Porque não pede ajuda para Callie? — intervém Braden.

— Porque eu sou o pai dela, deveria saber dessas coisas. — Minha testa enrugada.

Vinte minutos, um banheiro alagado, três caras ensopados e uma

Blue sorridente depois, conseguimos terminar o banho.

— Você vai me ajudar a troca-la. — digo a Mag.

— Eu? Por que *eu*?

— Você vai ser mãe, Mag, pelo amor de Deus, é só vestir uma roupa nela.

— Como sabe que eu vou ser mãe? — pergunta, surpresa.

— Braden me contou que já estão tentando. — Ela torce os lábios.

— Só não transformem isso num acontecimento, tá certo? Estamos indo devagar, e a ideia em si me apavora, e hoje só está servindo para reforçar minhas terias.

Sorrio, e Mag me ajuda a arrumar Blue. Ela pega a roupa mais extravagante que encontra na bolsa e veste a menina como se estivesse indo para uma festa.

— Ela é linda, Micah. — elogia, suspirando como se estivesse vendo uma obra-prima.

— É a coisa mais bela que eu já fiz.

Olho orgulhoso para a minha menina, tiro uma *selfie* com ela e envio para Callie com a legenda:

Rei se preparando para jantar com a princesa.

Ela não demora muito para responder.

A princesa está linda, mas o rei vai precisar colocar uma camisa para ficar à altura da companhia.

Sorrio e guardo o celular reprimindo a vontade de dizer que gostaria mesmo é que ela viesse colocar a minha camisa. Ou talvez tirar o resto das minhas roupas?

26

“I could see your face I want you to give me space Even if I don't
be with anyone It's still be you”

Tie You Up – Angelika Vee

Callie

— Porque está sorrindo? — Dean se aproxima do balcão, acabamos
de abrir e o bar logo estará a todo vapor.

— Micah enviou uma foto, Blue está tão linda. — Mostro a foto
para ele.

— Ela sempre está.

— Nunca te agradeci corretamente por tudo que fez pela minha filha, Dean.

— Não precisa, Callie. Eu amo aquela menina e sempre que precisar irei protegê-la. — Seguro as mãos dele entre as minhas e olho em seus olhos.

— Obrigada, Dean, e digo isso com todo meu coração. Ninguém nunca fez por mim o que você fez, ou a Rosa. Não sou uma pessoa acostumada a dizer obrigada, mas não porque sou uma pessoa ingrata, é que nunca tive alguém para dizer essas palavras.

— Sempre que precisar. — diz e senta no banco, beijando minhas mãos. — E vocês dois? Como estão?

— Convivendo como duas pessoas civilizadas. E você, Dean? Tem alguém?

— Esperou bastante tempo para me perguntar isso, não foi? — Ele tem razão, não tinha feito perguntas tão pessoais assim.

— Desculpa se estou sendo intrometida.

— Não tem problema, mas respondendo à pergunta, já tive alguém. Não tenho mais.

— O que aconteceu? — pergunto, curiosa.

— Só que existem histórias que não devem ser contadas, nem toda história de amor é bonita. — Os olhos dele se perdem por um momento antes de recuperar o foco.

— Nisso eu posso concordar com você. Ainda dói? Quero dizer, acho que faz algum tempo, não é?

— Tempo o suficiente para acalmar a dor, mas não o bastante para curá-la.

Fico o observando por algum tempo. Dean não fala mais nada, apenas retribui o meu olhar. Enquanto vejo os garçons chegando no bar, me pergunto se a minha ferida um dia vai sarar ou se a dor vai finalmente diminuir.

— Acho melhor voltarmos ao trabalho — digo antes que isso fique mais constrangedor.

Dean sorri, guardo o celular no bolso e olho para a prateleira de bebidas. Flashes da noite que passamos aqui surgem na minha cabeça. Foi tão intenso e verdadeiro. Mas pensando em tudo que aconteceu depois, foi como se aquela noite, aquela maldita trégua, não tivesse existido.

— Estamos lotados hoje. — Ana, umas das garçonetes se aproxima com a agenda na mão. Eu a pego e verifico as reservas.

— Sim, parece que teremos muito trabalho. — Fecho e devolvo a agenda.

— Porque continua trabalhando no bar, Callie?

— E por qual motivo eu não continuaria? — Começo a pegar alguns corpos.

— Você tem uma filha com uma celebridade, um dos caras mais ricos do mundo do rock, e gosta de trabalhar como *bartender*? Poderia estar numa piscina aquecida à essa hora, aproveitando a vida. — divaga, sorrindo como se isso fosse o desejo de todas as pessoas.

— Você disse tudo, Ana — Coloco um copo em cima do balcão e sirvo uma dose de tequila. — Tenho uma filha com ele, e é só isso. Micah é a celebridade, não eu, e gosto de ter meu próprio dinheiro, não me atrai a ideia de ter que pedir dinheiro até para comprar minhas calcinhas. — Bebo a dose de tequila. — Agora, se não tem nenhuma celebridade esperando por você no final do seu turno, é melhor se apressar, já vamos abrir.

Ana sai praticamente correndo, por mais cabeça de vento que seja, é uma boa garota, mas preciso tentar ignorar alguns comentários que estão se tornando frequentes. A comparação entre mim e o Micah sempre vai existir, e muitas pessoas não ligam a mulher atrás do balcão com a mãe do filho dele. Certamente, esperam algum tipo de executiva, não a garota de top justo, jeans rasgado nos joelhos e botas de combate.

Uma da manhã, meu celular toca mostrando o nome do Micah na tela. Sorrio e me afaço para atender.

— Está tendo insônia, playboy? — brinco assim que fecho a porta do escritório.

— Oi, Cal. Preciso de ajuda. — O tom da voz dele faz minhas pernas tremerem.

— O que aconteceu? A Blue está bem?

— Sim, ela está bem. É só, que...

— Porra, Micah, fala logo de uma vez! — grito, nervosa.

— Pode buscar ela no apartamento do Gael?

— No apartamento do Gael? O que a minha filha está fazendo lá uma hora dessa?

— Nós estávamos lá, mas aconteceu uma emergência, Callie. A Blue ficou com a Mag.

— Mag? A ruiva, namorada do Braden e do Josh? — Não estou acreditando.

— Sim, Cal, essa mesma. Pode ir busca-la ou não? Não posso passar a noite inteira respondendo suas perguntas.

— Onde você está? O que aconteceu? — Começo a raciocinar melhor, se Blue está bem, só pode ter acontecido algo com ele. — Você está bem, Micah?

— Eu? Sim, só estou preso.

— Só está preso? — *QUE PORRA É ESSA?*

— Sim, Cal. Estou na cadeia, ok? Agora, preste atenção, preciso desligar e ligar para o Troy, mas por favor, vá buscar a Blue e passe a noite lá para não ter que sair com ela à essa hora, mais tarde a gente conversa melhor.

Fico sem saber o que fazer, olhando atônita para o celular.

Preso? Delegacia? Em que tipo de problema ele se meteu dessa vez?

Assim que encontro Dean, peço que me leve até o apartamento do Gael. Deixo Ana tomando conta do bar, enquanto estamos fora.

— Não estou entendendo nada, Callie. Micah está preso, é isso mesmo? — pergunta Dean sem tirar os olhos do trânsito.

— Também não estou entendendo nada, Dean. Micah só pediu que eu fosse buscar a Blue. — Estou nervosa, ligo no celular dele, mas só dá caixa postal. O mesmo acontece quando ligo para Gael, Braden e Josh. — Os celulares estão todos desligados.

— Será que estão todos presos? — pergunta.

— O quê? Os quatro? Acho que não.

Seria loucura demais, até mesmo para eles. Porém, quando se trata desses caras, tudo pode acontecer.

Não demora para estacionarmos e Dean me acompanha até o apartamento. Assim que o porteiro autoriza, nós subimos.

São raros os momentos que estive aqui, e geralmente foi tarde da noite e na maioria delas, nada sóbria.

— Esses caras sabem como viver. — murmura Dean quando as portas do elevador se abrem.

— Gael mora aqui. Micah e os outros tem seus próprios lugares, mas ao que tudo indica, aqui funciona como o refúgio deles, todos tem um quarto.

— Então, você já veio aqui antes. — Não é uma pergunta.

— Algumas vezes. — Dou de ombros e toco a campainha.

A ruiva que conheci no hospital abre a porta com cara de pânico, o que me deixa em alerta.

— Onde está a minha filha? — Passo por ela e quase a derrubo.

— Você não tem boas maneiras? Dizer boa noite seria bom. — Seu tom é presunçoso.

— Boa noite. — Quem responde é Dean.

— Olha só, pelo menos tem alguém educado aqui. — ironiza e olha Dean dos pés à cabeça. — Oi, sou a Mag. — Ela se apresenta e eles apertam as mãos. Reviro os olhos.

— Sua filha está dormindo no quarto do Micah, agora que chegou, preciso correr para o hospital. — E vai até o sofá pegar uma bolsa.

— O que aconteceu? — pergunto, ela para de andar mas percebo como está impaciente.

— Hanna entrou em trabalho de parto.

— Meu Deus! — Coloco a mão na boca, assustada. Pensei que ainda faltava algumas semanas. — E porque Micah está preso?

— Porque Gael foi realmente estúpido e armou uma tremenda confusão no hospital. As perguntas já acabaram? Preciso mesmo ir.

— Espera. — Ela para na porta. — Posso ir com você? — Ela não responde por alguns instantes, fica apenas me analisando.

— E quem vai ficar com a menina?

— Eu posso ficar. — oferece Dean.

— Bonito e sabe cuidar de criança, gostei. — diz Mag, sorrindo enquanto Dean parece desconcertado. — Então vamos, temos uma mulher parindo, sozinha no hospital, e que precisa de nós. — Mag sai para chamar o elevador.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Dean? Eu posso ficar.

— Pode ir, Callie. Já estou acostumado com a Blue e ela comigo. E manda notícias, não sairei de perto do celular.

— Obrigada.

— Vai, seus amigos precisam de você. — Dean sorri.

Eu me despeço e saio. Encontro Mag esperando o elevador enquanto mexe no celular.

— Troy já foi avisado? Sobre a prisão? — Lembro-me de Micah dizendo que ligaria para ele. O elevador chega e descemos.

— Não sei de muita coisa porque quando Micah ligou foi muito rápido, mas acho que sim.

— Que tipo de problema eles se meteram?

— Do tipo que você sai algemado, direto para a delegacia.

Mag sorri, a gente sai do elevador e atravessa a garagem. Entramos num carro que deve ser do Gael, e seguimos em direção ao hospital.

27

“And I ain’t ready And I’ll hold steady Yeah, I’ll hold you In my arms, in my arms In my arms”

Eye of The Needle - Sia

Micah

Posso jurar que se morrer agora, já passei tudo o que tinha para viver. Não acredito que estamos presos numa cela, na delegacia de polícia, e tudo por causa do senhor esquentadinho.

Gael dessa vez zerou sua cota de loucura.

— Conseguiu falar com Troy? — pergunta quando o guarda abre a porta da cela e eu entro.

— Sim, ele já está vindo.

— Tem alguma notícia da Hanna? — Percebo que está bem preocupado.

— Não, Gael. Mas a Callie está indo para sua casa e a Mag vai mandar notícias.

— Porra! Ela nunca vai me perdoar por isso. — xinga e volta a sentar-se na cama.

— Nem a gente. — diz Josh, sentado.

A verdade é que todos estamos nessa situação por culpa dele. Em casa, Hanna começou a entrar em trabalho de parto, a bolsa estourou e nenhum de nós sabia o que fazer.

Sáímos agitados com a roupa do corpo, Gael estava só de calça jeans, os seguranças do hospital impediram a entrada dele e então, a confusão foi armada.

Gael deu um soco em um dos seguranças, mais reforços chegaram, e acabamos no meio da confusão.

Dr. Hunt que na hora estava saindo do hospital, ficou responsável

pela Hanna, enquanto aguardávamos a polícia. E então, para piorar ainda mais as coisas ouvimos um grito de dor, e era da Hanna quando estava sendo levada em uma cadeira de rodas. O senhor impaciente perdeu o controle.

Era como se o demônio tivesse o possuído, Gael passou por cima dos seguranças para se aproximar da Hanna, mas alguns policiais o impediram. Entre os famosos gritos clichês de “você sabe quem eu sou?” e outros tantos palavrões, fomos todos algemados e trazidos para a delegacia, *para esfriar a cabeça*.

— A briga com os policiais foi totalmente desnecessária. — desabafo e sento ao lado dele.

— Não estava raciocinando, e ainda não estou. Minha mulher está tendo o meu filho nesse momento e eu não estou com ela. — Seu olhar é de desespero.

— Eu juro que vou pedir um aumento de salário a vocês. — Ao som da voz de Troy todos se levantam. — Estou falando sério, agora passaram dos limites.

— Podem sair. — O policial abre a cela e Gael praticamente sai correndo.

— Espera aí, apressado. — Troy o segura pelo braço. — Vista isso. — Ele entrega uma sacola, Gael abre e pega uma camisa. — Isso se quiser mesmo ver seu filho nascer.

— Obrigado — Gael a veste ali mesmo — Tem notícias dela?

— Ainda em trabalho de parto. Está com sorte, Malloy, agora vamos. — Troy nos deixa passar.

— Valeu, cara. — digo a ele.

— Não me agradeça, você não vai gostar de saber o que eu tive que fazer para que saíssem daqui rápido desse jeito.

Merda.

Sabia que não seria fácil nos tirar daqui, a polícia queria que a gente ficasse, pelo menos, vinte e quatro horas.

— Deixa eu adivinhar. Meu pai? — pergunto mesmo que já saiba a resposta.

— Sim, precisei ligar para ele, era o único jeito de tirar vocês agora, ou Gael receberia a visita do filho dele aqui na cadeia. — Troy sorri.

— Você fez a coisa certa. — Braden passa por ele e toca seu ombro. Josh também agradece e segue para pegar suas coisas.

— Nem quero saber o que isso vai me custar. — murmuro, constatando o óbvio. Meu pai pode me amar, mas nunca distribui favores sem ter nada em troca.

Troy dá de ombros, dando a entender que fez o possível e não estava se importando com o resto.

Entramos no carro do Troy, Gael senta no banco do passageiro, enquanto Braden, Josh e eu nos esprememos no banco traseiro.

— Porque tem um carro tão pequeno, cacete? — reclama Josh.

— Não costumo levar marmanjos no meu banco traseiro. — responde Troy.

Ignoro quando começam uma discussão sobre Troy ser mão de vaca e não comprar algo melhor e verifico minhas mensagens. Tem uma da Callie.

Vou te matar, e depois jogar seus restos para os cachorros.

Guardo o aparelho adiando minha morte por algumas horas. Josh e Troy continuam discutindo, Gael está concentrado no celular e Braden tenta não rir da discussão.

Troy além de nosso empresário, sempre foi como um amigo. Graças a Deus, ele é a pessoa responsável por tudo o que temos hoje, ousou arriscar que sem ele, estaríamos fêlidos e cantando em bares de beira da estrada, ou quem sabe no metrô.

Mas como não perdemos oportunidades de sacanear, Troy é sempre um bom alvo, afinal de contas, raramente o vimos acompanhado.

Chegando no hospital, mais um circo está armado. Com a confusão de mais cedo, além da polícia, repórteres de diversas emissoras estavam aqui. A porta do hospital precisou ser bloqueada.

— Droga, tinha esquecido dessa merda. Vamos precisar dar a volta.
— diz Troy, desviando dos repórteres.

— Não tenho tempo para brincar de esconde-esconde, Troy. — responde Gael, e o tom não tinha nada de brincadeira.

— Acredite em mim, eu sei, só não vejo outra alternativa.

— A gente podia distrair eles enquanto o Malloy entra. — sugeri Josh.

— Pretendem dar alguma declaração? — Troy para o carro. — As notícias já estão circulando, então não precisam mentir. Eles já sabem que a Hanna está aqui e que seu filho está nascendo. — E aponta para Gael. — Braden e Josh, vocês poderiam falar com a imprensa enquanto entramos, tudo bem?

— Sem problema. — responde Braden.

— Micah, por enquanto não temos nenhum dos nossos seguranças aqui, então precisamos dar cobertura para a entrada dele.

— Virou um agente federal por acaso? — provoco e todos rimos.

— Vamos, idiota, tem uma criança nascendo. — responde e saímos do carro para colocar o plano em ação.

Braden e Josh são os que aparecem primeiro, e como esperado, são cercados por todos os repórteres. O que é bom, e nos faz ganhar tempo.

Troy entrega um boné para Gael e corremos para dentro do hospital. A recepcionista reconhece a gente e logo informa para onde levaram a Hanna.

Gael corre como um louco, e por um segundo, fico com receio de sermos presos novamente.

— Finalmente. — Mag diz exasperada quando a encontramos no corredor. — Ela está naquele quarto. — Aponta para uma porta.

— Deixou ela sozinha? — pergunta Gael.

— Não, ela está com a Callie. Sai um pouco antes que ela quebrasse a minha mão.

— Droga. — Gael vai para o quarto.

— Vou verificar se os caras continuam vivos lá fora. — informa Troy. — Os seguranças já estão a caminho, Micah. Por favor, apenas não se metam em confusão.

— Obrigado.

— Não me agradeça, eu quero aumento. — Troy sorri e vai embora.

— A Callie está lá? — pergunto a Mag que faz uma careta.

— Foi o que eu disse, não foi? Está surdo ou o quê?

— Que bicho mordeu a sua bunda? — Mag parece ainda mais mal-humorada do que o normal.

— Além dos meus dedos trincados? Está tudo *ótimo*.

— Vou entrar, para de ser dramática, certo? — Beijo seu rosto e vou para o quarto.

Não sei o que mais me assusta quando entro. Se é a expressão de dor da Hanna, a cara de desespero do Gael ou a felicidade no rosto da Callie.

— Oi. — Eu me aproximo dela. Callie está encostada na parede observando a cena. Uma enfermeira está com a Hanna enquanto Gael segura a mão dela.

— Oi. — responde sem tirar os olhos deles.

— Foi assim com você? — Ela vira o rosto e nos olhamos.

Quando penso que ela não vai me responder, começa a falar.

— Digamos que a minha gravidez foi um pouco complicada. — Ela vira e olha para Hanna novamente. — Eu tive três sangramentos durante o primeiro trimestre da gravidez, o último me forçou a ficar deitada na cama por uma semana. — Seu olhar volta para mim. — Os médicos disseram que era normal, que poderia acontecer, mas eu não pensei assim. — Ela suspira. — Foi num momento que estava trabalhando como louca, e mesmo que a gravidez ainda não estivesse aparecendo, precisei que tomar muitas precauções. Nossa filha sempre foi guerreira, Micah. — diz, orgulhosa.

— Puxou a mãe. — digo e ela sorri.

— Está na hora. — Gael diz, e saímos do caminho.

— Para onde vão leva-la? — pergunto, confuso.

— Centro Cirúrgico. O bebê não está bem posicionado, ela vai precisar de uma cesárea. — Olho para Hanna e ela parece exausta.

— Ei, princesa! — Eu me aproximo da cama e cochicho em seu ouvido para Gael não me ouvir. — Traga nossa garotinha ou... — E dou uma piscadela. — Traga nosso garoto, Blue está precisando de um amigo. — Ela começa a chorar. — Nós vamos ficar aqui, tudo bem? — Aperto sua mão. — Estaremos esperando por vocês.

— Obrigada. — responde enquanto enxugo suas lágrimas. Então,

vira para Callie. — Obrigada, Callie.

Callie apenas acena. Logo Hanna é levada em uma maca para o Centro Cirúrgico com Gael ao seu lado.

— Vai ficar tudo bem. — Callie senta ao meu lado no sofá.

— Eu sei que vai. — Seguro a mão dela e aperto. — Obrigado por ter vindo, Cal. — Sou sincero. — Onde está a Blue?

— Com Dean, ele ficou com ela na casa do Gael.

— E você confia nele para ficar com a nossa filha?

— Claro que sim, Dean é como um... — ela para de falar ao se dar conta do que estava prestes a dizer.

— Como um pai? Eu sei, Cal. E como eu sei, porra.

Callie não diz mais nada, e eu também fico em silêncio, porém, nossas mãos permanecem unidas. É estranho, porém reconfortante tê-la aqui.

Braden, Josh e Troy chegam em seguida, e é como se tivéssemos voltado no tempo, no dia da cirurgia da Blue enquanto esperávamos por notícias.

Mag traz algumas coisas que acredito ser do bebê, ela tem dois

enfeites para colocar na porta: um azul com o nome Gabe e outro rosa com o nome Emma. Qualquer que seja o sexo, nós estamos preparados.

Nem percebo que encosto no ombro da Callie e fecho os olhos, mas eles abrem e ficam alertas no instante em que Gael entra no quarto com um sorriso capaz de iluminar um país inteiro. Ele mostra o sapatinho azul e ergue no alto.

— É menino, caralho!

O quarto é tomado por gritos e risos, é tão louco e intenso. Gael não consegue parar de chorar e de dizer como seu filho é lindo e que, Hanna e o bebê já estão sendo trazidos para o quarto.

— Como ela está? — pergunto.

— Meio grogue, mas está bem. Tudo foi perfeito, Micah. — Dou um sorriso satisfeito, Hanna está bem e é isso que importa, ela passou a gravidez inteira cheia de medos e inseguranças.

Quando finalmente voltam para o quarto, e eu vejo Gabe, uma única expressão me vem à mente, a mesma que Gael sempre se refere. Não importa que cor ele tenha, Gabe estará cercado de amor.

28

“I hate everything about you Why do I love you?”

You hate everything about me Why do you love me?”

I Hate Everything About You – Three Days Grace

Callie

Acabei sentindo um pouco de inveja da mulher que está deitada na cama amamentando seu bebê. Esse é um dos momentos mais mágicos e mais sensíveis para nós.

Ví sua angústia quando a médica informou que o parto normal seria descartado e precisaria fazer uma cesárea. Estava consolando Hanna quando Gael chegou.

E, nossa! Que homem é esse? Gael entrou como um tornado dentro do quarto, lançando olhares mortais para os enfermeiros, como se estivessem machucando sua mulher. Ele a ama, e é um tipo de amor que não fica escondido, não é tímido. O amor deles reflete nas próprias personalidades, é explosivo, barulhento. Gael ama com a mesma intensidade que canta, é como se gritasse isso, sem nem mesmo abrir a boca.

Foi naquele momento quando percebi que sentia inveja. E a sensação de perceber que era aquilo que eu queria para minha vida, alguém que expressasse intensamente seu amor por mim, foi horrível.

— Pronta para ir? — pergunta Micah.

— Sim, eles precisam descansar. — respondo e sorrio, olhando para eles, o bebê está mamando avidamente e é observado pelo pai, que não tira a mão de cima do garoto.

— Certo, então vamos nos despedir. — Saímos do sofá e nos aproximamos da cama. — Precisam de alguma coisa? Nós já estamos indo.

— Está tudo certo, obrigado, Micah. — Gael finalmente se afasta de Hanna e Gabe, e abraça o amigo.

— Precisa de alguma coisa, Hanna? Quer que eu fique para te ajudar? — Sei que posso não ser a mais experiente das mães, mas mesmo assim, ofereço ajuda.

— Você já fez muito por mim, Callie. — Ela sorri. — Obrigada por ter vindo.

— Não precisa agradecer.

Todos aproveitam a deixa e também vão embora. Mag promete arrumar tudo para a chegada de Gabe em casa. Ele nasceu prematuro, mas está bem desenvolvido e só precisou ficar algumas horas na incubadora para ser melhor monitorado. Assim, chegamos em casa quase na hora do almoço.

Quando entro no apartamento do Gael, vejo Rosa com Blue no colo.

— Onde está o Dean? — pergunto, beijando a cabeça da minha filha.

— Aqui. — Ele aparece com um copo de suco na mão. — Liguei para Rosa, espero que não tenha sido um problema.

— Tudo bem, obrigada, Dean.

— Bem, já que chegaram, preciso ir.

— Nós vamos com você. — Quando termino de falar, Micah se aproxima.

— Você deveria ficar, Callie.

— Por que?

— Mag vai precisar de ajuda para organizar as coisas do Gabe. — diz Josh, abafando um sorriso.

— *É mesmo?* — pergunto, incrédula.

— Sim. Não é Mag? — grita ele.

— Está tudo sob controle. — gritando, ela responde.

— Não está, ela não sabe a diferença entre chupeta e mamadeira. — Braden é quem responde e sorri dessa vez.

— Vamos, Cal, estamos todos cansados, Rosa ficará com a Blue e nós vamos dormir. — Ele pega minha mão.

— Certo, só vou ficar porque acredito que ela não saiba mesmo a diferença entre uma chupeta e uma mamadeira.

— Estou ouvindo, vadia. — grita da cozinha.

— Nesse caso, já vou indo. — Dean se aproxima e me abraça, me afastando de Micah.

— Mais uma vez, obrigada, Dean.

— Não precisa agradecer, Callie, como sempre foi um prazer. — Dean se despede de todos e quando está na porta, Micah grita.

— Ei, idiota. — Dean para e vira para ele. — Pega. — Micah joga uma chave e Dean a pega no ar. — Está na garagem, depois passo no bar para pegar.

Dean olha a chave e sorri.

— Ei, babaca. — grita Dean. — Toma. — Ele devolve a chave. — Vim de carro, mas obrigado pela oferta.

— Melhor assim, porque não gosto que toquem no que é meu. — Mas seu olhar não está mais em Dean, está travado em mim.

Quatro bocas se abrem de maneira assustadora, Dean apenas dá de ombros, ergue uma sobrancelha, olha para mim e depois para Micah. Sorri e vai embora.

— Senhoras e senhores, retirem as crianças da sala, tem alguém que vai voar pelos ares a qualquer minuto. — discursa Josh.

Enquanto observo cada um deles desaparecer, Micah continua na mesma posição, como a porra de um Rei.

— Gosta de humilhar as pessoas, playboy? — Ele me encara.

— Só os que querem tocar no que é meu.

— E o que seria isso?

— Vamos dormir, Cal. — E segue na direção das escadas.

— Fugindo, Micah Donovan?

— Não, só estou com sono.

Ele sobe as escadas, me ignorando por completo, e eu vou atrás, porque parece que todos, simplesmente, resolveram desaparecer dentro desse maldito apartamento e não faço ideia de onde posso dormir um pouco.

— Tem alguma coisa mais confortável pra eu vestir? — pergunto, tirando o top.

— Não.

— Não? Como assim, *não*?

— Sem roupas, Cal, vai ter que dormir sem nada. — E sorri.

— Você é um tremendo babaca. — Tiro o jeans e jogo na cama, Micah acompanha cada movimento meu, até eu estar completamente nua. Noto quando ele ofega e prende a respiração, vou andando até o banheiro e antes de abrir a porta, dou meu aviso: — Se tentar me

tocar, vai acordar sem pau.

Micah sorri e vou tomar um merecido banho.

Ele não se atreve a me tocar, e quando sai do banho, eu já estou praticamente dormindo, e só escuto sua voz distante, dizendo “durma bem”.

Micah nunca soube o que é seguir regras, mas também não quebra elas descaradamente. O maldito é um burlador nato, um manipulador. E, é claro, acordo com uma ereção esfregando na bunda, e um par de mãos acariciando meus seios.

— Vou deixar você sem pau. — Movo a mão e seguro sua ereção, ele solta um gemido.

— Pode tirar, mas não sem antes eu estar dentro de você. — Ele move o quadril.

— Não estamos em uma trégua, playboy. — Ele toca o meu clitóris.

— Que se foda a trégua, Cal. — Morde meu pescoço e com uma das pernas, ele me abre, estamos de conchinha e minha perna fica por cima da dele. — Com a gente sempre foi guerra, Cal, e sempre será. E quer saber, é isso que eu adoro em você.

Micah começa a me penetrar, ele enfia o dedo indicador na minha

boca e eu o chupo como se estivesse chupando seu pau. Ele geme a cada estocada, aumentando o ritmo como um animal.

— Puta que pariu, como senti falta disso. — murmura e eu não consigo responder, sinto suas bolas me baterem com força na bunda, e com sua mão ainda tocando meu clitóris, usa um dedo para brincar, como se estivesse dedilhando sua guitarra.

— Não vou te esperar. — As palavras saem desconexas e sei que está quase gozando.

— Babaca egoísta. — E empino mais o quadril para trás, assim ele entra ainda mais profundo.

— Porra, Cal!

Minha mão encontra a sua, ele coloca meus dedos sobre clitóris e os dele por cima, como se ele estivesse me ensinando, guiando os movimentos, e puta que pariu, se não é um bom professor.

Micah goza mordendo meu pescoço, e eu gozo tentando não gemer o nome dele. Com a respiração ofegante, fecho os olhos com ele ainda dentro de mim, e adormeço novamente.

Quando acordo, a cama já não está mais tão quente, e o espaço ao meu lado, vazio. Tomo um banho e me visto, saio do quarto e encontro Micah com Blue no colo.

Um pai que eu estava morrendo de vontade de arrancar a roupa e implorar que me fôdesse outra vez.

— Dormiu bem? — *Cínico*.

— Como uma pedra. — Estico o braço para pegar minha filha.

— Olha isso. — Micah abre um pouco a boca de Blue e me mostra um pontinho branco.

— Ai, meu Deus! — exclamo, surpresa. — Os dentes estão saindo. — Olho com cuidado, tem só um pontinho branco na parte debaixo, bem na frente.

— Por isso que ela não parava de babar. — Ele me entrega ela.

— Você foi o primeiro a ver?

— Sim, e anotei inclusive a hora. — Sorrimos. — Está com fome?

— Morrendo, que horas são?

— Hora do jantar.

— Dormimos tanto assim?

— Estávamos cansados. — O babaca tem a petulância de piscar.

— Vem, vamos sair para jantar. — Ele sai, puxando o meu braço.

— Ei, mocinho, calma aí. — Paro. — Não tenho outra roupa além dessa daqui, preciso ir para casa.

— Aqui. — Ele vai até o sofá e pega uma mochila. — Estou começando a gostar daquele seu funcionário. — Fico sem entender até que abro a mochila e me deparo com algumas peças de roupas.

— Então, agora aceita sair para jantar comigo? — Cruza os braços, um sorriso arrogante estampa no rosto. Blue balbucia alguma coisa como se entendesse o que o pai está propondo.

— Isso não é um encontro. — Entrego Blue para ele.

— Não sou do tipo de cara que sai em encontros. — Pego a mochila e saio andando, e antes que ele diga mais alguma coisa, levanto o braço e mostro o dedo do meio.

A gargalhada que ele dá ecoa por todo o apartamento.

Temos uma noite agradável, Micah me leva para um restaurante que fica um pouco afastado, é um lugar tranquilo, longe de olhares curiosos e percebo como a Blue está curtindo cada instante do passeio.

— Eu não conhecia esse lugar. — Tomo um pouco de vinho.

— É bem calmo, sempre gostei daqui; boa comida, boa bebida. E agora uma excelente companhia.

— Você quer dizer da Blue? — Faço gracinha.

— Ah, ela é a melhor, mesmo quando dorme no meio do jantar. —
Viro meu olhar para ela que está dormindo na cadeirinha.

— Callie, sobre o que aconteceu mais cedo...

— Não significou nada, eu já sei, Micah.

— Não, Cal, você não sabe.

— E o que é que eu não sei, playboy?

— Que não consigo mais ficar sem vocês duas.

— Pare com isso. — digo, confusa. — Pare de dizer coisas que não quer.

— Você me conhece, Callie, e sabe que jamais digo ou faço algo que não quero.

— E o que é que você quer? — Paro de beber, as mãos estão trêmulas, ele percebe e coloca as dele em cima das minha para me acalmar.

— Quero que voltem lá pra casa. Porra, Cal, eu sinto falta até dos nossos cafês da manhã, que me deixavam de pau duro o dia todo. Melhores preliminares, devo dizer. — Tento não sorrir.

— Mas você não me ama. — Sou direta.

— Eu não te amo, Cal. — Ele aguarda uma reação, mas ela não chega. — Não te amo com palavras, mas eu a amo com os gestos, na cama e quando se entrega, é isso que eu quero te provar, que posso não saber te amar com as palavras, Callie, mas eu sei amar você com gestos.

— Você é tão babaca. — É a única coisa que consigo dizer antes de lágrimas começarem a cair.

— Acho tão lindo te ver chorar, sabia?

— Idiota. — Enxugo o rosto.

— Estou falando sério, Cal, me ensine isso. Me mostre como a mulher forte pode chorar por um cara, me mostre como é sentir isso. — Agora já não sou mais capaz de conter o choro. — Sempre fui seu Dom no quarto, mas você é quem domina a minha vida, você e a Blue.

29

“I'm broken and I'm barely breathing I'm falling 'cause my heart stopped beating If this is how it all goes down tonight If this is how you bring me back to life”

Bring Me Back To Life – Renegade five

Micah

Estava jantando com duas mulheres que me tinham nas mãos. Era isso, desde o momento em que Blue abriu os olhos e olhou para mim, percebi que éramos um do outro. Já com a mãe dela foi completamente o oposto.

Tesão, amizade, confiança, raiva, e agora existe algo novo aqui, brilhando na minha frente como luzes de neon. Não sou o tipo de cara que diz “eu te amo”, não é assim que eu sou, não é assim que a gente é, quero demonstrar isso. Quero que ela veja esse sentimento da mesma forma que eu.

Cresci ouvindo as pessoas dizendo essas palavras, minha mãe diz, constantemente. Mesmo quando erra, é essa a frase que ela usa. “Eu te amo” parece curar tudo. Mas para mim, são apenas palavras.

— O que me diz? — Callie tenta se recompor.

— Que você está louco. — responde.

— Você me acusou de não dar uma chance para nós, Cal. Essa é a minha maneira de fazer isso, o único jeito que eu sei. Já fizemos tantas loucuras juntos, o que significa uma a mais?

— Não estamos mais sozinhos nesse barco, Micah. — Seu olhar recai sobre nossa filha. — Tudo mudou.

— Pensei muito quando você foi embora, e estou disposto a nos dar essa chance, mas você me conhece muito bem. É tudo ou nada, Cal.

— Preciso do meu espaço, e...

— Vamos devagar, sua vida não vai mudar. Aprenderemos a

conviver, fazer o que deveria ter sido feito desde o começo.

— Sabe que isso vai ser um desastre, não é? — Sorri.

— Eu sei. — Olho para Blue. — Mas nunca tive tanta vontade de testar uma teoria como agora.

— Está um pouco sentimental demais, não acha, playboy?

— Melhor não se acostumar com isso. — Callie não contém a gargalhada.

— Só espero que a gente não acabe se matando. — E ergue a taça, propondo um brinde. — Um brinde a isso.

O barulho das taças sela nosso compromisso, terminamos nosso jantar, e em seguida, voltamos para o apartamento do Gael. Pedi a Callie para ficarmos aqui até que eles voltassem do hospital, quando ela concorda, agradeço, porque sinceramente, estou exausto.

Quando Hanna e Gabe recebem alta do hospital, o apartamento fica pequeno. Seus irmãos vieram da África para conhecer o sobrinho, e Gael conseguiu convencer o pai a vir também. Ele aproveitaria a oportunidade para apresentar Hanna, porque o velho Malloy era tão teimoso quanto o filho, e não saía do Texas.

Mas Gabe estava unindo as pessoas mais improváveis ao seu redor.

Callie volta a trabalhar normalmente no The Rock, e faço questão de ir buscá-la todas as noites. Ela ainda não se desfêz do seu apartamento, e não tinha levado tudo para minha casa, é cautelosa, e a respeita por isso.

— Vou mais cedo hoje para o The Rock, tudo bem? — comenta enquanto a observo se vestir.

— E qual seria o motivo?

— Saudades? — Minha resposta soa como uma pergunta e os lábios dela se contraem.

— Romantismo não é o seu forte, mentir também não.

— Já disse como odeio que me conheça tão bem? — Ela se aproxima da cama, se inclina e beija meus lábios, e antes que eu seja capaz de aprofundar o beijo, ela me morde.

— Quero a verdade, Micah.

— Preciso ir na casa dos meus pais.

— Boa sorte, meu caro.

— Você poderia ir comigo. — Seguro ela pela cintura e a jogo na cama.

— Agradeço o convite, mas estou satisfeita em querer matar apenas um Donovan, não quero correr o risco de ser responsável pela extinção de uma família inteira.

— Ainda vai restar a Blue, e ela é uma Donovan. — Callie faz cara feia.

Sempre faz essa cara desde quando os documentos da Blue chegaram, declarando claramente que agora é Blue Donovan. Callie torce os lábios e franze o cenho. E eu amo essas reações. Meu sobrenome abre muitas portas nesse país, mas não é capaz de abrir as portas do coração dela.

— Tudo bem, eu, pelo menos, tentei. — Beijo seu rosto e saio da cama.

— Você queria mesmo que eu fosse? — Ela estreita os olhos para mim, desconfiada.

— Não. — Sou sincero e ela joga um travesseiro na minha cara. — Por outro lado, você ficaria irritada, e eu adoro quando fica toda bravinha. — Jogo o travesseiro de volta.

— Playboy arrogante.

— Megera mal-humorada. — retruco e vou tomar banho, sorrio quando escuto suas gargalhadas.

Assim é nossa relação, entre discussões e xingamentos, nos mantemos fiéis ao que sempre fomos.

Saio do banheiro e a encontro, já arrumada, revirando alguns documentos, e sua expressão quando está concentrada, me excita além da compreensão.

— Não esqueça que temos um compromisso amanhã. — Pego uma roupa menos desleixada, porque por mais que eu goste de irritar minha mãe, hoje não estou com ânimo para aturar as reprovações dela.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Ela guarda tudo e espera uma resposta.

— Sêrio? Está mesmo me fazendo essa pergunta? — Começo a me vestir.

— Apenas verificando.

— Iremos juntos, não está pensando em desistir, não é? — Callie me dá um sorriso malicioso.

— E quando é que me viu desistindo de algo? — Ela me beija e se afasta. — Preciso ir, te vejo mais tarde.

— Sabe o que seria mais legal ainda? Poderia aproveitar a oportunidade e fazer outra também.

— Outra tatuagem?

— Sim, que tal fazer as minhas iniciais?

— E onde sugere que eu as coloque?

— Aqui. — Chego mais perto e toco na sua virilha. — É, bem aí.

— Como sonha alto, playboy. Acho que não vai rolar. Vamos fazer o nome da nossa filha, isso já é íntimo o bastante. — Meu braço envolve a cintura dela, e a aproximo de mim, unindo nossos corpos, seus olhos brilham divertidos.

Callie sempre tem esse brilho especial no olhar, mas desde quando aceitou vir morar aqui, é como se seus olhos tivessem ganhando vida, deixando de ser obscuros, e agora pareciam serenos.

— Deveria pensar nisso, minhas iniciais na sua virilha é sexy pra caralho.

— É um *não* definitivo, mas a sua tentativa foi bem fofa. — Seus braços envolvem meu pescoço. — Preciso ir, já estou atrasada, me promete uma coisa?

— Qualquer coisa.

— Faça a sua mãe engasgar durante a refeição.

Sorrio pela audácia de suas palavras. Beija meus lábios novamente e não me permite avançar mais do que um beijo.

Alguns minutos depois que ela sai, vou ao encontro dos meus pais. E que Deus me ajude, a noite promete ser tudo, menos boa.

Desde o episódio da prisão, não tive mais notícias deles, exceto por hoje, minha mãe me convidando para um jantar. Também não tem ideia de que a Callie está morando comigo, então acho que a vontade dela pode se tornar realidade e minha mãe, com toda a certeza, vai acabar se engasgando com o jantar assim que receber a notícia.

Pego a minha moto, e chego na casa deles em tempo recorde. Agora que Charlotte está comigo, há uma nova empregada no lugar dela.

— Pensei que não viria mais. — Minha mãe provoca assim que piso na sala. Ela não se levanta para me abraçar, então apenas me inclino e beijo o topo da sua cabeça.

— Estive ocupado, mamãe. — Meu pai sai de sua poltrona e me abraça.

— Como você está? — pergunta ele.

— Bem, e obrigado pelo que fez no outro dia.

— Esqueça, isso é coisa que nós, pais, fazemos de melhor, tirar

nossos filhos de encrencas. Você é pai agora, vai descobrir como é.

— Espero que ela não me dê metade do trabalho que dei a vocês.

— Sento no sofá enquanto ele pega uma bebida.

— Você não deu trabalho, sempre foi uma criança tranquila, amável. Mudou depois que conheceu aqueles seus amigos. — critica mamãe, finalmente me olhando. — Eu me arrependo profundamente da época que moramos naquele lugar.

— Pois saiba que foi a melhor época da minha vida, mamãe.

— Besteira, desde então, você se mete em confusões, uma atrás da outra. E esta última então, que devo dizer ser a pior de todas, ter uma filha com uma garçonete viciada. Francamente, Micah. — E me olha com tanto desprezo. *Quem é essa mulher irreconhecível?*

— Mamãe, cuidado com o tom ao falar da minha mulher.

— Como? Acho que não ouvi direito. Sua o quê? — Ela levanta tão rápido que deixa cair a taça de vinho, a bebida derrama no tapete caro, mas parece não prestar atenção ou se importar. — O que foi que disse, Micah?

— Você ouviu muito bem, mãe. — Mantenho a calma. — É o que a Callie é. Minha mulher.

— Não pode ser. Você... Você se casou com uma delinquente?

— Moira, por favor. — Meu pai a adverte.

— Nós temos uma filha, estamos juntos, portanto ela é minha mulher, mãe. — Nunca tinha me referido a Cal como minha mulher, mas não existe outro termo para definir melhor o que ela significa na minha vida. E nossa, jamais pensei que fosse gostar tanto de pronunciar isso. Sem perceber, estou sorrindo. Callie é minha mulher.

— Isso só pode ser uma piada. Corey, você não pode permitir uma coisa dessas.

E meu sorriso se desfaz, para dar lugar a uma expressão decepcionada.

— Eles são adultos, Moira.

— E daí? Um adulto que precisa da sua ajuda para mover céus e terra para tirá-lo da cadeia? Ele não sabe o que está fazendo. — Ela começa a discutir como se eu não estivesse presente.

— Já chega, mãe. — Meu tom de voz faz ela se calar. — É realmente tão ruim assim que eu esteja apaixonado pela Callie? É tão ruim assim me ver feliz?

— Mas, você não está feliz, está sendo infantil, querendo que seus caprichos prevaleçam.

— Ela não é um capricho. — grito. — Deve ser difícil para você,

saber que a minha futura esposa não vai te acompanhar nos jantares elegantes, nos passeios aos salões de beleza. É tão difícil assim enxergar que existem pessoas que tem algo de útil para fazer na vida?

— Está me chamando de fútil? — Quem grita agora é ela, meu pai segura seu braço, impedindo que ela avance pra cima de mim.

— Vou embora, isso aqui é uma tremenda perda de tempo.

— Ainda não terminamos, mocinho.

— Quando recobrar a razão e ser aquela mulher que eu admirava, antes do dinheiro te cegar, a porta da minha casa estará aberta, e será a Callie quem vai te receber, com a nossa filha nos braços. — Saio apressado, mas antes de chegar na porta, paro. — Ah, e por falar nela, na sua neta que passou por uma cirurgia no coração, vai muito bem, obrigado.

— Um dia você enxergará a verdade, pode apostar que vai. E quando isso acontecer, Micah, também estaremos de portas abertas para ouvir seu pedido de desculpa. — Sinto um calafrio percorrer pelo meu corpo ao ouvir o tom de voz dela. É frio e, talvez ameaçador? Não, devo estar exagerando. Porém nunca a ouvi falar assim.

Esgotado com a discussão, bato a porta com força e saio sem olhar para trás. Subo na moto com a certeza de que não voltarei a pisar aqui tão cedo.

30

“You could say that I've not tried I've let you down, left you behind But you're the one who's saying goodbye And you say that it's alright And I know that it's a lie From the black in your eyes”

All

About

You

-

Birdy

Callie

É engraçado ver como as coisas evoluíram, de um casal que só fazia sexo casual, alcançamos um novo nível, tanto para mim, quanto para ele. Micah sempre tenta fazer o possível para estar presente, fosse com algo para Blue, ou para mim.

O momento que mais gosto é quando o bar fecha, e em todas as noites, é ele quem está à minha espera. Com o sorriso cheio de malícia, ou os olhos carregados de promessas. Não existe nada no mundo comparado ao que eu sinto toda vez que vejo Micah.

Ele, que um dia destruiu minhas esperanças, aos poucos está me fazendo acreditar que nem tudo acaba da pior forma.

Quando voltou do jantar na casa dos pais dele, percebi como seu semblante estava cheio de tristeza, Micah amava os pais e queria que fizessem parte da vida da nossa filha, mas nem tudo era como gostaríamos, e isso o machucava. Então, fizemos um acordo, caso os pais dele mudassem de ideia e quisessem ser avós, a porta estaria aberta, senão, os únicos perdedores nessa situação seriam eles.

Blue cresce cada dia mais forte, ela e Micah tem uma química incrível. Ele continua passando as tardes com ela, cantando e tocando. É o momento especial deles. Micah cantava algo de sua própria composição, feita especialmente para ela, às vezes conseguia ouvir alguns trechos, a música falava de uma menina com olhos translúcidos que foi capaz de fazer um coração amar, um que já não acreditava mais nisso.

É a música deles, mas nunca deixou que ninguém ouvisse, nem mesmo a banda. Não é algo comercial, e sim uma que ele queria que a filha guardasse no coração. A única coisa que sabemos é o nome da música: “Blue Eyes In My Dark Heart”.

É o nome da música que ambos tatuamos na costela. É uma homenagem para nossa filha.

— Não vai me deixar ver a letra? — pergunto quando saímos do estúdio de tatuagem.

— Quando Blue começar a falar, e aprender a cantar, todos saberão.
— Sorri — Até lá, só ela vai saber.

— Nossa, como você é mau. — Ele pega minha mão.

—Não, mas gosto de saber que fica escutando atrás da porta, de vez em quando. — Paro antes de entrar no carro.

— Não acredito que sabia esse tempo todo.

— É claro que sabia, você não é tão silenciosa assim, Cal.

— Então por que não me mostra a letra inteira? — Cruzo os braços.

— Porque sempre escuta só partes dela, é honesta demais para ficar e ouvir até o fim.

Sorrio diante do seu atrevimento e entro no carro, estamos indo para o apartamento do Gael, lá passou a ser nossa segunda casa. Gabe é um lindo bebê e quase não dá trabalho, e assim como Blue, é apaixonado pelo pai.

— Tudo bem em irmos para lá? — pergunta Micah enquanto saímos do estacionamento.

— Sabe o que aprendi nesses poucos dias convivendo com vocês?

— O quê? — Ele para o carro e aguarda a resposta.

— Aprendi que um lar não é formado por quatro paredes, um lar é formado por batimentos cardíacos, por risadas, por discussões. Um lar é formado por pessoas Micah — Seguro a mão dele e aperto. — E vocês significam isso pra mim, Micah, são meus batimentos cardíacos, são o barulho que impede que minha vida volte para aquele silêncio solitário.

— Obrigado, Cal. — Ele beija minha mão e depois os lábios. — Você não tem ideia do quanto isso é importante pra mim. — Fecha os olhos e me beija outra vez.

— Eu sei, Micah, porque é exatamente o que são para mim.

Micah sorri e seguimos nosso caminho. Ele nunca me pressiona, e sempre respeita meus limites, sabe quando fico desconfortável com tantas demonstrações de afeto, e se tem algo que todos naquele apartamento fazem bem, é me sufocar de amor. É desconcertante.

— Quer que eu te leve para o bar depois? — pergunta quando entramos na garagem.

— Não precisa, hoje à noite não vai ser tão movimentada, então não tenho tanta pressa.

— Um dos seguranças irá levar você então. E assim que Troy nos liberar da reunião, te encontro lá.

— Farão reunião hoje à noite?

— Sim, é o horário que Gabe finalmente fecha os olhos, Gael quer aproveitar.

— Tudo bem. — Concorde com ele.

Micah estaciona o carro e subimos, Charlotte já está aqui com a Blue, ela sempre nos ajuda quando ficamos aqui. No quarto que Micah ocupa, Gael mandou redecorar e colocar um lindo berço para que Blue fique confortável sempre que estivermos aqui.

Durante o almoço, uma enorme confusão se instala. É como voltar no tempo, onde os meninos não passam de adolescentes imaturos. Josh, Braden, Micah e Gael implicam um com o outro o tempo todo, alternando nas provocações.

Hanna sorri e simplesmente ignora, ela já está acostumada, para mim é uma tremenda dor de cabeça. O silêncio, que sempre foi meu companheiro, agora resolveu fazer morada em outra pessoa, e o que resta são amigos barulhentos, muito barulhentos.

— Então, já se decidiu sobre a gravidez? — pergunto para Mag que está sentada no sofá. Estamos só Hanna, ela e eu. Os meninos foram para o estúdio e as crianças estão tirando um cochilo.

— Ainda não sei o que pensar, às vezes olho para Blue e Gabe, e acho que seria capaz de fazer isso. — responde e estica as pernas.

— E o que faz você pensar em desistir? — Hanna entrega uma xícara de café para cada uma.

— Quando escuto seus choros. — diz Mag como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Hanna e eu não conseguimos nos conter, e as gargalhadas são inevitáveis.

— Sério, não sei como vocês aguentam.

— Se eu consegui aguentar, você também pode. — afirmo. — Nunca desejei ser mãe, Mag, mas quando descobri que estava grávida, senti como se pudesse conquistar o universo.

— Sério? — diz, incrédula.

— Sim, é verdade.

— Callie tem razão, Mag. Apesar de que precisa estar cem por cento certa disso, além de um bebê, você terá que lidar com dois pais.

— comenta Hanna.

— Sabem, Josh e Braden querem tanto isso, acho que eles merecem essa felicidade, não acham? — Ela olha primeiro para mim e depois para Hanna, aguardando nossa opinião.

— Sim. Eles merecem. — respondemos ao mesmo tempo.

— Ah, droga, não acredito que vou fazer isso. — Ela levanta.

— O que vai fazer? — pergunto ao observá-la tomando o restante do café de uma vez só.

— Começar a fabricar um bebê. E que Deus nos ajude porque já parei de tomar a pílula tem mais de uma semana.

Mag sorri e sai em disparada para o estúdio.

— Não precisava saber que eles iam transar agora. — confessa Hanna.

— Nem eu. — E sorrimos.

Conversar com ela estava se tornando algo prazeroso, Hanna sempre foi uma pessoa pacífica e conciliadora. Amava Gael com tanta força, e ele a tratava com uma princesa de cristal. É engraçado vê-los discutindo. Gael com todo aquele temperamento tempestuoso, mudou por causa dela. Mudou para ela, para ser mais exata.

No final da tarde, já estou preparada para sair quando Micah me interrompe.

— Pedi para um dos seguranças te levar para o bar, tá bom? — Está parado na porta do quarto.

— Tudo bem. — Pego minha bolsa e sigo para a porta, mas ele não se mexe.

— Você está linda, sabia? — Seu olhar percorre todo o meu corpo. — Sem jeans hoje?

— Está calor. — digo me referindo ao vestido justo que estou usando. — Além do mais, sempre podemos ficar até mais tarde. — Encosto o corpo junto ao dele e sinto sua ereção a postos.

— Está me provocando?

— Estou te convidando.

— Certo, convite aceito. — Suas mãos vão para minha bunda e ele aperta com força — Como está seu estoque de bebidas? — Sorrio.

— Sem garrafas quebradas hoje. — Coloco a mão no peito dele.

— Tudo bem, mas você vai ser minha assim que meus pés tocarem aquele chão e meus olhos te encontrarem. — Seu rosto fica tão próximo que nossos sorrisos quase se fundem.

— Me diga quando foi que eu não fui sua?

— Você está deixando as coisas difíceis. — Ele mexe o quadril. — Porque agora não te soltar, está começando a fazer parte dos meus planos.

— Transar com você, não está nos *meus* planos. — Ergo meu olhar. — Por enquanto. — Micah beija meu pescoço e se afasta, sorrindo.

— Te vejo mais tarde, Cal.

— Pode apostar que sim.

Saio do apartamento cheia de excitação com a promessa de mais uma noite repleta de garrafas quebradas.

A meia-noite, o The Rock está no ápice, o movimento é muito maior do que eu esperava, praticamente não consigo sair do balcão. Dean também fica ali, me ajudando junto com outros dois *barmen* contratados.

— Como está lotado hoje. — Dean para ao meu lado, observando a multidão cada vez mais ousada na pista de dança.

— Sim, uma noite fora do comum. — comento, porém esse tipo de noite não é rara, geralmente acontece quando tem algum evento na

cidade e as pessoas vem terminar a noite aqui.

— Toma. — Dean coloca um pouco de Coca-Cola e rum num copo e me entrega — O que tem aí?

— Combustível. — Ele ergue o copo com água e brindamos.

Nosso brinde é bem curto, logo alguns clientes chamam nossa atenção, deixo meu copo de lado e volto ao trabalho.

Meia hora depois, sinto como se meu corpo fosse entrar em erupção. O pescoço está quente, as mãos úmidas de suor. A boca está seca, eu preciso de água, muita água.

— Caramba, como está quente aqui. — Tiro a jaqueta e jogo em baixo do balcão. Pegando uma garrafa com água em seguida.

— Como assim? — Dean se aproxima e coloca uma das garrafas de vodca de volta na prateleira. — Não está tão quente.

— Parece que eu vou derreter. — E era verdade. Um calor descomunal começa a tomar conta do meu corpo.

— Vem... dança comigo!! — pergunto para Dean e ele me olha espantado.

— Estamos trabalhando. — Parece desconfiado, que cara mais engraçada que ele faz. E começo a rir. — Tem certeza que está bem?

— Nunca estive tãããããoo bemmmm assim, porque? — Preciso dançar, me movimentar. Acho que vou acabar explodindo se ficar parada! *O que está acontecendo comigo?*

— Você nunca quis dançar no meio do trabalho, na verdade, nunca te vi dançar, Callie.

— Nunca tive vontade. — Mas meu corpo começa a balançar ao som da música que acaba de começar. — Se você não quer, azar seu.

E sem pensar, pulo o balcão, indo para a pista de dança. Parece que escuto Dean me chamar, ou vem da música? Nossa, e essa é uma das boas! Espera aí, quando é que comecei a curtir esse tipo de coisa. Mas “Love Is a Temple” do Alok está pulsando nos autofalantes, e eu sinto a música por todo meu corpo.

*We are diamonds of nature
We are more than strangers
Fighting with eyes closed
We are lighting up the night
Ain't no star that shines so bright
And we're all aligned
Love is a temple.*

Meu corpo começa a pegar fogo, o coração acelera a cada nota, sinto a vibração por dentro, implorando por um toque. Perco a noção de

onde estou, sentindo só o desejo de ser tocada.

Sinto mãos macias e gentis em mim e me perco. Elas são tão... tão... *macias e gentis*? Desde quando gosto de suavidade e gentileza? Acho que minha cabeça vai explodir.

Nesse instante, a música acaba, e não são mais as mãos gentis que sinto me tocar, pisco, tentando focar nos olhos furiosos que estão me encarando com pura raiva. Mas de quem? De *mim*?

— Micah? — pergunto, confusa. E, finalmente, abro um enorme sorriso porque as carícias que senti só poderiam ser dele. — Não quer continuar dançando? — Eu me aproximo mais.

— Vou te dar uma chance de explicar que merda é essa que está acontecendo aqui, Cal. — Sua mão segura firme meu braço. — Não a desperdice.

— Como? Mas, do que você está falando? — Puxo o braço com força e olho ao redor. Dean está ao meu lado e muitas pessoas estão olhando para nós.

O que diabos estão olhando?

Ele passa a mão no cabelo e abaixa a cabeça, quando a levanta, mal consigo reconhecer o seu olhar.

— Uma chance, Cal. — diz mais uma vez. Olho para Dean, sem

entender nada, estou tão confusa. E, só então, vejo que ao lado dele tem um cara, com o rosto coberto de sangue.

— Merda! — Tapo a boca com as mãos para conter meu horror, não estou entendendo nada do que está acontecendo.

Nossa, que merda é essa?

Então, abaixo a cabeça, que agora parece pesar trinta quilos, e o que vejo me deixa sem fôlego.

Meu vestido subiu, mostrando praticamente metade da bunda para o bar inteiro.

O que foi que eu fiz?

31

“She said: Where'd you wanna go?

How much you wanna risk?

I'm not looking for somebody With some superhuman gifts Some
superhero Some fairytale bliss Just something I can turn to Somebody
I can kiss”

Something Just Like This (feat. Coldplay) – The Chainsmokers

Micah

CARALHO!

Não posso acreditar na cena que acabei de ver, bem na minha frente. Parecia um maldito filme, daqueles cheios de pesadelos. Mas quando olho para o lado e vejo o idiota que eu quase espanquei de tanto soco, meu sangue ferve e tenho certeza de que tudo é real. *Putá merda!*

O cara com nariz quebrado é real.

Callie chapada é real.

As mãos dele enfiadas sob o vestido dela eram reais.

Porra, isso não estava acontecendo!

— Vamos subir. — adverte Dean, mas eu o ignoro.

— Que se foda a plateia, quero ouvir o que ela tem a dizer. — Seguro o braço dela mais uma vez e a forço a me encarar, parece envergonhada quando percebe o estado do vestido.

— Micah, eu... — E olha em volta novamente como se não soubesse onde está.

— Porra, Cal, não me diz que está chapada? — Fito seus olhos e percebo que as pupilas estão dilatadas. Eu já a vi desse jeito antes, e voltar a vê-la assim, me destrói. — Você jurou, cacete! Jurou que estava limpa! — grito com ela.

— Eu... — Ela não consegue falar. Largo seu braço com tudo e ela perde o equilíbrio. Ao seu lado, Dean é rápido e a ampara.

— Há quanto tempo? — grito mais alto ainda. Não consigo mais me controlar. — Faz quanto tempo que você recaiu?

— Ela não usou nada, Micah. — defende Dean.

— Fica fora disso. — rosno para ele. Então, estreito os olhos, porque Dean sempre esteve com ela, esse tempo todo. E com certeza está nessa com ela. — Foi você que arrastou a Callie, não foi? Deve estar tão envolvido nisso quanto ela. — Aponto para eles. Callie se apoia nele como se ele fosse o único capaz de salvá-la.

— Leva ela para casa, Micah. A Callie não está bem.

— É claro que não está, seu idiota. — Eu me aproximo deles e a seguro pelo queixo. — Confiei em você e mais uma vez me enganou. Cara, não acredito nisso, que a mulher que eu a... quer saber, que se foda! — Eu me afasto, explodindo de raiva e sentindo a decepção em cada centímetro do meu corpo. — Parabéns, Cal. Nenhuma mulher conseguiu me enganar mais de uma vez, e nem por tanto tempo.

Dou as costas para eles e a última coisa que escuto é ela gritando meu nome. Vou até o estacionamento e quando alcanço meu carro não contenho a raiva, a fúria pulsando nas veias. Soco a lataria até as mãos sangrarem.

— Já chega. — Dean aparece de repente e me puxa para trás. — Escuta aqui, eu não gosto de você.

— Ah, *jura?* — *E eu te odeio*, penso.

— E a recíproca é verdadeira, já sei, mas a Callie não merece isso.

— Ela está drogada, porra! — Soco mais uma vez o carro. — Você tem noção do que ela passou? Que estivemos juntos em uma clínica? Ela não deveria chegar perto dessas merdas, ela foi fraca demais.

— Ela não é fraca. — E mais uma vez, ele a defende.

— Ah, é? Então me diga que o que vi lá dentro é mentira, prove que ela não está usando nada. — Eu o desafio.

— É bem óbvio que ela está sob efeito de alguma substância. — Ele encara a porta do bar. — Não sei o que aconteceu, mas pretendo descobrir.

— Boa sorte. — Pego as chaves do bolso. As pessoas já estão começando a sair do bar e olham em nossa direção.

— Leve ela daqui, ok? Tem gente demais agora, e isso está saindo do controle.

— Que se foda! Não estou nem aí para o que pensarão dela, ou o que farão com ela. — Eu mal termino de falar e meu corpo é

arremessado, batendo na lateral do carro.

— Será que é tão burro, assim? — Suas mãos seguram a minha camisa. — Lembra da Callie que esteve ao seu lado todos estes dias? Olha para a mulher que é a mãe da sua filha, e me diz se acha mesmo que ela seria capaz de fazer algo assim!! Porra, Micah. Sempre te achei mais esperto do que isso!

Não consigo responder. Tiro as mãos dele de cima de mim e tento colocar a cabeça em ordem. *Que merda é essa que ele está dizendo?*

— Faça o que é certo. Cuide dela essa noite e amanhã, com a cabeça fria a gente vai resolver as coisas. Algo não está certo e vou descobrir o que é. — Seu tom é firme, cem por cento seguro.

— Você é o quê? Agente do FBI?

— Não, eu sou melhor. — Ele vira e vai em direção ao bar. — Espera aqui, vou buscar a Callie.

Minha cabeça está um turbilhão, as palavras dele me deixam confuso porque são, completamente, contrárias a cena que eu presenciei. O sorriso no rosto dela, desfrutando de cada toque daquele panaca, é algo que, além de machucar, é difícil de esquecer.

Vinte minutos depois, Dean volta carregando uma Callie, praticamente desmaiada, nos braços. Um cobertor em volta dela e dois garçons, um de cada lado dele. Saio do carro e abro a porta, Dean a

coloca no assento do passageiro com cuidado e trava o cinto. Ela parece um zumbi com os olhos abertos, vidrados. *O que foi que você fez, Callie?*

— Não sei o que ela tomou. — comenta ele.

— Vou leva-la para o hospital.

— Tudo bem, mande notícias. — Dean sai e eu entro no carro, dou partida e sigo em direção ao hospital.

Assim que chegamos, Callie é levada para ser examinada. Está semiconsciente, e seus batimentos cardíacos estão instáveis.

Estou na cafeteria quando de repente alguém senta na minha frente. Ergo os olhos e vejo Dr. Hunt, parecendo mais velho do que me lembrava.

— Não é uma boa hora de se estar em um hospital. — Ouvir sua voz rouca é reconfortante.

— Sou um cara da noite. — Dou de ombros.

— Sua namorada também, pelo que vi.

— Você vê muitas coisas, não é? — Ele sorri triunfante. — E o que *você* está fazendo aqui a essa hora?

— E o que *eu* estaria fazendo em casa a essa hora? — revida com a mesma pergunta. — Bem, pelo menos, não foi o mal-humorado do seu amigo que deu entrada dessa vez.

— Você adora ele, vai. — brinco, tomando um gole do café.

— Eu? Não, mas a Hanna, sim, estou sendo apenas simpático.

— Sei.

— Bom, tenho que ir, foi um prazer falar com você, playboy. — Dou um gemido. Porra, até ele me chama disso?

— Igualmente.

— Mentiroso. — rebate, ao se levantar.

— Idem. — Sorrio.

— Pelo menos nisso, estamos de acordo.

— Que somos os dois mentirosos? — Fico confuso.

— Não, que *você* é um mentiroso.

— E você é um velho irritante.

— Sua mulher já deve estar no quarto, deveria ir pra lá. Vocês, roqueiros, tem o péssimo hábito de se enganar. — E começa a se

afástar.

— O que está querendo dizer com isso?

— Além de mentir pra si mesmo, também é burro? Nada de consultas grátis.

Ele sai da cafetaria, me deixando com cara de poucos amigos e um monte de coisas na cabeça. Porra, Gael tem razão, esse velho é bem louco.

Saio da cafetaria e faço o que ele sugeriu, vou até o quarto e encontro Callie dormindo, vestida com a camisola do hospital e o rosto limpo da maquiagem.

— Ela passará o resto da noite aqui em observação, os exames que o senhor solicitou estarão prontos em algumas horas. — A enfermeira ajusta o soro. — Se precisar de algo, basta chamar.

— Obrigado.

Ela sorri e sai do quarto. Eu me aproximo da cama e sento em uma cadeira, observando Callie respirar pacificamente. Sem nenhum traço da mulher que chegou aqui, esta sim, que está deitada é a minha Callie, e não aquela aberração entorpecida que encontrei dançando na boate.

Passo a noite em claro, observando-a dormir. Dean enviou uma

mensagem avisando que precisa me mostrar uma coisa, mas não disse o que é. E durante esse tempo, a única coisa que consegui pensar era em como me sentia enganado, e o maior golpe que senti não foi o ciúmes, e sim a decepção quando percebi que ela estava drogada.

— O que aconteceu? — diz Callie, depois de abrir os olhos. — Caramba! Minha cabeça vai explodir! — Ela toca na testa e fecha os olhos novamente.

— Você está no hospital. — Espero a reação dela, observando sua expressão de dor se transformar em desespero ao absorver as minhas palavras.

— Me diz que não é o que eu estou pensando. — Ela não tem coragem de reabrir os olhos.

— É exatamente isso, Cal. — Suas pálpebras começam a tremer, assim como seu corpo, ela continua de olhos fechados, porém as lágrimas começam a escorrer.

— Olha pra mim, Cal. — E quando ela os abre e vê minha expressão, fecha os olhos de novo, apertando-os com força.

— Por favor, Micah, não me olha assim. — choraminga, e quando volta a abrir os olhos, me encara com eles cheios de tristeza. — Não me olha assim! PORRA! — grita e arranca o soro do braço, puxa com tanta força que o sangue escorre pelo braço. Ela senta na cama e quase cai, eu a amparo ao mesmo tempo em que a enfermeira entra.

— Sai daqui, Micah! — repete enquanto a ajudo deitar.

— Precisamos conversar.

— Não aqui, não como você me olhando desse jeito. — Suas lágrimas não param.

— E como é que estou te olhando?

— Com pena, com decepção. Sai daqui, Micah! SOME DAQUI!

A enfermeira tenta acalmá-la e pede que eu saia. Callie está chorando descontroladamente e fico sem saber o que fazer. Alguns minutos depois, a enfermeira me avisa que ela está mais calma, mas pede que eu não entre mais. Sento na cadeira do lado de fora do quarto, percebendo meu erro. Acabei afastando a Callie de mim.

32

“I don't want to lose part of me Will I recover?

That broken piece Let it go and unleash all the feelings Did we ever
see it coming?

Will we ever let it go?”

The Other Side – Ruelle

Callie

Não posso controlar a quantidade de lágrimas que caem dos olhos

quando ele fecha a porta e sai, sou capaz de aguentar muitas coisas, mas lidar com o olhar que está estampado no rosto dele? Sem chance.

Decepção. Ele estava, obviamente, decepcionado.

Não é difícil entender o que aconteceu comigo, afinal, teria que ser muito inocente para não reconhecer a ressaca provocada pelo uso de droga. E, porra, a única coisa que nunca fui na vida era inocente.

Conheço cada sintoma, cada dor de cabeça, e eu sei exatamente que droga causou tudo isso.

Êxtase.

Só não consigo entender como foi que acabei tomando isso. É tudo muito surreal, fôdido demais, para dizer a verdade.

E o pior de tudo é perceber que ele acredita mesmo que usei essa porcaria, o que eu vi nos olhos dele, doeu muito mais do que se tivesse levado um tapa.

— Como você está? — Acordo ao som da voz de Dean. Depois de expulsar o Micah, a enfermeira me sedou e eu apaguei, não acredito que isso seja um procedimento correto para alguém que tem um histórico como o meu, mas não posso culpá-los, estava tendo um verdadeiro ataque de nervos.

— Estranha. — Não minto porque é assim que me sinto.

— Preciso te contar uma coisa. — Dean parece apreensivo.

— Aproveite que estou no meu inferno astral, mais uma notícia ruim não fará diferença. — digo com desdém.

— Alguém drogou você, Callie.

— O QUÊ? Como assim? — Sento de uma vez na cama para ouvir cada palavra dele. E, *ops*, não deveria ter feito isso porque na mesma hora tudo gira e sou obrigada a me deitar de novo.

Dean balança a cabeça, ri e começa a me explicar que passou a noite observando os vídeos de segurança, até que viu o momento em que um homem se aproximou de onde estava e passou a mão sobre o meu copo, aconteceu quando me distrai atendendo alguns clientes.

— Não consegui identificar quem era ele, o cara sabia o que estava fazendo, escondeu o rosto sempre que estava próximo de alguma câmera.

— Você quer dizer que eu fui drogada de propósito? Quem iria querer fazer isso comigo?

— Isso eu não sei, Callie. — Ele parece frustrado. — Sem um rosto eu não consigo identificar o filho da puta, eu sinto muito. — Ele se desculpa.

— Você não precisa pedir desculpas, Dean. Eu me distrai, deveria

ter ficado mais atenta, e... Deus, isso só pode ser brincadeira! —
Esfrego o rosto com as mãos.

— Não foi, alguém fez isso propositadamente, Callie, só não sei quem e nem o porquê.

— Blue, eu preciso ver a minha filha. — Afasto o lençol e tento sair da cama.

— Ela está bem, Callie, está com Micah na casa daqueles seus amigos.

— Preciso ir busca-la.

— O que pretende fazer?

— Primeiro, buscar minha filha. Depois voltar para o meu apartamento e seguir com a vida. — respondo sem hesitar.

— E ele?

— Acho que ele vai continuar no mundo encantado que sempre viveu. — Respiro fundo. — Não sou mulher que convive com desconfiança, Dean. Micah me julgou na primeira oportunidade que teve, e isso não posso perdoar.

— Não sou ninguém para falar como deve ou não agir, mas eu sei de uma coisa.

— Do quê?

— Vocês precisam conversar, se não fizerem isso; vai voltar a viver no limbo, como antes, esperando por ele.

— Não vou esperar por ele. Essa situação é diferente, Dean.

— Callie, você vai esperar, pode ter certeza. Toda situação mal resolvida nos coloca em um estado de espera, acredite em mim, sei do que estou falando.

Encaro o teto por um instante antes de fechar os olhos, assimilando as palavras dele. Dean é meu amigo e respeito a opinião dele, mas no momento, quero que todas as opiniões vão para o inferno, junto com Micah Donovan.

Saio do hospital e vou direto para o apartamento de Gael e Hanna. Blue está lá e já sei que Micah não está, me certifiquei antes. Mesmo com toda conversa de Dean, ainda não foi o suficiente para me convencer a ter uma conversa civilizada.

Quando chego no apartamento e Sarah abre a porta, Hanna está com Gael na sala, onde também estão Braden, Josh e Mag. A expressão que estão fazendo não é nada boa, todos estão com um jornal na mão, discutindo alguma coisa.

— Desculpa interromper vocês. — Todos viram para me olhar e pelo semblante da Hanna, sei que algo aconteceu. — Onde está a

minha filha? — Olho em volta aflita.

— Calma, Callie, a Blue está bem, está no quarto com Charlotte.
— Hanna se aproxima.

— Porque todos estão me olhando com essa cara? — Josh abaixa a cabeça, o que é estranho já que ele nunca faz esse tipo de coisa, Gael vem para o lado de Hanna, e Braden é quem vem na minha direção com o jornal na mão.

— Acho melhor você se sentar. — Ele segura minha mão e me direciona até o sofá, parece que todos estão esperando que uma bomba exploda.

Braden me entrega o jornal e a foto que eu vejo me deixa perplexa.

É, uma bomba acaba de explodir!

Bem na minha cara!!!

— Meu Deus! — Olho para o jornal, um dos jornais mais sérios da cidade, um dos mais respeitáveis, e na manchete de capa, tinha uma foto minha, dançando com um homem, que não faço ideia de quem seja, com a mão enfiada dentro do meu vestido.

PUTA QUE PARIU!

NOITE QUENTE.

Callie Prescott, mais conhecida como a mãe da filha do famoso guitarrista da banda de rock Originals, Micah Donovan, parece ter se esquecido de que é uma mulher em destaque na mídia. Ela foi flagrada em um momento de muita intimidade com um rapaz, cuja a identidade é mantida em sigilo, na noite de ontem, no bar de sua propriedade. Fontes afirmam que Callie é uma mulher desprendida de qualquer pudor, e que o breve romance com o guitarrista parece ter chegado ao fim. Parece que monogamia não faz parte do vocabulário da jovem, que já foi vista inúmeras vezes em momentos de intimidade com os outros integrantes da banda.

— Desde quando esse jornal virou folhetim de fofocas? — pergunto ainda em choque.

— Troy está cuidando disso, tá bom? Não se preocupe.

— Não me preocupar? Braden, isso é... nojento, e... Meu Deus, eu nem sei o que dizer. — Passo a mão no rosto.

— Você precisa manter a cabeça no lugar, é o único jeito de lidar com isso, nós estamos acostumados com notícias assim, sabemos a verdade e é isso que importa. — Ele segura minha mão num gesto de apoio. Levanto e me afasto do toque dele.

— Sabem mesmo? Será que o Micah sabe da verdade? Não foi isso

que eu vi quando estava no hospital.

— Dê um tempo a ele, Callie. Micah está confuso demais com tudo isso. — pede Hanna, se aproximando. — Eu preciso respirar fundo sempre que abro os jornais e sai alguma matéria sobre os meninos, a última que li, Gael estava no México bebendo tequila nos seios de quatro mulheres.

— A notícia era verdadeira, só chegou alguns anos atrasada. — ironiza Josh, e Gael o fuzila com os olhos.

— Obrigada por esclarecer isso, Josh. — responde Hanna e olha para Gael.

— É, valeu, Josh. — Gael praticamente rosna entre dentes.

— O que importa — ela volta a me olhar. — É que vocês têm algo maior, e precisam conversar, superar isso.

— Aceitei que estava confuso, acreditando que estava apaixonado por você, Hanna. — Sou dura, e sei que ela não merece isso, mas honestamente, estou de saco cheio. Gael se aproxima do lado da esposa rapidamente. — Aceitei cada confusão de merda que ele passou, de bom grado, porque o amava, muito, então qualquer migalha era o suficiente.

— Não fale assim. — pede, triste.

— Mas, o que eu vi naquele hospital, jamais esquecerei. Micah me julgou, e deu a sentença sem me dar chance de defesa. É como se tudo que aconteceu com a gente no passado tivesse virado fumaça. Sabe, aceito a desconfiança de qualquer pessoa em relação ao que aconteceu, mas não posso aceitar a desconfiança dele.

— Mas... — Ela tenta argumentar.

— Vou buscar a minha filha, com licença.

Subo as escadas em direção ao quarto, Charlotte está com a Blue nos braços e minha filha sorri assim que me vê. Eu a abraço, forte, sentindo seu cheiro único, e me entrego ao conforto que aquele corpo minúsculo é capaz de proporcionar.

Então, mais uma vez, meu muro desmorona. As palavras que li naquela matéria, as fotos e tudo ao meu redor me atingem com força de uma forma avassaladora.

Eu choro, copiosamente, e mais uma vez sou amparada.

Hanna, Gael, Josh e Braden me consolam, tentando aliviar um pouco o desespero da mulher que está em prantos, e para a minha infelicidade, percebo que essa mulher sou eu.

33

“It's obvious you're meant for me Every piece of you it just fits perfectly Every second, every thought I'm in so deep But I'll never show it on my face But we know this We got a love that is homeless?”

Secret Love Song – Little Mix (Ft Jason Derulo)

Micah

Dois dias depois, Callie não voltou para casa, saiu do hospital e foi direto para o apartamento de Gael buscar Blue e seguiu para seu antigo apartamento. Não posso culpa-la, sei que ela não suporta olhares de

pena, exatamente como eu. Aliás, quem gosta? Mas, mesmo assim, ao ver seu estado, não consegui evitar.

Antes mesmo de Callie sair do hospital, Dean trouxe a gravação feita pelas câmeras da boate. Nas imagens não deu para ver o rosto com clareza, mas com toda certeza, em um momento de distração dela, vimos alguém colocando alguma coisa na sua bebida.

Essa coisa era êxtase, confirmado nos exames e o que explica o comportamento dela na pista de dança.

A pergunta que não conseguimos responder foi: por que alguém faria isso com ela?

E então, outra merda aconteceu. Uma foto dela dançando com o cara enfiando as mãos sob o seu vestido, estampou a primeira página de um dos jornais mais respeitados de Nova Iorque no dia seguinte. *Como poderia um jornal conceituado, ter se transformado num folhetim de fofocas?*

Troy moveu céus e terras para descobrir quem vazou a foto, mas não teve sucesso. Quando Callie foi buscar nossa filha no apartamento de Gael e Hanna, ficou sabendo sobre a matéria. Hanna me contou como a Callie ficou devastada com a foto, o que agradei profundamente por estarem lá, dando o apoio que ela tanto precisava. E eu, como um idiota do caralho que sou, não pude fazer isso por ela porque quando Dean me avisou que ela não queria me ver, resolvi ir para casa e dar o espaço que sabia que ela tanto precisava. Pelo menos

isso, posso fazer. Por enquanto.

Agora estou repassando cada detalhe desde a confusão enquanto leio um e-mail que Troy acabou de enviar; uma notificação extraoficial que entregou a todos os veículos de imprensa, para que mais nenhuma foto seja divulgada. Então, a campanha toca.

— Mãe? — Fico surpreso ao vê-la, e sem nem dar bom dia, entra no apartamento. — O que veio fazer aqui?

— Estou aqui para escutar seu pedido de desculpas por ter sido grosseiro conosco na última vez que estive em casa.

— Não sei do que a senhora está falando, o indelicado não foi eu.

— Acredito que já tenha visto esse absurdo. — diz com desdém antes de jogar o jornal no meu peito. Não preciso olhar para saber do que se trata. — Acho que agora vai dar razão a nós, Micah. Essa mulher não é, e nem nunca será, para você. Ela não passa de uma sem classe, interesseira. Uma drogada sem vergonha!

Não me importo com nada do que ela diz, porque sei que a Callie nunca foi interesseira, e quanto a não ter classe? Quem liga, estou diante de uma das pessoas com mais classe que já conheci e parece ter perdido todo o valor e decência. Porém, em ser uma drogada? Em relação a isso... *espera*. Ela disse *drogada*?

— O que foi que você falou? — Pego o jornal e olho a notícia, já

decorei cada palavra que está impressa, mas preciso ter certeza de que ouvi direito.

— Exatamente o que ouviu. Ela é uma viciada, Micah, está estampado nos jornais. Leia, já que pelo visto deve ter focado somente nessa imagem horrorosa. — A presunção em sua voz é inconfundível.

— Mãe, não tem nada escrito sobre o consumo de drogas. — Seus olhos se arregalem. — Nenhuma maldita nota, eu li tudo, pode acreditar. Agora me conte, *por favor*, como sabe a respeito da droga?

— Não preciso saber, está na cara. É obvio, não percebe?! Vai ignorar isso? — O tom esnobe dá lugar ao nervoso.

— Não posso acredita nisso. — Começo a andar de um lado para o outro na sala, de repente, o ar começa a pesar e me sinto sufocado.

— Não acredita nas fotos?

— Não! Mas que merda! Olha para mim, mãe. Escute bem, porque eu não vou repetir. Você tem alguma coisa a ver com essa confusão toda?

Ela empalidece, engole seco e desvia os olhos, não conseguindo sustentar o meu olhar. E ela me conhece muito bem, assim como eu a conheço. Pode ter toda a classe do mundo, mas mentir é uma coisa que sempre me ensinou a não fazer. Então, vejo a verdade refletir no seu gesto. Porque sempre enfrentou o que fosse de frente e com a

cabeça erguida, nunca recuando.

PUTA QUE PARIU!

Fui um completo idiota com a Callie, cego pelo ciúme e decepção. E cometi um dos erros mais imperdoáveis. Falta de confiança e pré-julgamento. Porra!! Que merda!!! Acho que não existem palavras suficientes para expressar minha fúria e indignação nesse momento absurdo. Mas iria fazer qualquer coisa para reverter isso. Não posso perder a Callie. Não agora, nem nunca.

— Não acredito que foi capaz de uma coisa dessas. Mandar drogar a Callie, mãe? — Minhas palavras a desperta, pegando-a de surpresa, mas logo se recompõe e ainda tenta argumentar. Porém é tarde demais.

— Você só pode estar maluco, Micah.

— Cacete! Tudo faz sentido agora. Até a porcaria do jornal sério soltando fôfoca!

— Maneire as palavras, eu sou sua mãe.

— Mas gostaria que não fosse, nesse momento, eu adoraria que não fosse. — Pisando duro, vou até a porta e abro. — Saia, ou eu vou até o jornal que você plantou essa merda de notícia e conto coisas que nem sonha que eu faço e *amo* fazer. Aí então, eu quero ver, *mamãe*, o verdadeiro escândalo que a família terá para lidar.

— Você está mesmo me expulsando? Tudo por causa daquela...

— SAI! — explodo.

Ela me olha incrédula, com a postura agora ereta, e aqui está, senhoras e senhoras, Moira Donovan a mulher que não abaixa a cabeça. E me encara por alguns segundos antes de dizer: — Não vou me desculpar porque fiz o que qualquer mãe faz para proteger o filho. Você é pai agora e um dia vai me entender.

Só que ela tinha passado de todos os limites.

— Isso não é proteção, é pura maldade e egoísmo. Um aviso: reze para que eu não encontre o filho da mãe que fez isso com a Callie. — digo entre dentes, antes que ela entre no elevador. Ela não diz uma palavra e vai embora.

Pego o telefone e ligo para o meu pai, rezo para que pelo menos ele não esteja no meio de tudo isso.

— Filho?

— Oi, pai, tem um minuto?

— Claro, diga.

— Deve saber sobre o que aconteceu com a Callie, não é?

— Eu vi, Micah. Sinto muito.

— E sobre a sua mulher ser a responsável dessa merda? Já sabe?

— O quê? — Percebo sua surpresa.

— Me escute bem, pai, controle a mamãe ou não respondo por mim. Tenho certeza de que os jornais vão adorar as informações que eu posso vazar.

Não dou tempo para uma resposta, meu aviso é dado e desligo o telefone. Só então vejo uma mensagem da Hanna.

Hanna: Callie está indo para o seu apartamento.

Quando verifico a hora, solto um gemido. Droga, ela já deve estar chegando. Como se tivesse lido os meus pensamentos, Callie se materializa na porta. Está abatida, mas sua postura mostra que está preparada para uma briga.

— Vim apenas buscar minhas coisas. — diz, fechando a porta atrás de si.

— Precisamos conversar, Cal. — Ela passa direto para o quarto, tão rápido que tenho que me apressar para alcança-la.

— Vai falando enquanto arrumo as coisas. Não vim com tempo para confraternizar. — Segue até o closet e começa a tirar tudo de dentro.

— Pode parar e me escutar, por favor? — Tento uma abordagem mais calma.

Mas ela continua como se eu não tivesse dito nada. As coisas entre nós nunca foram tranquilas, parece que só funcionamos de forma caótica e intempestiva. Acho que foi isso que me atraiu desde o começo, e somos perfeitos desse jeito. Então, sei exatamente como chamar sua atenção. Seguro um dos seus pulsos e a puxo contra mim. Quando ela me encara, a mágoa que vejo dentro dos seus olhos, me deixa ainda mais perturbado. Porque sou o único responsável por isso. Bem, eu e a minha *querida* mãe.

— Você vai me escutar, Callie.

— Vai me forçar? É assim que vai ser? — Ela tenta se soltar mas não deixo.

— Não quero te forçar a nada, mas se não tiver outra escolha, assim será. — respondo com o mesmo tom que sempre usava quando a punia na cama. Sei que não é justo e que quem tem que receber uma punição agora, sou eu, mas estou desesperado e vou usar o que for preciso para que ela me escute.

— Me solta, Micah. Estou falando sério. — Continuo segurando

seu pulso.

— Preciso que você me perdoe. Você tem me ouvir, porra! — E agora estamos nariz a nariz.

— Blue! — murmura, ao mesmo tempo em que sinto seu corpo parar de resistir.

— Como? — Blue? Será que...

— Eu disse *blue* — responde tão calma, e levo um milésimo de segundo para entender o que ela quer dizer. Eu a solto imediatamente.

Ela usou sua palavra de segurança.

E nunca tinha a usado antes.

Nunca.

— Eu não tenho mais nada pra escutar, Micah. Você não acreditou em mim. Só está agindo assim agora porque Dean trouxe a gravação, só me levou ao hospital porque ele pediu. Você me tratou como, praticamente, todas as pessoas que passaram pela minha vida, Micah. Com pena e desprezo. — Lágrimas começam a rolar pelo rosto dela.

— Eu sei, Cal, mas quero cons... — Mas ela me interrompe.

— Nenhum relacionamento existe sem confiança, Micah.

— Mas eu confio em você, Cal.

— Não, não confia. E mesmo que eu continue te amando... —
Agora é a minha vez de interromper.

— Não vou permitir que uma armação da minha mãe separe a gente. — Seus olhos se arregalam e ela fica branca. — É, isso mesmo que ouviu. Ela armou tudo: a droga, as fotos e até a matéria no jornal. Mas ela não vai vencer. — grito, desesperado, e não quero nem imaginar do que serei capaz se ela não perdoar. — Você está me ouvindo, Callie? ELA NÃO VAI VENCER! E eu vou provar que seu lugar é ao meu lado, que mereço o seu perdão, seu amor e a família que só eu serei capaz de dar a vocês duas! — Quando termino, estou ofegante.

Conforme a observo, aflito por uma resposta, faço essa promessa a ela e a mim, enquanto viver, vou lutar por ela, pela nossa filha, por nossa família e contra tudo que ainda enfrentaremos.

Posso ser insensível, mas por elas não há nada nessa droga de vida que eu não faça, só espero que não seja tarde demais para Callie acreditar nisso.

34

“Cause I will be, I will be The one who's there when your world's asleep And when you wake and if you break I won't be far, wherever you are I'm the place you can rest when your dreams go blind I'm the breath you can take when you're trapped inside You're the reason, I get through You were there for me I'm here for you”

I Will Be — Stanfour

Callie

Estou tentando absorver suas palavras, seu tom é desesperador, seus olhos estão afitos esperando que eu reaja, mas simplesmente congelo.

Sua mãe? A mulher que é avó da minha filha, que tem o mesmo sangue foi capaz de fazer isso?

— Eu nem sei o que dizer, Micah... Sua mãe? Isso parece loucura.
— Sento na cama e ele se senta ao meu lado. — E se eu não conseguir te perdoar? — Eu me viro e encaro o par de olhos azuis à minha frente, as palavras dele pairam no ar. Micah sempre foi intenso em tudo, e a força do que ele disse, estava abalando algo dentro de mim, algo que eu pensei ser inquebrável.

— Vou passar o resto dos meus dias lutando pelo seu perdão, Cal.
— Seu tom é de pura determinação.

— Estou com medo, Micah. De sofrer mais decepções e não ser capaz de suportar. — confesso.

— E se eu te levasse a um lugar, onde podemos testar isso?

— O que você quer dizer?

— Apenas concorde e me deixe te levar, eu quero que acredite em mim, Cal. Eu quero te mostrar que confio em você e que você também pode confiar em mim. Completamente.

Concordo um pouco hesitante, e Micah apenas sorri, toca na minha perna e estende mão. É um convite, e eu aceito ainda com certo receio. Cerca de trinta minutos depois estamos estacionando no subsolo de um prédio antigo.

— Que lugar é esse? — Observo o lugar, há muitos carros parados, todos de luxo.

— É o nosso teste, Cal. Como uma renovação de votos de casamento. — Viro o rosto bruscamente para encara-lo, e sua risada escapa num momento nada propício. — Calma, Cal. Nada de casamento, pelo menos por enquanto. — Dou um sorriso fraco, percebendo que a palavra *casamento* me afeta, mas não de uma maneira ruim. — Não está acreditando em mim quando digo que confio em você, mas vou te mostrar e eu só conheço um jeito de fazer isso.

Micah não diz mais nada, entramos no elevador seguindo para o sétimo andar, ele parece conhecer bem o lugar, diferente de mim, que nunca cheguei perto deste edifício.

Micah insere um cartão em uma porta, e ela abre. O interior, aparentemente é de um apartamento comum, mas logo as coisas começam a fazer sentido. Ele abre a porta do que parece ser um quarto e meus olhos ficam travados na enorme cama no centro do cômodo.

— Somos só nós, Cal. Farei só o que desejar, você sabe que eu conheço os seus limites, assim como conhece os meus. Eu quero de volta o que nós tínhamos, Cal. Confiança.

— Micah... agora não é hora pra isso. — Tento parecer ofendida, mas minha voz sai trêmula.

— Uma chance, Cal. Por favor, preciso só de uma chance. — pede,

praticamente implorando e viro para encará-lo. Ele anda até um armário, abre e, alguns instantes depois, pega um chicote, olha para o objeto e depois vem em minha direção.

— O que quer que eu faça? — Olho incerta na mão dele estendida para mim, e nela está o chicote. *Por que ele está me oferecendo um chicote?*

— O que você quiser, Cal. — Micah se aproxima e coloca o chicote nas minhas mãos. — O que você quiser. — repete ele. — Estou entregando o controle nas suas mãos.

Seus olhos azuis fixos nos meus, assim como a intensidade dessas palavras, tiram o meu fôlego.

— Você está errado.

— Não estou, Cal, e vou te mostrar. Quer saber de uma verdade? Você sempre me comandou. Sempre estive aos seus pés.

Suas palavras me atingem como uma carga elétrica percorrendo o corpo inteiro. Meus batimentos aceleram, sinto o corpo vibra por inteiro. Ele está com medo de que eu diga não, vejo isso em seus olhos, mas meu corpo sempre pertenceu a ele, assim como o coração.

Pego o chicote e o jogo de lado, então, olho em seus olhos.

— Não sei o que quer que eu faça, Micah — mantenho o olhar. —

Mas sei o que eu quero que você faça comigo.

— Hoje não, Cal, não desse jeito. — Ergue a mão e seus dedos traçam as linhas do meu rosto. — Dessa vez, quero que volte a confiar em mim, aqui, no nosso ambiente, onde sempre fomos verdadeiros. Quero você de volta, quero a minha Callie de volta. — A mão dele vai para minha nuca, mas não puxa meu corpo junto ao dele, ele espera que eu tome a iniciativa. Micah quer que eu dê o primeiro passo. — Já sei como somos quando sou seu Dom e você minha submissa, mas estou disposto a fazer qualquer coisa, Cal. Estou me entregando a você. Como sempre se entregou a mim.

Por um instante o tempo parece parar, Micah me observa com expectativa, sinto o nervoso emanando dele, e nunca o vi assim. Seu desespero é quase palpável. Ele me deu o poder, quando isso sempre pertenceu a ele. Demora um minuto para meu coração se acalmar, e então, me aproximo, seguro sua mão e a coloco sobre meu coração, ele consegue sentir o quanto está acelerado, e já não me importo com mais nada. Esse coração é dele.

— Acredito em você, Micah Donovan. Mas, e quanto a você, acredita e confia em mim? — confesso a verdade. Posso ainda estar com raiva e magoada, mas eu o amo demais. Ele me deu uma chance depois de eu ter omitido nossa filha dele, acho que chegou a minha vez de retribuir.

— Com a minha vida, Cal. Com toda a minha vida. — Uma mão toca meu rosto, ele desliza o polegar sobre a minha boca, parando ali.

— Preciso fazer amor com você, Cal, agora. — A voz dele sai rouca, quase irreconhecível. Uma excitação atravessa meu corpo, e então sua boca cobre a minha, e eu praticamente rasgo suas roupas ao arrancá-las dele.

Esse momento é muito maior do que beijos, gemidos, calor da pele e corpos emaranhados, Micah está se expondo e se entregando a mim, de corpo e alma. E isso é a coisa mais excitante que ele já faz comigo.

Cinco meses depois.

Na vida, precisamos tomar decisões constantemente, seja no âmbito profissional ou sentimental, cada caminho que temos que trilhar são baseados pelas nossas escolhas. E se existe algo que não tem volta, são as consequências dessas escolhas.

Há alguns anos, tomei a decisão de ir para uma clínica de reabilitação quando uma pessoa acreditou em mim, isso bastou para me encher de coragem. Lá, precisei fazer outra escolha, a de me entregar para um cara de olhos azuis como o mar, que assim como eu, guardava muitos segredos.

Desde então, a minha vida vem sendo moldada pelas consequências dessas escolhas, minha filha, meu negócio, e o amor da minha vida.

Essa Callie que existe hoje, não existiria se tivesse dito um não, ao invés de um sim.

Nossa convivência é melhor do que eu esperava, nosso café da manhã funciona como uma preliminar para noite, e eu descobri que não há nada melhor do que dormir ao lado dele.

Desde a última vez que me levou àquele prédio, ele me explicou depois se tratar de um clube exclusivo, diferente de tudo que é conhecido, e que continuamos a ir algumas vezes. Lá é onde ele liberta seu lado mais selvagem, onde meus gritos e gemidos só podiam ser ouvidos por ele. Entre quatro paredes, somos só nós dois, e mesmo com a confiança estabelecida, Micah começou a mostrar um lado possessivo, algo que achei divertido.

Blue está crescendo mais a cada dia. Josh é completamente apaixonado por ela, sempre que a vê, faz inúmeras tentativas para ela diga o nome dele. É tão engraçado, porque ela só balbucia coisas incompreensíveis.

E por falar em Josh, ele e Braden estão radiantes, Mag descobriu que está grávida, então quem sempre acompanha Braden às compras, sou eu, o que é cômico porque odeio fazer compras. Por causa disso, não é raro ver fotos minhas com Braden, e isso sempre gera algum tipo de fôfoca. É um lado da fama que Micah odeia, mas lida da melhor forma possível.

O incidente com a senhora Donovan é passado. Fiz questão de

esquecer, menos ele. Micah nunca conseguiu perdoá-la, então a convivência de Blue com os avós é inexistente. Não posso julgá-lo, mesmo desejando que a minha filha tivesse uma convivência saudável com os avós, estou disposta a dar todo o tempo necessário para que ele possa curar suas feridas e perdoar seus pais.

A minha rotina continua a mesma, quer dizer, mais ou menos. Trabalho apenas algumas noites no bar e passo o dia com Blue e Micah. Também começamos a frequentar eventos juntos, e os jornais acabaram se cansando de especular sobre a nossa separação, e passaram a perguntar quando Blue ganharia um irmão, o que é exaustivo.

E por mais cansativo que seja, não me arrependo em nenhum momento, nossa vida é moldada por nossas loucuras. É como o Micah disse: a gente sempre cometeu loucuras, uma a mais faria diferença?

E por causa dessas loucuras que estou saindo de um estúdio de tatuagem nesse exato momento, com um *M* tatuado na virilha. Se eu me arrependeria? Talvez, mas agora, estou louca pelas consequências, aquelas que eu sei que sempre terminarão comigo gemendo o nome dele.

— Como estamos hoje? — pergunto a Dean assim que chego no bar. Hoje não é um dia muito movimentado, mas amanhã teremos fila na porta porque é noite do microfone livre, as pessoas adoram esse dia.

— Estamos com a casa cheia, mas o público está tranquilo, muitas conversas nas mesas, nada de exaltações.

— Isso é bom. — comento, e sento no banco. Dean me serve uma água. — Sinal de que teremos menos copos quebrados e pessoas bêbadas para botar para fora.

— Com certeza. — E sorri.

— Pensou na minha proposta? — pergunto. Ofereci meu apartamento a Dean, agora que não estou mais aqui. Além de ser mais cômodo para ele, Micah ficaria muito mais tranquilo, isso significaria que a minha estadia na casa dele se tornaria definitiva.

— Você tem certeza disso?

— Claro que tenho.

— E se mudar de ideia e resolver largar o idiota? — Sorrio.

— Caso isso aconteça, Dean, não vejo problemas em comprar outro apartamento. O bar está indo melhor do que nunca, já posso me dar a esse luxo.

— Garota, como estou muito orgulhoso de você. — Ele pega outro copo com água e o levanta. — Um brinde aos recomeços.

— Estamos em um bar e vamos brindar com água?

— Sem bebidas para mim, sabe muito bem disso.

— Então, um brinde aos recomeços, e que sejam eternos. — Brindamos e Dean sorri. Enquanto bebemos nossa água, lembro que nunca o vi tomar bebida alcoólica desde quando começou a trabalhar aqui. Uma vez me contou que só fazia isso numa determinada ocasião, numa única data em que se permitia cair no entorpecimento, quando se permitia esquecer. Então, perguntei do que ele não queria se lembrar, e me respondeu que existem coisas que jamais deveríamos nos esquecer, mas que deveríamos nos permitir fazer isso, apenas por um dia.

Esse é o seu dia no paraíso, pelo restante dos dias no inferno.

A noite segue como de costume, atendo clientes no bar, até que o vejo. Micah está sentado em uma mesa afastada, apenas me observando. Ele ostenta um sorriso divertido no rosto, enquanto ergue um copo, me cumprimentando.

Sei que ele não vai se aproximar até que tudo esteja mais tranquilo, então continuo meu trabalho. Com o passar do tempo, ele também aprendeu a respeitar Dean, apesar de que só se dirigiam, um ao outro, como idiota e babaca.

Quando o último cliente vai embora, e Dean se despede, vejo Micah indo em direção ao palco, estamos só nós dois aqui, e quando ele fala ao microfone, minha pele se arrepia.

— Você poderia vir até aqui? — pergunta. Saio do bar, fico na frente do palco e ele se agacha. — Vou cantar uma música para você.

— Sua composição? — pergunto, curiosa porque ele vem trabalhando em algumas músicas junto com Gael.

— Você sonha alto. — devolve as palavras que um dia eu disse a ele. — Não é minha. Mas com certeza foi feita para você. — Micah se afasta e pega o violão que está no fundo do palco, eu me sento numa cadeira próxima e aprecio o show particular.

*There used to be a graying tower alone on the sea
You became the light on the dark side of me
Love remained a drug that's the high and not the pill
Did you know
When it snows
My eyes become large and
The light that you shine can be seen?*

Cruzo as mãos, surpresa. Parece que é a primeira vez que o ouço cantar, porque a emoção que transborda dele me atinge profundamente, e saber que eu sou o motivo é surpreendente.

*Baby
I compare you to a kiss from a rose on the grey
Ooh
The more I get of you
Stranger it feels, yeah
And now that your rose is in bloom*

A light hits the gloom on the grey

Assim como na primeira vez que ele subiu nesse palco, Micah canta cada palavra olhando diretamente para mim, e é impossível conter as lágrimas que começam a cair no rosto. Porque é o que ele faz comigo, sempre fez e tenho a certeza de que continuará fazendo. Por causa dele, eu senti, me apaixonei, conheci a dor, me entreguei verdadeiramente. Para um cara que se diz insensível, Micah garantiu que eu experimentasse todos os tipos de sentimentos, em todos os níveis.

There is so much a man can tell you

So much he can say

You remain

My power, my pleasure, my pain, baby

To me you're like a growing addiction that I can't deny

Won't you tell me is that healthy, baby?

Did you know

When it snows

My eyes become large

And the light that you shine can be seen

— Para mim você é um vício crescente que eu não posso negar — ele para nesse verso da música, “Kiss From a Rose” do Seal. — E que eu não quero mais viver sem. Quer se casar comigo, Cal? — E com

essa pergunta ele me deixa sem palavras e boquiaberta. — Nenhuma resposta torta ou alguma piadinha? — Ele senta na borda do palco ainda com o microfone na mão, as pernas balançam para frente e para trás, tranquilamente, como se não tivesse feito a pergunta mais louca de todos os tempos. Acho que meu coração vai sair pela boca a qualquer instante.

— Isso quer dizer que você me ama? — Sorri e pula do palco, caminha até parar bem na minha frente. Certeza que ele vai me sacanear se sentir o quanto meu coração está acelerado.

— Quer dizer que estou disposto a te provar isso pelo resto da vida.

— Você não vai dizer, não é?

— Dizer o quê? — Finge que não me entendeu. *Cretino!*

— Que me ama, idiota.

— Nossa, que vadia mal-humorada, Cal.

— Vai se foder, Micah. — Ele coloca o microfone na mesa perto da gente.

— Você disse as palavras mágicas.

Micah me pega nos braços e parte em direção as escadas, indo

direto para o apartamento. Ele não abre a porta de maneira convencional, simplesmente dá um chute. Quanta sutileza!

— Ei, cuidado, esse apartamento não é mais meu. — digo, ainda em seus braços.

— Não? — Ele se surpreende. — Nesse caso, você está dizendo sim à minha proposta?

— Disse sim para sua proposta no momento em que fiz uma maldita tatuagem. — Micah me coloca no chão com cuidado, lentamente.

— Onde? — Ele segura meu rosto com as mãos.

— Na virilha. — Os olhos dele brilham, extasiados.

— Porra, Cal, eu preciso te dizer uma coisa.

— O que? — Fico tensa na mesma hora.

— Eu te amo, Cal. — Ele encosta sua testa na minha e quando me olha, fico perdida num mar azul. — Muito mais do que essas simples palavras possam expressar.

Ele não espera minha reação, e toma minha boca como só ele sabe fazer, com uma paixão avassaladora. Ofego a cada toque de sua língua, e quando penso que vai me dar mais, Micah quebra o beijo.

— Sabe o que eu lembrei — diz, ofegante.

— O que? — Fico confusa.

— Você nunca disse que me ama, Cal. Disse apenas que é apaixonada por mim. — E faz beicinho. *Beicinho!* Eu me seguro para não gargalhar. Se não fosse pelo pedido de casamento, Micah Donovan fazendo isso teria sido o ápice do meu dia.

— E daí? — Eu me afasto um pouco e cruzo os braços.

— Agora que eu falei, quero ouvir de você. — Penso um pouco sobre o que responder, contendo um sorriso porque a expressão no rosto dele é tão séria. Micah está esperando que eu diga *aquelas* palavras, palavras que nenhum de nós acreditávamos, então, respondo da única maneira que eu sei.

— Vai se foder, playboy. — Sua resposta é uma gargalhada contagiante. E me puxa bruscamente contra ele.

— Só se for com você, minha vadia mal-humorada. Sempre com você.

Ele reivindica minha boca, meu corpo, minha sanidade e principalmente meu coração. Porque somos assim, insensivelmente loucos de amor.

Epílogo

“I promise that I'll hold you When it's cold out And we'll lose our
Winter coats in the spring 'Cause lately I was thinking I never told
you That every time I see you My heart sings”

Nervous

—

Gavin

james

Hanna

Um ano depois.

Olho para o relógio contando as horas que faltam para que Gael

esteja em casa. Gabe dorme pacificamente no berço, hoje foi um dia agitado, ele estava tão manhoso, não queria sair do meu colo. Mas quando ouviu a voz do pai pelo telefone, seu coraçãozinho se acalmou.

Não esperava que eles tivessem essa conexão, Gabe ama quando Gael toca guitarra, cantando suas músicas. Em contrapartida, nunca conheci uma criança na idade dele que tivesse uma coleção de guitarras penduradas na parede do quarto. Meu Deus!

Gael foi quem deu a primeira, seguido de Micah, Braden e Josh. Meu filho tem uma sala repleta de instrumentos, e mal sabe falar.

Pego o celular e não resisto, hoje a saudade está grande e preciso ouvir a voz dele mais uma vez.

— Ei, baby. — Gael atende no terceiro toque, a voz grossa de quem estava dormindo.

— Desculpa se acordei você.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta preocupado.

— Apenas saudade. — respondo, olhando nosso filho dormir.

— Eu também, minha pintora. Essa viagem parece que nunca mais vai acabar.

— Já estão perto?

— Sim, acho que em poucas horas estaremos em casa.

— Ainda não entendo porque não vieram de jatinho.

— Não era uma viagem longa, e o jatinho está em manutenção, sabe disso.

— Eu sei, desculpe. Acho que estou com mais saudades do que o normal, o dia hoje foi cansativo.

— Como está Gabe?

— Acabou de dormir. Passou o dia fazendo manha.

— Manhoso igual a mãe?

— Não, teimoso igual ao pai. — Gael sorri e meu coração se aquece.

— Logo estarei em casa, meu amor, prometo.

— Como está todo mundo?

— Micah estava com a Callie no telefone agora pouco, Josh e Braden estão no quarto.

— Mag está enlouquecendo com AJ. — Sorrio ao lembrar da cara de doida dela.

— Esse menino tem o gênio do pai, acredite. — ironiza, mas lá no fundo sinto o afeto que ele sente por seu amigo.

— Você tem algum palpite de qual dos dois é o pai? — Não estou me aguentando de tanta curiosidade.

— Eu tenho certeza. — Gael ri.

Lembro de quando Josh fez a proposta a Mag, nunca imaginei que ela fôsse aceitar, mas para minha total surpresa, ela topou. E em pouco tempo, anunciaram a gravidez.

Mag teve uma gravidez complicada, e precisou ser monitorada. Foram dias difíceis, mas Braden e Josh largaram tudo para apoiá-la. A banda fez uma pausa de dois meses até que tudo estivesse bem com ela e a criança.

— Conversei com Mag e Callie sobre Los Angeles.

— E então?

— Elas toparam, também acreditam que precisamos de algumas mudanças.

— E você? Está bem com isso? — pergunta, parecendo preocupado.

— Estou — respondo, confiante. — Estarei bem onde quer que

você esteja, Gael.

— Eu amo você, sabe disso, não é? — *E como eu amo você, Gael!*

— Eu sei.

— E sobre o outro assunto?

— Esse, ainda temos que conversar melhor.

— Tem certeza? Acho que nossa menina já está pronta para vir. —
Começo a rir.

— Você não desiste, não é? Vamos conversar sobre mais crianças quando você chegar. — digo, tentando transmitir firmeza, mas já sei o quanto ainda vou aguentar sobre isso, afinal estamos falando do senhor teimoso aqui.

— Não, nós vamos fazer mais crianças quando eu chegar. — Eu praticamente consigo ver o seu sorriso.

— Venham com cuidado, tá bom? Vou preparar tudo para sua chegada.

— Eu amo você, minha pintora, logo estaremos juntos.

— Eu também amo você.

Desligo o telefone, verifico Gabe mais uma vez e vou para a

cozinha. Sarah preparou o jantar, mas Gabe me deixou tão cansada que acabei não comendo nada ainda. Abro a geladeira retirando a comida para aquecer. O apartamento está tão silencioso. Odeio quando fica assim.

Estou tão acostumada a ouvir vozes e risadas. Mesmo depois que Micah mudou para o apartamento dele com a Callie e a Blue, estão sempre por aqui. Até mesmo Braden e Josh, que também tem um apartamento só deles agora, passam mais tempo por aqui, principalmente depois do nascimento do AJ.

Sento no sofá com um sanduíche nas mãos, pensando em tudo que já passamos juntos. O problema da Blue, o nascimento de Gabe. A mídia não deu sossego, foi tudo tão estressante.

Meus pais vieram logo depois do nascimento do meu filho, junto com meus irmãos. Foi a primeira vez que vi lágrimas nos olhos da minha mãe. Ela beijou meu rosto e disse que estava orgulhosa. Gael não falou com eles, preferiu manter-se afastado. Não podia achar ruim da parte dele.

Adormeço em meio a lembranças, algum tempo depois sou acordada com vozes falando alto na sala. Eu me ajeito no sofá e percebo que alguém me cobriu com um cobertor. Tenho certeza de que Sarah me viu dormindo.

— Hanna! — Mag aparece na minha frente com o rosto completamente pálido. Sento e percebo mais pessoas na sala. Sarah,

Callie, que está com rosto vermelho, e Troy, o empresário da banda.

— O que está acontecendo? — pergunto, confusa.

— Você ainda não sabe? — pergunta Mag.

— Acabei de acordar, não foi? — Ela senta ao meu lado e pega o controle da TV.

Mag sintoniza no canal de notícias e as imagens são tumultuadas e confusas, sirenes, pessoas, ambulâncias e bombeiros, mas o que me chama atenção é o ônibus.

O ônibus dos meninos. Em chamas.

— Não... — Agito a cabeça. — Não, Mag. Não pode ser. Acabei de falar com Gael. Isso não é o que eu estou pensando. — Mag não tem tempo de responder, a jornalista começa a transmitir informações do local.

... Infelizmente não são apenas prêmios que a banda de rock Originals vem acumulando, mais uma tragédia parece marcar a carreira dos astros do rock.

O ônibus que trazia a banda de volta para Nova Iorque, para sua pausa antes da próxima turnê, sofreu um acidente, ao que parece, a poucas horas de chegar ao destino final.

Três helicópteros foram chamados para levar os feridos mais graves, e duas ambulâncias estão no local. Até agora foram confirmadas duas mortes, segundo informações fornecidas pelo corpo de bombeiros, o corpo do motorista já foi identificado, e um continua sem identificação. Ainda não sabemos do estado de saúde dos demais ocupantes do ônibus, apenas que um deles, em estado grave, já está em cirurgia. Estamos aguardando uma nota oficial do hospital.

Fãs já fazem vigília na frente do hospital, muitos estão preocupados com o vocalista, que tinha se recuperado de um acidente anos atrás.

Voltamos com mais informações a qualquer momento...

— Troy? — Olho para ele, suplicando por alguma informação.

— Ainda não sei o que aconteceu, Hanna. Recebi uma ligação mais cedo, mas não consegui conversar com nenhum deles... e... — Sua voz falha, a mandíbula cerra. E o que é aquilo? Uma lágrima escorrendo pelo rosto dele? Que pesadelo é esse? Alguém precisa me acordar, agora! — Eles já estão no hospital, então busquei as meninas e vim te pegar. — Pigarreia, e engole seco antes de continuar. — Tenho que ir logo para lá. Precisam que façam o reconhecimento de um corpo.

E no silêncio mortal que toma conta da sala, sinto o coração parar,

o gelo tomar conta do meu corpo e percebo que realmente não é só um sonho ruim. Estou vivendo um pesadelo acordada.

Mag aperta minha mão e eu desabo, porque sei que o meu mundo acabou.

Continua...

Nota da autora

Acreditem, eu sei o que estão sentindo agora. Mas, se não terminasse este livro com algo grande, não seria eu, não é mesmo?

Posso prometer que o amor, a amizade, o companheirismo, e tudo ao que se refere a essa banda estará presente no último livro da série, em INESQUECÍVEL.

A gente se vê em breve. E lembrem-se: O Amor não tem gêneros.

O Amor não tem raça.

O Amor não tem deficiência.

O Amor não tem idade.

O Amor não tem religião.

O Amor não tem limites.

Andy Collins.

Agradecimentos

Impossível terminar essa obra sem uma enxurrada de agradecimentos, não tenho palavras para definir como estou grata a todos que me ajudaram nesse percurso.

Dri Harada, muito obrigada por tornar essa série especial com as suas capas e quotes maravilhosos, e principalmente por sua sinceridade em tudo que faz, e acima de tudo, agradeço sempre pela sua amizade, eu sempre digo que não seria nada sem você, sem seu senso crítico e seus conselhos.

Samantha Silveira, dias trabalhando em tempo real, fins de semana trocando ideias, o Whatsapp nunca parava, obrigada pelos melhores momentos durante a criação de Insensível, e nem vou mencionar nos títulos dos arquivos... obrigada também por me ajudar com a playlist da série, nossa você é f@d@.

Michelle Feliciano e Caroline Menezes, perdão pelos spoilers, mas obrigada por me aturarem, hoje, ontem e espero que sempre.

Caroline Yamashita, Biia Rozante minhas meninas especiais com

um coração gigante, espero que Insensível esteja a altura do que vocês merecem.

Solange Arten, minha amiga com coração Dark, obrigada por todo apoio, ligações, e por sempre dizer: comporte-se, eu tento, mas...

Obrigada a todos que direta ou indiretamente ajudaram a tornar essa série um sucesso, e principalmente a minha família que aturou meus momentos de ausência, Amor obrigada!

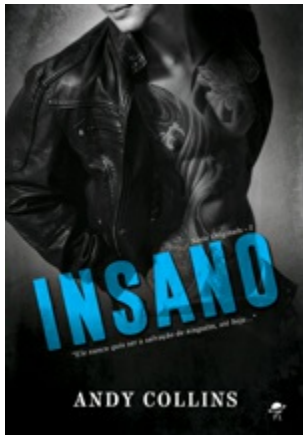
Biografia

ANDY COLLINS

Andy Collins é um pseudônimo usado pela autora brasileira. Sua primeira obra publicada foi **INSANO**, primeiro livro da série **Originals**, que começou a ser postado na Plataforma Wattpad e depois passou a ser publicado pela Editora PL. Desde então, a autora já publicou de forma independente várias obras. Entre elas está **FENOMENAL** - primeiro livro da série **Willers Family** – e o conto dark **ELA ESTÁ SOZINHA**.

Atualmente está postando no Wattpad o romance **QUANDO O INVERNO ACABAR** como uma forma de despedida da plataforma. E em breve irá lançar o segundo livro da série **Originals**: **INSENSÍVEL**.

Obras



INSANO

Série Originals – Vol. 1

Já à venda.

Gael Trent Malloy é o famoso vocalista da banda de rock Originals, depois de um trágico acidente no palco que o deixa impossibilitado de andar, o sexy vocalista tenta recuperar os movimentos com a ajuda dos seus amigos. O que ele não esperava era que, ao longo dessa jornada, seu caminho cruzasse com o de Hanna Daves.

A doce pintora que consegue quebrar suas barreiras sem nem ao menos mover um músculo. Com ela, ele vai descobrir que suas limitações físicas são nada diante do que a consome.

Ele nunca quis ser a salvação de ninguém, até hoje.



PARA SEMPRE & MAIS UM DIA

Série Originals

Já à venda.

Um conto do livro INSANO.



PLANETA LITERÁRIO

**Acesse o site da editora Planeta Literário para saber mais
informações sobre esse e outros livros:**

www.editoraplanetaliterario.com

Receita para o amor



JULIE LOPO



Receitas para o amor

Lopo, Julie

9788568292570

85 páginas

[Compre agora e leia](#)

Catarina sempre foi a mais doida de todas as primas. Ela não levava jeito para bailarina e muito menos para médica. As tardes em que ela ajudava a avó a cozinhar despertaram a sua paixão pela comida e a arte pela culinária. Ela sempre levou a vida como sempre quis e nunca se prendeu a ninguém até que conheceu Jean Pierre Le Blanc.

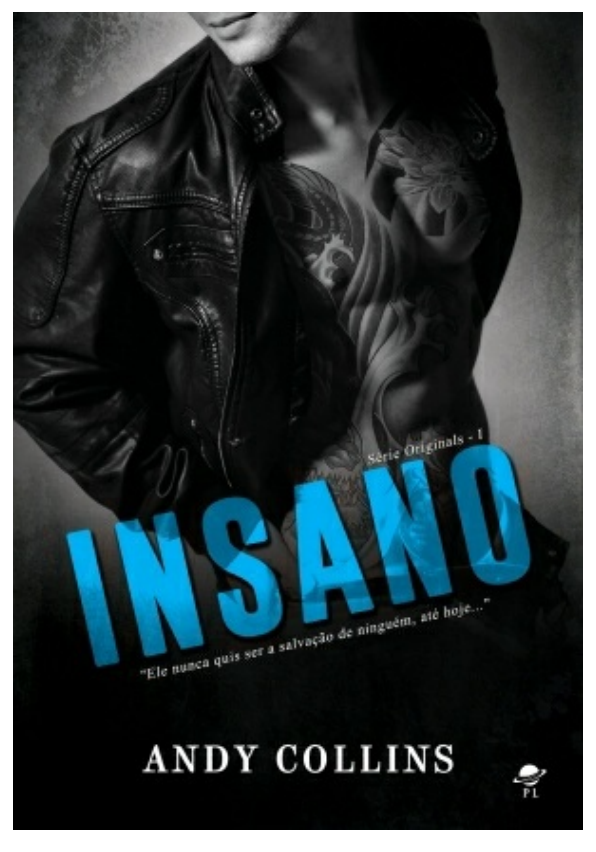
Jean Pierre ficou viúvo no dia que a sua filha nasceu devido a um assalto onde o ladrão atirou na sua esposa grávida de oito meses. Dividia o seu tempo entre cuidar da filha e administrar o seu restaurante. Para ele, o amor nunca mais aconteceria, pois o seu coração estava fechado para outras mulheres. Até que uma estagiária maluquinha apareceu deixando a cozinha do seu restaurante de pernas para o ar.

Pode o amor juntar essas duas pessoas tão diferentes antes que se matem?

O amor pode vencer uma luta de orgulho?

Catarina e Jean Pierre são a prova de que os opostos se atraem.

[Compre agora e leia](#)



Série Originals - 1

INSANO

"Ele nunca quis ser a salvação de ninguém, até hoje..."

ANDY COLLINS



Insano

Collins, Andy
9788568292532
329 páginas

[Compre agora e leia](#)

Gael Trent Malloy é o famoso vocalista da banda de rock Originals, depois de um trágico acidente no palco que o deixa impossibilitado de andar, o sexy vocalista tenta recuperar os movimentos com a ajuda dos seus amigos. O que ele não esperava era que, ao longo dessa jornada, seu caminho cruzasse com o de Hanna Daves. A doce pintora que consegue quebrar suas barreiras sem nem ao menos mover um músculo. Com ela, ele vai descobrir que suas limitações físicas são nada diante do que a consome.

Ele nunca quis ser a salvação de ninguém, até hoje.

[Compre agora e leia](#)

Cake's Helô



UM CONTO DE **JULIE LOPO** DA SÉRIE
NOS PASSOS DO AMOR



Cake's Helô

Lopo, Julie

9788568292372

93 páginas

[Compre agora e leia](#)

Heloise tinha o sonho de abrir seu próprio negócio, uma confeitaria. Quando seu sonho se concretiza, ela consegue bem mais do que uma realização. O destino lhe traz um rapaz bonito, inteligente, talvez um pouco mal-humorado demais. Mas o que fazer quando não se tem vontade de beijar alguém? Será que ele conseguiria derrubar suas barreiras e provar para Heloise que se jogar de cabeça em um relacionamento tem suas vantagens? E Heloise poderia mostrar o lado doce da vida para um policial rabugento?

[Compre agora e leia](#)

JANICE GHISLERI

QUANDO OS LOBOS
choral
OS LOBOS DE ESTER



Quando os lobos choram

Ghisleri, Janice
9788568292648
381 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dois amigos lobos escondem um segredo que quebra suas almas.

Jessy, irmã do alfa, é tão bela que todos têm vontade de suspirar ao vê-la. Mãe da pequena humana, Lili, que é sua vida, luta duramente com as marcas profundas que anos de cativo e estupro deixaram. Mesmo encontrando seu companheiro de alma, Sasha, o mercenário que ajudou a libertá-los dos laboratórios, ela tem dificuldades de vencer seu trauma e aceitá-lo.

Kirian, um lobo forte e feroz, ornado com seu kilt, guarda muita raiva e traumas em seu coração. Raiva pelo que fizeram a ele e aos seus, por ter encontrado sua companheira, Annelise, mas que pertence a outro homem, raiva e remorso pelos segredos que guarda. A solidão o consome e usa seu trauma de comida para se distrair, assim como as lutas de espadas e adagas.

Agora, tanto Kirian quanto Jessy chegaram ao ponto que precisam se libertar de seus pesadelos e seu passado e lutar pelos seus companheiros, nem que para isso precisem reviver seu inferno e revelar seus segredos.

[Compre agora e leia](#)

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man is on the left, shirtless, with dark hair and a slight stubble. The woman is on the right, with long dark hair, wearing a black top with a gold pattern. They are both smiling and looking at each other. The background is a soft, out-of-focus outdoor setting.

L E N N Y S I L V A

RENASCER
PARA
Amar

SÉRIE
IRMÃOS DE ANGELI
VOLUME 1

Renascer para amar

Silva, Lenny

9788568292679

483 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sienna Martinelli nunca conheceu o amor. Perdeu a razão de sua existência logo ao nascer.

Viveu seus dias em função de seu pai, e, agora, ele também a deixou. No coração de Sienna, só existia um sentimento: dor. Mas ninguém nasceu para viver só.

E era assim que ela se sentia... Perdida e solitária. Até ser encontrada por um homem misterioso que lhe trouxe necessidade, paixão e desejo. E, como algo arrebatador, ele chegou e logo partiu. Porém, ela precisou ir tão longe para reencontrar quem lhe deu o seu maior presente, quem a fez renascer.

Enrico Martins De Angeli era um homem feliz, realizado e completo até perder a razão de sua vida. As feridas ficaram marcadas não só em sua pele, mas também em sua alma. Porém, ele ainda respira. E se entregou ao que lhe restava: a escrita. Rico viveu na escuridão até ela chegar... trazendo luz. Trazendo sentido. E o inspirando... E o fazendo crer outra vez. Sienna e Enrico são dois corações despedaçados, unidos pelo destino. E eles irão descobrir que há uma segunda chance na vida e no amor. Juntos, terão que renascer para amar.

[Compre agora e leia](#)